

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Flávio Py Mariante Neto

**DA ACADEMIA DE BOXE AO BOXE DA ACADEMIA:
um estudo etnográfico**

**Porto Alegre
2010**

Flávio Py Mariante Neto

**DA ACADEMIA DE BOXE AO BOXE DA ACADEMIA:
um estudo etnográfico**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção de título de mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Prof. Dr. Marco Paulo Stigger

**Porto Alegre
2010**

Flávio Py Mariante Neto

**DA ACADEMIA DE BOXE AO BOXE DA ACADEMIA:
um estudo etnográfico**

Conceito final: _____

Aprovado em 30 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Fernandes Vaz – UFSC

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner – UFRGS

Prof. Dr. Francisco Xavier de Vargas Neto – São Judas Tadeu

Orientador – Prof. Dr. Marco Paulo Stigger – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à academia em que realizei essa pesquisa, a todos os freqüentadores e interlocutores, que me possibilitaram produzir essa dissertação e , mais do que isso, me proporcionaram e ainda proporcionam momentos de amizade, trocas de experiências e confraternizações dentro e fora da academia. Apesar de freqüentar o local há tanto tempo, ainda me surpreendo positivamente com o que o *mundo prático* tem a oferecer em relação à complexidade das relações humanas. A todos: Muito Obrigado.

Ao meu professor de boxe, que me ensinou muito mais que uma luta, me tornou professor, e, mais importante, me ensinou que devo ter disciplina, seriedade (sem perder o humor) e dedicação em todas as tarefas que me propuser a realizar.

Ao meu orientador, que acreditou em um recém-formado, que se propôs a realizar um trabalho sobre boxe, esporte tão desacreditado e tão pouco estudado. Além disso, me abriu as portas da ciência e possibilitou que eu crescesse intelectualmente, indicando leituras, sugerindo tarefas e orientações que fizeram com que eu me desenvolvesse como pesquisador e como ser humano. Stigger: Muito Obrigado por tudo. Foi um prazer e um orgulho ter sido teu orientando.

Ao Grupo GESEF, pela dedicação em ler minha pesquisa, sugerir modificações, elogiar e criticar, sempre de forma respeitosa, sempre no intuito de melhorar e acrescentar discussões sobre o que estava sendo feito. Todos que participaram do grupo durante a realização do meu trabalho (bolsistas, mestrados, mestres, doutores e doutorandos) que se sintam tocados pelas minhas palavras.

Aos meus pais, Sérgio e Liane, e à minha irmã, Manuela, esse trabalho também é de vocês, pois uma pesquisa não se constitui apenas por textos, dados e reflexões, mas também pelo caráter do pesquisador que se propõe a fazê-la. Neste sentido, a base e os exemplos que tive em casa foram fundamentais para encarar as angústias, desafios e inseguranças por que passei. À minha mãe, um agradecimento especial, pois se tenho exemplos na vida, tu és, com certeza, o maior deles. E a essa família vitoriosa: Muito Obrigado. Temos que comemorar muito, pois acabamos o trabalho, tivemos sucesso.

À minha namorada, Ader, que conheci no meio dessa jornada e que dividiu comigo momentos de aflição e angústia e soube entender os momentos em que estive ausente para realizar essa tarefa. Porém, mesmo estando longe, a minha admiração só fez crescer e hoje, muito mais do que uma mulher bonita, te considero um exemplo de ser humano e de companheira, no sentido mais verdadeiro dessa palavra. Estendo meus agradecimentos à tua família, pessoas tão generosas e que souberam me acolher tão bem e entender as minhas ausências.

À ESEF/UFRGS e ao PPGCMH pela oportunidade de realizar esse estudo.

RESUMO

DA ACADEMIA DE BOXE AO BOXE DA ACADEMIA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO

Autor: Flávio Py Mariante Neto
Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

Esse trabalho tem o objetivo de compreender aspectos simbólicos do boxe inserido em academias de *fitness*. A idéia surgiu da minha vivência, como professor e praticante, e também da análise de trabalhos que se preocuparam em entender esse esporte. A partir desses elementos, identifiquei uma prática com características marcantes, como: uma luta oriunda do gueto, símbolo de resistência de um núcleo social desfavorecido, e um meio predominantemente masculino. Esse boxe é diferente do que tive contado durante os anos que freqüentei uma academia de Porto Alegre. Ali, encontrava-se um grupo mais heterogêneo com alunos experientes e avançados dividindo o mesmo espaço, homens e mulheres ocupando os mesmos horários de treinamento e praticantes que vêem o esporte como atividade física, luta, defesa pessoal, entre outros. Para entender essas diferenças, recorri à Sociologia do Esporte representada por autores que entendem o esporte como uma manifestação heterogênea. Como metodologia, utilizei a etnografia, pela preocupação em investigar as questões simbólicas de um universo cultural específico. Para tanto, empreguei duas ferramentas: a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas. A apresentação dos dados inicia pela descrição do local, que se caracteriza por ser uma academia de musculação em que diversas questões simbólicas se manifestam no comportamento dos alunos e estão relacionadas com a distribuição e utilização dos equipamentos. Ao descrever a sala em que acontecem as modalidades, apresento a distribuição espacial e as rotinas relacionadas às dinâmicas de funcionamento e à organização dos treinamentos de luta. Ao perceber que as aulas de boxe são realizadas, algumas vezes, em duplas, direciono meu olhar para a temática do gênero, que dará sustentação para a primeira categoria do trabalho. Ao perguntar: como elas fazem? O que eles esperam? Percebi que é esperado um comportamento relacionado ao fazer boxe para o emagrecimento e condicionamento, e que as questões de luta são mal vistas para elas. Esse discurso se distancia das representações relatadas pelas mulheres que, apesar de se preocuparem com a estética corporal, também têm interesses em lutar. O surgimento de características das academias de ginástica conduz a pergunta título do próximo capítulo: aula de *fitness* ou treino de boxe? A partir disso, discorro sobre características do *fitness* e do boxe tradicional e concluo, também relacionando meus dados com a heterogeneidade do esporte, que a academia pesquisada é um meio *híbrido*, que apresenta elementos das duas práticas e especificidades do local. O último capítulo diz respeito às minhas modificações enquanto docente e é intitulado: do prático ao empírico: reflexões etnográficas de um professor de boxe. Assim, ao perceber a diversidade de apropriações do boxe, alterei minha maneira de atuar diversificando as atividades no intuito de direcioná-las aos objetivos dos frequentadores. Após essa trajetória, concluo que o boxe ainda é permeado por representações de violência e brutalidade. Por isso, considero importante que outros estudos no campo sociocultural se debrucem sobre essa temática.

Palavras chaves: Boxe, Heterogeneidade, Gênero, *Fitness*, Reflexividade;

ABSTRACT

FROM THE BOXING ACADEMY TO ACADEMIC BOXING: AN ETHNOGRAFIC STUDY

Author: Flávio Py Mariante Neto
Supervisor: Dr. Marco Paulo Stigger

The aim of the present study is to develop understanding of the symbolic aspects of boxing as practiced in fitness studios. This idea came from my experience both as a boxing instructor and practitioner, and also from the analysis of studies which aim for a better understanding of this sport. Based on these elements, I identified a practice with specific features such as that it is a ghetto-originated fight-form, a symbol of resistance by the socially underprivileged, and a predominantly male response. This kind of boxing is quite different from the one I experienced during the time I practiced in a fitness studio in Porto Alegre, where the group was much more heterogeneous. There, experienced fighters shared the training room with beginners; men and women practiced together, and those taking part saw it, for example, as a way to get some exercise and to learn personal defense. To understand these differences, I consulted authors in sport sociology, who see it as an activity satisfying different needs. In terms of methodology, I used ethnography which seeks to explore questions of symbolism within a specific cultural framework. For this purpose, I used two different approaches: participative observation and semi-structured interviews. Data presentation begins with a description of the locality, which is usually a weight-lifting studio in which a number of symbolic issues arise that are related to student behavior and the distribution and use of the equipment. When describing the space where things happen, I show the spatial layout and the routines related to the functioning and organization of fight training. Observing that those attending boxing lessons sometimes work in pairs, I turn to the gender debate, which gives material for the study's first section. On enquiring: Why do women box? What do they hope to gain? It is thought by most people that women look at boxing primarily as a way of losing weight and improving physical condition, and that they look down on boxing as a fight form. This view is different from that expressed by women themselves who, besides their interest in the aesthetics of physique, are also interested in fighting. The growth of characteristics in weight-lifting academies leads to the issue discussed in the next chapter: fitness lesson, or fight training? Starting from this point, I discuss aspects of fitness training and traditional boxing, and take into account my data on the heterogeneity of the sport, arriving at the conclusion that the research gym is a *hybrid* environment, showing elements of both practices and environmental specificities. The last chapter relates to my transformation as a boxing instructor and is entitled: From the practical to the empirical; ethnographic reflections of a boxing instructor. Thus, having seen the various ways for which boxing is used, I change my approach, extending activities to be directed towards the practitioners' expectations. After this study, I get to the conclusion that boxing is still permeated by ideas of brutality and violence. For this reason, I conclude that it is important for studies in the social and cultural fields to embrace the subject.

Key words: boxing, heterogeneity, gender, fitness, reflexion

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O <i>jab</i> sendo aplicado nas manoplas	49
Figura 2 - O cruzado	50
Figura 3 - O <i>Upper</i>	50
Figura 4 - O treino de espelho.....	51
Figura 5 - Aluno fazendo <i>speed bag</i> , ao lado pode-se ver o armário onde ficam dispostos alguns equipamentos de boxe e , à frente, quadros ilustrativos, mostrando a maneira correta de utilizar o equipamento e de como colocar a atadura.	51
Figura 6 - Em primeiro plano, o aluno trabalhando no "vermelho" e, ao fundo, o exercício no teto-solo ao lado do <i>speed bag</i>	52
Figura 7 - A corda amarela e o trabalho de esquivas e golpes.....	52
Figura 8 - Corda de pular.....	53
Figura 9 - Um aluno segurando a manopla para o outro bater	54
Figura 10 - Alunos iniciantes treinando no bob	54
Figura 11 - Em primeiro plano, duas alunas treinam no saco de pancada grande, com as luvas pequenas. Ao fundo, o saco de pancadas pequeno.....	55
Figura 12 - "Movimentação" com o colete, treino com o uso de luvas grandes.....	55
Figura 13 - Marcelo, praticando o "boxe da academia".....	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO	15
2.1	Boxe e suas representações	15
2.2	Wacquant e o Boxe	20
2.3	Boxes: um olhar plural	25
3	QUESTÕES DE PESQUISA.....	31
4	METODOLOGIA: OPÇÃO ETNOGRÁFICA	32
5	O CAMPO DE PESQUISA	41
5.1	A sala.....	47
5.2	Golpes, exercícios e equipamentos.	48
5.2.1	Sala de boxe?.....	56
5.2.2	O treino.....	60
6	COMO ELAS FAZEM? O QUE ELES ESPERAM?	67
7	TREINO DE BOXE OU AULA DE FITNESS?	78
7.1	As academias de <i>fitness</i> : lugares de realimentações simbólicas	80
7.2	As lutas e o simbólico	83
7.3	O Boxe da academia.....	85
7.4	Desesportivização do boxe?.....	91
8	DO PRÁTICO AO EMPÍRICO: REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR DE BOXE	98
9	CONCLUSÃO.....	108
	REFERÊNCIAS	115
	APÊNDICES	121

1 INTRODUÇÃO

O boxe representa o paradoxo de ser, quem sabe, o esporte mais amplamente reconhecido do mundo e, no entanto, o mais profundamente desconhecido [...] é difícil pensar uma prática desportiva que se mitificou tão afundo e foi tão pouco estudada pelos cientistas sociais. (WACQUANT, 2007, p. 13)

Há oito anos, dedico-me à prática do boxe em algumas academias de Porto Alegre e, nos últimos quatro, passei também a ensinar essa luta. A observação do mundo das artes marciais desde o seu interior fez-me perceber que as pessoas praticam essa atividade por diferentes motivos. Essa diversidade de interesses foi o que primeiro despertou-me a curiosidade de investigar o tema.

Durante a realização do meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS (MARIANTE NETO, 2008), constatei a escassez de pesquisas que esclarecessem certos questionamentos que eu, como praticante e professor de luta, fazia. Mais tarde, ao ingressar no programa de mestrado, procurei direcionar meu trabalho no sentido de entender o funcionamento de um lugar específico onde o boxe é praticado para que, agregando essa pesquisa à literatura já existente sobre os esportes de combate, se desenvolvam outras teorias sobre as questões culturais envolvidas nas lutas.

Sabe-se que o esporte de rendimento tem lugar de destaque em diversos estudos no campo científico; porém, acredito que analisar uma prática esportiva com base apenas na *performance* é reduzir a sua complexidade. As pessoas atribuem diferentes significados às atividades corporais: lazer, aptidão física, socialização, saúde, entre outros. Stigger (2007) relata, em seu estudo com praticantes portugueses de futebol e voleibol, que, nos espaços públicos de lazer onde jogavam, havia diferenças nos significados atribuídos por eles a esses esportes; e que, além disso, as práticas estudadas diferenciavam-se da lógica do esporte praticado na sua concepção “oficial”. Dentre os sujeitos pesquisados, havia aqueles preocupados com o resultado esportivo, pessoas interessadas apenas no divertimento, entre outras motivações. Não se podem generalizar esses dados, mas os resultados apresentados abrem um caminho para que mais estudos sobre o assunto sejam desenvolvidos.

As lutas constituem um tema ainda nebuloso dentro da pesquisa em Educação Física, a qual vem voltando o seu olhar mais para o boxe de rendimento do que para o boxe com uma abordagem social ou histórica de diferentes ambientes em que ele é praticado. Minha vivência

nesse esporte mostrou-me que estudos que se propusessem a entender as relações sociais envolvidas no cotidiano dos praticantes poderiam contribuir não apenas para a produção de conhecimento acadêmico, mas também para que os professores de Educação Física e de artes marciais pudessem compreender o funcionamento de um local onde as lutas são praticadas.

Admitindo que o esporte seja uma manifestação plural, repleta de variantes e de peculiaridades que envolvem os diferentes locais em que ele ocorre, é preciso promover uma discussão sobre a diversidade do esporte. Para tanto, lanço mão de alguns autores da área das ciências sociais, como Padiglione, para quem “o esporte constitui um cenário contínuo sobre a vida e a experiência cotidiana, porque tem a capacidade de reproduzir uniformidades (regras que legitimam) e diferenças em localidades definidas” (PADIGLIONE, 1995, p. 33). Com base nessa afirmação e nas de outros autores que serão citados no decorrer deste trabalho, acredito ser o esporte uma manifestação social e cultural que transforma o universo onde está inserido e, ao mesmo tempo, dele recebe influências que o transformam.

Com essas idéias e questionamentos, propus-me a realizar uma pesquisa sobre o boxe a partir de um olhar que expressasse uma preocupação também justificada pelos trabalhos já realizados. Um ponto de partida é o estudo de Wacquant (2002), uma referência em estudos etnográficos dos esportes de combate, não só pela riqueza de detalhes que oferece na análise do *gym*¹, como também pelo discurso sociológico inserido em suas páginas. Nesse estudo, o autor buscou identificar as relações envolvidas entre o gueto americano e o esporte. Wacquant realizou um trabalho etnográfico de três anos em um ginásio de boxe, treinando, realizando entrevistas e participando de lutas como atleta e como *segundo*². O pesquisador procurou compreender as relações entre o gueto e o universo do boxe, a organização do ambiente, as relações de poder existentes e como os resultados da sua pesquisa poderiam dialogar com a Sociologia. Também se preocupou em entender o boxeador, enfocando os significados de sua inserção e permanência na luta, bem como suas representações de corpo; utilizado como uma ferramenta de trabalho que deveria ser cuidada para que lhe assegurasse sucesso na profissão. Além disso, encontrou um ambiente de predominância masculina, observação também feita em outros estudos sobre esportes de combate que serão analisados em minha pesquisa.

Cabe advertir, no entanto, que a investigação de Wacquant foi específica de uma região onde um determinismo social pode fazer com que o significado do boxe para os

¹ Assim denominado no trabalho, é o local destinado à prática do boxe.

² Expressão utilizada pra designar o indivíduo que acompanha o lutador durante o combate. Cabem ao segundo as funções de orientar as ações de defesa e ataque do boxeador no decorrer da luta, e tratar dos seus eventuais ferimentos.

lutadores seja mais homogêneo: um esporte vinculado às classes sociais desfavorecidas do gueto dos EUA e que visa a oportunizar aos seus praticantes a saída da situação em que se encontram, ou seja, uma possibilidade de ascensão social. Essa visão está presente na maioria dos estudos por mim analisados, sobre os quais passo a refletir a seguir.

O que importa neste momento é reconhecer que o boxe com o qual tive contato não é do gueto, não tem essas características e, parece-me, passou pelo que Pociello (2005) chama de “mutação”, configurando um novo formato esportivo. A academia onde treino atualmente e onde concentrei minha investigação não é específica desse esporte, o que já constitui a primeira diferença entre esses dois lugares e direcionou meu olhar como pesquisador. O *gym* é um local exclusivo para a prática do boxe, para onde os praticantes dirigem-se com esse objetivo único.

Na referida academia, há várias opções de atividades (musculação, ginástica, jiu-jítsu, etc.) entre elas a prática do boxe, que ocupa um espaço diferente daquele ocupado no *gym*. A modalidade é oferecida em vários horários, distribuídos nos turnos da manhã, tarde e noite. Uma diferença importante é que, diferente do *gym*, que é caracterizado pela presença somente de homens durante os treinamentos, nesse contexto homens e mulheres freqüentam aulas mistas. No espaço de boxe tradicional, os indivíduos estão atentos às competições e lutas de boxe amador e profissional e aos treinamentos e rotinas de vida que objetivam forjar-se como um atleta/boxeador e outros fatores que serão relacionados posteriormente. Na academia, os alunos se diferenciam desse discurso, tendo, em princípios, objetivos diferentes como: lazer, atividade física, estética, entre outros.

Essas primeiras constatações deram origem a outras questões: Quais, então, são os motivos dessa escolha? Como seus alunos pensam o boxe nessa academia? Como se dão as relações nesse espaço do boxe inserido nesse contexto, e como as coisas acontecem? São essas perguntas que norteiam a investigação, entre outras que serão apresentadas na problematização desta pesquisa.

O intuito desta pesquisa é, pois, discutir as relações de significados existentes na prática do boxe em uma academia de Porto Alegre que ofereça esse esporte como uma entre outras atividades oferecidas. Para tanto, imergi no campo de pesquisa durante sete meses realizando observações registradas em diários de campo e entrevistas semi-estruturadas com alunos e professores desta academia. Durante esse período, atuei como professor e aluno³, nas

³ A minha participação no campo de pesquisa como pesquisador e minha vivência anterior na academia como professor e aluno serão discutidos no capítulo que abordará os aspectos metodológicos do trabalho e no último capítulo, onde desenvolverei reflexões referentes às minhas modificações na relação com a academia.

aulas de boxe, registrei conversas, dinâmicas de aula, movimentos dentro e fora da academia, fiz entrevistas nas casas dos alunos, na própria academia e na rua. Foi dessa forma que obtive dados que me permitiram realizar a minha dissertação, com vistas a oferecer material empírico capaz de sustentar as minhas interpretações. Ainda, para descrever a minha percepção sobre um mundo que se tornou novo para mim, apesar de tê-lo vivido tanto tempo antes de escrever essa dissertação, tento inseri-lo na perspectiva de escrita antropológica, pois como afirma Colucci (2006, p. 383), escrever é “elaborar um conhecimento que é novo para o sujeito que escreve e ao mesmo tempo o faz transitar num campo marcado por uma tradição, a acadêmica”.

Portanto, a partir desses dados e das formulações teóricas desenvolvidas durante a minha passagem pelo Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS, no qual tive a possibilidade de conhecer autores, discutir em sala de aula, conversar com professores e colegas dentro e fora do ambiente acadêmico e, assim, desenvolver minha capacidade teórica e argumentativa, elaborei esse trabalho de pesquisa, que foi dividido em três grandes partes. Apresento, então, um resumo das idéias contidas em cada parte do texto, com o intuito de mostrar a seqüência que conduzirá a leitura desse trabalho e os motivos pelos quais pensei o seu desenvolvimento.

A primeira atende a uma necessidade de entender como o boxe é representado na sociedade, como esse esporte é visto nos diferentes meios de comunicação, e aqui me utilizo da literatura e dos livros, e como, dentro do debate acadêmico, ele é entendido.

O primeiro capítulo é voltado para esse olhar e é dividido em três subcapítulos. O primeiro trata no boxe representado nos cinema e nas biografias sobre lutadores. Para mostrar essa visão acerca do boxe, me utilizo de filmes que tiveram grande alcance de público e de mídia, e que também são os mais citados nas minhas entrevistas com os praticantes⁴. Após esse olhar para sociedade *em geral*, preoquei-me em compreender como o boxe aparece no debate acadêmico. Para tanto, fiz uma revisão dos trabalhos de Waququant, principal etnógrafo e pesquisador mais citado nos trabalhos sobre lutas, realizando, também, um cruzamento dos seus dados com outras pesquisas que envolveram esportes de combate. Fiz isso com o objetivo de oferecer um panorama⁵ dos elementos e categorias envolvidos nesse tipo de esporte.

⁴ As partes das entrevistas supracitadas serão apresentadas no desenvolvimento do capítulo.

⁵ A palavra “panorama” foi utilizada por mim em artigo publicado sobre um levantamento de etnografias realizadas no Brasil sobre lutas. Ver Mariante Neto (2009).

Feitas essas análises e encaminhando o texto para a apresentação do problema de pesquisa, proponho uma reflexão sobre o esporte visto sobre a luz de sua diversidade. A partir de diversos autores que entendem os fenômenos esportivos sobre a ótica da pluralidade, apresento o esporte através de suas diferentes manifestações, legitimados por algumas características que dão a eles universalidades⁶, porém com uma diversidade em relação aos significados e dinâmicas de desenvolvimento, estas sim, heterogêneas em relação ao seu *público* e ao local onde se pratica.

Desse cruzamento teórico, entre as representações tão homogêneas do boxe e a diversidade de entendimentos e configurações refletidos nos estudos de autores da sociologia e antropologia do esporte, assim como da minha experiência em um local diferente do que é hegemonicamente difundido acerca do boxe, nasceram as minhas questões de pesquisa. Elas se pautam na pretensão de entender a diversidade do boxe, considerando, inicialmente, que existe uma prática originária do gueto, praticada no *gym*, vinculada à ascensão social e representada como um ambiente masculino, fortemente competitivo. Mas se, por um lado isso é verdade, por outro, é possível perceber que existe, também, o boxe praticado em academias, freqüentadas por homens e mulheres de diferentes classes sociais, que, juntos, praticam essa modalidade muitas vezes sem objetivos competitivos e, principalmente, sem o interesse de fazer do esporte um meio de vida.

Para tentar responder a esses questionamentos, escolhi a etnografia como ferramenta metodológica para a realização da pesquisa; é sobre isso que reflito nos próximos dois capítulos do trabalho. No primeiro, justifico o uso do olhar etnográfico e a escolha das ferramentas que utilizei (observações participantes e entrevistas) através de autores clássicos dentro da pesquisa qualitativa. A partir disso, descrevo como se deu a minha escolha e entrada no campo.

No capítulo seguinte procurarei inserir o leitor no local onde foi realizado o trabalho. Numa perspectiva descritiva, buscarei mostrar como se dá a distribuição física no espaço que comporta a academia e suas rotinas (registradas em diários de campo), assim como aspectos relativos ao uso dos equipamentos. Além disso, trarei algumas informações sobre os golpes utilizados durante as aulas de boxe (linguagem, descrições) para que sejam compreendidos quando estes forem citados durante as apresentações das categorias que surgirão a seguir.

⁶ Padiglione fala dessas universalidades como “regras que legitimam” (1995, p. 33) No boxe, poderíamos falar do: uso de luvas, de ataduras, não poder acertar o adversário com outras partes do corpo além dos punhos e tipos de golpes que se repetem em diversos locais onde a prática acontece, por exemplo.

A primeira delas tratará da questão do gênero dentro da academia, refletidas na dinâmica das aulas e nas declarações sobre o assunto durante as entrevistas e as conversas registradas nos diários de campo. A partir de elementos oriundos dessas discussões, dissertarei sobre a hibridação⁷ materializada nas observações e entrevistas realizadas com os participantes, tendo como base teórica uma visão da sociedade de acordo com algumas ressignificações e negociações entre dois aspectos culturais diferentes, formando uma nova prática, no caso da academia pesquisada, entre o *fitness*⁸ e o boxe de rendimento. Nesse capítulo, também tratarei da heterogeneidade do esporte, relacionando os autores que se debruçam a compreender essa temática com os dados da dissertação.

A seguir, a última categoria discutida no trabalho tratará sobre a reflexividade, ou seja, daquilo que resultou a minha interação no/com o campo de pesquisa, no que se refere à minha atuação como professor. Em diálogo com alguns autores que propõem a etnografia como ferramenta pedagógica, trarei para o debate acadêmico um depoimento sobre as mudanças ocorridas nas minhas aulas de boxe e a minha conseqüente mudança como professor. Ao término do capítulo, trarei as minhas considerações (finais?) sobre o trabalho que desenvolvi.

⁷ Este termo é utilizado por Canclini (2008) e será mais bem explicado durante o referido capítulo.

⁸ Emprego o termo *fitness* como uma palavra nativa. Neste sentido, atribui-se esse nome para os espaços em que são oferecidas várias atividades como lutas, musculação e ginásticas onde o objetivo, em princípio, é atingir a “boa forma”.

2 PROBLEMATIZAÇÃO DO ESTUDO

Após fazer as primeiras considerações sobre a pesquisa, pretendo, nesse capítulo, descrever como se desenvolveu a problematização desse estudo. Faço isso através de três subcapítulos: o primeiro deles tratará das representações do boxe na sociedade, para tanto, analisarei alguns filmes sobre essa temática e biografias sobre lutadores. A seguir, analisarei alguns trabalhos acadêmicos com o intuito de compreender como o esporte é tratado pelas ciências sociais, para isso utilizo os trabalhos de Wacquant. Por fim, apresento alguns autores que se dedicam a entender como o esporte pode ser visto através de sua pluralidade.

2.1 Boxe e suas representações

O objetivo de trabalhar com as representações sociais é compreender elementos nos discursos sociais que caracterizem certa prática. Segundo Jodelet (1993, p. 10), “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

O pensamento social opera de maneira dinâmica, e cabe ao cientista que se preocupe com essa análise capturar essas visões de mundo e trazê-las para o debate acadêmico. Nesse sentido, a Teoria das Representações Sociais (TRS) tem a finalidade de retirar do senso comum, ou universo consensual, e trazer para o universo científico, ou reificado, elementos que traduzam as construções referentes aos mais diversos aspectos (ARRUDA, 2002). A TRS é uma interpretação científica da realidade, um olhar voltado para os fenômenos que orientam e conduzem comportamentos.

Na presente pesquisa, utilizo essa teoria para entender o que é o boxe e quais são os aspectos simbólicos nele envolvidos. Com esse objetivo, comento alguns filmes em que esse esporte é o tema principal ou, pelo menos, está presente em seus enredos. Ao mesmo tempo, apresento alguns estudos sobre esportes de combate e biografias de alguns lutadores relacionando essas obras com os resultados da análise dessas representações.

O esporte no cinema pode representar um entendimento que vai além das práticas esportivas e refletir idéias que nos permitam compreender também a sociedade (MELO,

2005). Essas representações dão sentido aos elementos que conceituam (HERZLICH, 2005) e merecem ser analisadas para entender como o boxe é concebido.

Melo e Vaz (2005), no trabalho “Cinema, corpo e boxe: notas para pensar a relação boxe e sociedade”, referem-se ao esporte como uma possibilidade de transformação social. Também citam que o cinema geralmente apresenta o protagonista de um filme como um indivíduo da classe menos favorecida o qual tenta ascender socialmente por meio desse esporte, mesmo convivendo com a exploração dos agentes e dos empresários. Essa afirmação é corroborada em três filmes que apresento a seguir.

O primeiro deles é “Rocky, o lutador”, que teve grande visibilidade em sua época e foi agraciado com três *Oscars*: Melhor Filme, Melhor Direção (John Avildsen) e Melhor Montagem (Scott Conrad). No mesmo ano, recebeu ainda outras sete indicações: Melhor Ator (Sylvester Stallone), Melhor Atriz (Talia Shire), Melhor Ator Coadjuvante (Burt Young e Burgess Meredith), Melhor Roteiro Original, Melhor Canção Original (*Gonna fly now*) e Melhor Som (MELO, 2008).

O drama conta a história de um boxeador do gueto da cidade da Filadélfia, nos Estados Unidos. Rocky é um lutador peso pesado desacreditado por seu treinador. Além de lutar em clubes da periferia em troca de escassa remuneração, trabalha na ilegalidade como cobrador de dívidas para um agiota que empresta dinheiro aos portuários da cidade. Em razão de uma luta promocional em que o campeão mundial o sorteia como oponente, Rocky tem a chance de lutar pelo título e acaba vencendo, ganhando dinheiro e saindo da condição social em que se encontrava.

Porém, o filme também mostra uma realidade mais comum: diferentemente de Rocky, que conseguiu uma luta que lhe rendeu visibilidade social, outros praticantes continuavam lutando em lugares que lhes rendiam pouco dinheiro e não conseguiam sobreviver do esporte. Flores (2001), em sua biografia de Muhammad Ali⁹, apresenta idéias semelhantes e afirma que, apesar de o esporte estabelecer-se no imaginário dos boxeadores como uma possibilidade de sair do gueto, poucos conseguem essa ascensão.

Outro drama, bem mais recente, também tematiza essas questões ao narrar a história de uma mulher praticante de boxe. “Menina de ouro” ganhou quatro *Oscars* (Melhor Filme; Melhor Diretor; Melhor Atriz, com Hilary Swank; e Melhor Ator Coadjuvante, com Morgan Freeman) e recebeu ainda outras três indicações, nas categorias Melhor Ator (Clint Eastwood), Melhor Edição e Melhor Roteiro Adaptado. A protagonista, Maggie, é uma

⁹ Tricampeão mundial de boxe peso pesado da década de setenta.

mulher de família pobre que trabalha como garçomete de um restaurante para garantir sua sobrevivência e pagar seus treinos. Num contexto de um esporte masculino, ela encontra muita resistência para conseguir treinar em uma academia de boxe tradicional (*gym*). Frankie, o técnico a quem ela pede auxílio para se estabelecer na condição de atleta nega-se a treiná-la e afirma reiteradamente que “não treina mulheres”; ele chega a sugerir-lhe outra profissão, já que *boxe é para homens*¹⁰. Depois de muita insistência, Frankie é convencido a treiná-la, e Maggie torna-se uma boxeadora de sucesso.

No filme, a dificuldade de Maggie de entrar no mundo do boxe nada tinha a ver com sua capacidade técnica, pois o treinador nunca a tinha visto lutar: devia-se unicamente ao fato de ela ser mulher. Essa dificuldade de inserção no ambiente das lutas também é reforçada em outros estudos sobre o boxe (WACQUANT, 2002; MARQUSEE, 2003) e sobre outros esportes de combate (FERRETI; KINIJINIK, 2007; LIMA; VOTRE, 2008), cujos resultados demonstram que o ambiente do boxe é predominantemente masculino.

Os dois filmes citados representam aspectos da sociedade americana. Já o drama “Billy Elliot” se passa em outro contexto. Essa é a história de um menino, filho de imigrantes irlandeses, que nasceu no norte da Inglaterra. Filho de trabalhadores de minas de carvão, o protagonista recusa-se a lutar boxe, apesar do incentivo da família, e opta por praticar balé. A vontade de dançar em detrimento da prática de um esporte dito masculino pelos habitantes da cidade gera conflitos sociais e familiares que retratam e traduzem algumas representações. O pai de Billy dá a ele um par de luvas antigas utilizadas por seu avô para que o menino continue praticando um esporte tradicional naquela comunidade e na sua família. Essa atitude representa uma tentativa de manter viva uma tradição esportiva que não se limita ao campo do esporte, mas se relaciona diretamente com um a convicção de que o menino deveria seguir a tradição de lutadores. As luvas representam um legado simbólico passado entre as gerações. Billy é discriminado por seus familiares pelo fato de querer dançar. Estes lhe dizem que o balé é “esporte de menina”, procurando, durante parte do filme, desencorajá-lo a continuar dançando. Após uma longa briga com sua família, Billy Elliot finalmente consegue tornar-se bailarino graças a sua persistência e ao incentivo da professora de balé da cidade, que o leva para Londres para estudar numa conhecida escola de dança.

Para Pocahy e colaboradores (2009), nesse filme “a dança se apresenta como uma ruptura com as expectativas sociais sobre o gênero, bem como as de sua família” (p. 123).

¹⁰ Não foi dito exatamente dessa forma no filme, mas esse era o sentido da fala do treinador, a julgar pela maneira como ele a tratava. Essa concepção de que “boxe é para homens” é corriqueira em diversos contextos sociais esportivos e provavelmente será motivo de reflexão durante a realização de minha pesquisa, uma vez que, em observações iniciais, percebi diversas mulheres praticando o boxe *da academia*.

Essa construção a partir do gênero como referência é revelada também em uma frase que se repete diversas vezes no filme: “Balé é para menina; boxe é para menino”. Arruda (2002) fala da relação binária que separa homens e mulheres em vários setores da sociedade, e aqui podemos ver que o esporte também pode sofrer essa interferência. Para Goellner (2007), “[...] os corpos, as gestualidades, as representações de saúde, beleza, *performance*, sexualidade são construções históricas que, em diferentes tempos e culturas, foram associadas aos homens e/ou às mulheres” (p. 174).

No filme, o protagonista pertencia a uma família de classe baixa, trabalhadores de minas de carvão, para quem o esporte representava a resistência do povo oprimido pela classe dominante. Essa resistência é corroborada em outra afirmação de Melo e Vaz (2007, p. 35):

O boxe era inicialmente mais preferido pelas classes subalternas. Há uma razão para tal. Com ele estavam envolvidos os imigrantes, os com pouca oportunidade de trabalho, os que moravam nos cortiços, os que suportavam mais facilmente a dor, o sofrimento, os representantes do tipo de sensibilidade “brutal” do boxe.

Nos três exemplos trazidos, podemos notar que o boxe é representado como um esporte de classe desfavorecida. Oriundo do gueto, no caso dos Estados Unidos, ou das comunidades de imigrantes, no caso da Inglaterra, ele simboliza a tentativa ou de ascender socialmente ou de resistir a uma opressão da classe dominante.

As biografias sobre boxeadores possibilitam também uma análise das representações do esporte. Durante a realização do meu trabalho de conclusão de graduação¹¹, tive acesso a três biografias sobre o boxeador Muhammad Ali. Esse lutador é uma referência tanto para os boxeadores como para os estudiosos do mundo do boxe. Segundo Wacquant (2002), “não existe *gym* que não tenha sua ou suas fotos de Ali na parede” (p. 53), Isso também se aplica à academia onde pratico e sou professor, e às academias que frequentei anteriormente.

A fama desse grande lutador ultrapassou a fronteira geográfica e simbólica dos Estados Unidos. É o que relata Norman Mailer em sua biografia intitulada “A luta”, sobre o duelo entre Muhammad Ali e George Foreman na antiga república do Zaire (MAILER, 1998). O título do livro traz a idéia de que essa luta teve um grau de importância maior do que as outras. Isso se justifica não só pelo fato de esse combate ter sido uma disputa de pesos pesados pelo título mundial: além de ser essa a categoria mais importante do boxe do ponto de vista simbólico por representar, nessa sociedade, “o título de homem mais forte e poderoso do

¹¹ Não pretendo aqui apresentar os resultados da minha pesquisa (MARIANTE NETO, 2008) e sim focar as representações presentes nos trabalhos que utilizei.

planeta” (FLORES, 2001, p. 26), a luta, travada na África, foi a primeira valendo o título mundial dessa categoria a realizar-se fora dos Estados Unidos.

No livro, o autor enfatiza a torcida da maioria do povo africano por Ali. Isso se deveu a fatores externos ao ringue: Muhammad Ali representava a resistência de uma minoria oprimida que via nesse atleta a possibilidade de ser ouvida. E por que Ali representava a voz do povo negro e oprimido por uma raça dominante, nesse caso representada por George Foreman? Para responder a essa pergunta, recorro a outras duas biografias sobre o lutador que analisam a sua carreira antes desse evento.

Em “O Rei do mundo, a ascensão de um herói americano”, David Remnick (2000) escreve sobre o começo da carreira de Ali como esportista profissional, que se mostrava um atleta irreverente, autor de frases de efeito sobre seus adversários e detentor de uma qualidade técnica poucas vezes vista no boxe profissional. No livro, Remnick narra a trajetória de Ali até a conquista do seu primeiro título mundial, em 1964, época em que já expressava algumas opiniões contrárias a padrões sociais estabelecidos.

É na biografia de Flores (2001), no entanto, que a fuga desses padrões fica mais evidenciada. A obra apresenta três passagens da vida do boxeador que o tornaram a representação de um atleta de resistência. Ali negou-se a aceitar o papel de negro subordinado a uma maioria branca que ditava as regras na sociedade da época. Assim, converteu-se ao Islamismo, na contramão da maioria cristã dominante, e recusou-se ao alistamento militar para a guerra do Vietnã. Valendo-se do seu *status* de campeão mundial de pesos pesados, fez declarações públicas contrárias a essa guerra.

Esses episódios, envolvendo a vida do lutador e sua carreira de sucesso, conferiram-lhe, então, uma imagem de símbolo da resistência de algumas esferas oprimidas da sociedade, convertendo-lhe em um exemplo bem-sucedido para aqueles que não são ouvidos, que estão à margem de uma macroestrutura dominante. Dessa forma, quando chegou à África, despertou naquele povo um sentimento de união, de visibilidade, como alguém que acompanhava e também vivia a sua angústia. Alguém que, por suas condutas, se negava a entregar-se à dominação racial e social, elemento enraizado na história daquele contexto.

Conseqüentemente, o boxe, esporte marcado por representações de resistência às desigualdades sociais de localidades específicas, passa a ter, na figura de Ali, uma dimensão maior: a representação da resistência dos oprimidos e, com a vitória do lutador, também a vitória simbólica destes sobre o domínio macroestrutural.

Pelas referências consultadas, já se podem atribuir algumas representações de um boxe que permeia o imaginário social nas suas diferentes formas de divulgação. Ele nasce de

camadas sociais oprimidas, que estabelecem com essa prática uma relação de esperança no sentido de que venha a possibilitar a esses indivíduos uma melhora de sua condição econômica e social. Também se caracteriza pela predominância masculina, construída sobre uma estrutura de pertencimento aos homens e, mais do que isso, um mundo dificilmente habitável pelas mulheres.

Durante este tópico, procurei elementos na sociedade que identificam uma forma particular de pensar o boxe. Mas como essa luta está inserida no debate acadêmico? Como ela está representada nos campos de discussão da Sociologia e da Antropologia?

2.2 Wacquant e o Boxe

Com o objetivo de entender como a ciência analisa o boxe e quais são os elementos envolvidos na interpretação dessa luta a partir de questões socioculturais, pretendo direcionar meu foco para o debate acadêmico. Devido à importância da obra de Wacquant, ensaio uma discussão de seus estudos. A opção por esse autor se justifica pela a quantidade de material empírico colhido durante sua pesquisa, que, segundo ele, foi sustentada por 2.300 páginas de diário de campo, além das entrevistas realizadas durante três anos de observação participante (WACQUANT, 2002). Seu trabalho também é bastante reconhecido no contexto dos debates acadêmicos sobre esportes de combate, sendo citado em diferentes estudos recentemente realizados (NUNES, 2007; GASTALDO, 2006; ALMEIDA e colaboradores, 2008).

A escassez de trabalhos etnográficos sobre o boxe é outro fator que me remete a ter nesse autor um eixo para dialogar com outras pesquisas sobre o tema. Mais do que isso, sua obra permite uma aproximação de um lugar onde o boxe é praticado, o que me oferecerá uma base de discussão *a priori* sobre alguns aspectos do desenvolvimento da pesquisa. Ressalto, no entanto, que, ao estabelecer algumas relações com minha investigação, as diferenças de contexto não serão esquecidas; ao contrário, elas serão mais um foco na interpretação das respostas ao problema sobre o qual agora me debruço.

Nesse sentido, escolhi falar não apenas do livro¹² que deu origem às discussões sobre os dados coletados como também de alguns textos que, embora se tenham valido da mesma vivência no *gym*, apresentaram um enfoque diferente. Para tanto, estabeleci uma ordem de

¹² O livro “Corpo e alma, notas etnográficas de um aprendiz de boxe” (2002) é a obra geralmente citada nos trabalhos.

dessa produção: em uma primeira parte, as idéias do trabalho que deu origem às demais discussões; em seguida, mais quatro textos do autor que tiveram outras abordagens. Além disso, outras pesquisas sobre lutas contribuirão com elementos para a discussão.

O estudo de Wacquant (2002) foi realizado numa academia localizada na cidade de Chicago. Essa academia situa-se no gueto, em um espaço onde a criminalidade, as poucas oportunidades profissionais e o mercado ilegal eram decisivos na vinculação dos praticantes com o esporte. Segundo o autor,

O universo relativamente fechado do boxe não pode ser compreendido fora do contexto humano e ecológico em que ele se ancora e das possibilidades sociais de que ele é portador. É, com efeito, em sua dupla relação de simbiose e de oposição com referências ao bairro e às duras realidades do gueto que o gym define-se [...] a afiliação a um salão de boxe só adquire sentido em relação à estrutura de oportunidades de vida oferecidas pelo sistema local. (WACQUANT, 2002, p. 35-36)

Podemos perceber uma conexão entre o boxe e o mundo marginalizado em que esses praticantes vivem. O *gym* é uma espécie de “santuário”, onde os boxeadores estariam protegidos dos males que acometem o ambiente. Nele, os atletas teriam uma vida mais saudável e estariam, em princípio, menos suscetíveis às práticas ilegais e criminosas como roubos, tráfico de drogas, homicídios e outras atividades comuns no bairro.

Para além do esporte e do ambiente que o circunda, Wacquant teve também a preocupação de investigar o boxeador e suas relações com o corpo (WACQUANT, 1998). Segundo os relatos publicados em sua pesquisa, os lutadores submetem-se a duras rotinas de treinamento, sofrendo um ajuste corporal para atingir uma alta *performance*. Assim, o corpo seria sua ferramenta de trabalho (Id). Além disso, sendo utilizado para se adquirir as técnicas necessárias para um ótimo desempenho no ringue, esses atletas atribuem ao corpo também as funções de máquina, que deve ser regulada por meio dos exercícios físicos extenuantes, e de arma, que pode ser afiada e, se bem cuidada, causar estragos nos adversários.

Essas representações dariam a eles não só capacidade para a luta, mas também os diferenciaria do restante dos indivíduos do bairro por atribuir-lhes um aspecto mais saudável tanto do ponto de vista biológico e físico quanto do ponto de vista social, já que estariam mais “limpos” socialmente e, assim, mais distantes da criminalidade. O sacrifício corporal exigido pela dieta alimentar e pelas duras sessões de treinamento afastaria o boxeador das práticas marginais e seria uma forma de educá-lo a ter bons hábitos, já que,

Aderindo deliberadamente aos ditados da ética do sacrifício, os pugilistas separam-se do mundo cotidiano e criam um universo moral e sensual *sui*

generis, que “eleva o indivíduo acima de si mesmo” e lhes proporciona uma vida muito diferente, mais elevada e mais “intensa” do que aquela que suas circunstâncias mundanas lhes ofereceriam. (WACQUANT, 1998, p. 93)

Gastaldo (2005) realizou uma etnografia em uma academia de *Full Contact* e apresentou resultados na mesma direção, onde o corpo constituído para fins de cuidados com a estética corporal não era bem visto pelos seus praticantes.

Já Nunes (2007) apresentou resultados contrários a essas idéias em seu estudo sobre os praticantes de MMA¹³. Nesse espaço, as relações de mercado não eram estabelecidas apenas de acordo com o desempenho no ringue: os corpos eram uma atração em si, tanto para que os atletas conseguissem patrocínios como para se destacarem em revistas temáticas.

Dentro da prática do M.M.A, o “corpo lutador” ocupa as principais atenções de parte dos atletas, treinadores, preparadores físicos, juízes, patrocinadores e da assistência porque é nele, no corpo que se apresenta no ringue, que estão centrados os vários investimentos realizados nos ambientes das academias e competições. (NUNES, 2007, p. 60)

Têm-se, então, duas representações de corpo: como um meio, lugar de refinamento de técnicas e ferramenta de trabalho; e como um fim, em que as preocupações concentram-se no próprio corpo, para que seja constituído de forma atrativa, de acordo com as representações e preceitos simbolicamente estabelecidos no contexto.

Os estudos de Wacquant vão ao encontro da primeira análise. Os sacrifícios corporais são meios de elevar o lutador a um estado não alcançado por outros indivíduos. Seu corpo seria um “templo da moralidade”, marcado por uma vida mais intensa e elevada. Inexistem, em sua obra, representações de vaidade estética ou do objetivo de ficar “sarado” como há no estudo de Nunes. Porém, esses corpos também são dominados ou, de alguma forma, utilizados por outras pessoas¹⁴ para explorá-los e ganharem dinheiro.

É dessas relações, entre os lutadores e os agentes que comandam esse mundo, que tratam os dois próximos textos analisados. O primeiro (WACQUANT, 2007) refere-se a um empresário como um traficante de carnes que negociaria as lutas de seus boxeadores para a obtenção de lucro. Fica evidente, no decorrer do texto, que há toda uma organização por trás dessa prática. O autor sugere que os resultados das lutas seriam arranjados e negociados de acordo com os interesses dos apostadores. O dinheiro comandaria as ações nesse meio; não

¹³ Mixed Martial Art ou artes marciais mistas, o MMA ficou conhecido no Brasil pelo nome de Vale-tudo.

¹⁴ Nesse caso, assim como em outros dois trabalhos de Wacquant (2000; 2007), essas pessoas seriam os empresários, que teriam o direito, mediante contratos com os lutadores, de negociar suas lutas e de pagar-lhes uma ínfima parte dos lucros.

um dinheiro limpo, mas sim manchado pelo sangue dos lutadores, que receberiam apenas uma pequena parte dele como cachê das lutas. O chamado “Blood Money” (WACQUANT, 2007, p. 89) seria, assim, o regulador das relações no boxe profissional.

As mesmas observações são feitas por Marqusee (2003), em seu artigo sobre o mundo do boxe. O autor apresenta um meio “sujo”, regido por interesses financeiros que atribuem sentidos ao esporte e o regulam.

Desde o início, o boxe foi um pote de mel para o crime. Durante o século 19, os aristocratas britânicos foram substituídos nos EUA pelos políticos e donos de jornais, sucedidos neste século pelos magnatas de relações publicitárias, homens de negócio e donos de tevês a cabo e via satélite. (MARQUSEE, 2003, p. 14)

Diferentemente do que se possa pensar, no entanto, os atletas não seriam indivíduos ingênuos nessas relações. É o que revela o próximo estudo. Wacquant (2001) mostra que eles entendem esse mundo viciado ao qual pertencem, porém continuam envolvidos nele por falta de outras oportunidades de trabalho.

A exploração por parte dos empresários é assunto corrente nos depoimentos¹⁵ dos praticantes de boxe. Os longos registros do autor dão conta de que esse mundo, envolvido por lutas arranjadas e vinculações escusas entre apostadores e empresários, não reflete uma ignorância por parte do lutador; mas sim sua convivência com esse sistema. Por que, então, esses lutadores aderem a essas relações em que eles ganham pouco dinheiro e se machucam? Por qual motivo esse mercado continua funcionando mesmo com essa espécie de escravidão vivida pelos lutadores?

Para tentar responder a essas perguntas, passo à análise do último estudo (WACQUANT, 2003). Trata-se de uma entrevista com um morador de uma parte perigosa do bairro onde se situa o *gym*. Segundo o morador, a exploração sobrevive por questões relacionadas às poucas oportunidades de ascensão social e de independência financeira existentes no bairro. Mesmo nessa condição, os lutadores ainda vêm na sua prática esportiva a oportunidade de fuga daquela situação social.

Portanto, analisando os trabalhos de Wacquant oriundos da sua pesquisa, pode-se ter uma noção das relações presentes no mundo do boxe e dos significados a ele atribuídos. Os lutadores utilizam-se do esporte como uma forma de se proteger dos problemas sociais do seu meio. Para tanto, treinam seu corpo arduamente o que parece representar uma tentativa de

¹⁵ No trabalho, expressões como “mercadores de carne”, “cafetões” e “exploradores” são constantes na fala dos lutadores, o que demonstra um entendimento da situação de exploração vivida por eles.

“moralização” do seu objeto de trabalho. No que se refere às relações com os empresários, são explorados por esses agentes, que regulam a realização das lutas e detêm o poder sobre elas. Apesar de entenderem o funcionamento desse mundo corrompido, os boxeadores continuam fazendo parte dele porque lutar representa uma das poucas oportunidades de sair de uma situação social e financeira desfavorável.

O boxe apresentado nas obras referidas, tanto os dados etnográficos por Wacquant quanto os filmes e as fontes literárias que falam da vida de boxeadores, reflete a imagem de um esporte violento, envolto numa atmosfera viciada, utilizado como um trampolim social. Essa representação também parece estar instalada no senso comum.

Atualmente, contudo, outro boxe se insere em algumas academias, como, por exemplo, na que treinei durante oito anos. Esse boxe apresenta condições diferentes dessas que foram citadas. Nesses espaços, há mulheres praticantes, indivíduos que treinam sem o objetivo de lutar, que se utilizam da prática como atividade física, entre outros interesses. A idéia homogenizadora e naturalizada de uma prática agressiva, violenta e masculinizada deve, portanto, ser questionada.

Depois de analisadas algumas referências da literatura, do cinema e de estudos acadêmicos, pretendo aqui estabelecer algumas relações entre o boxe *da academia*¹⁶ e aquele encontrado na obra de Wacquant. Esse exercício preliminar permitirá perceber que esse último tem características muito similares às do boxe representado em filmes e na literatura. No quadro 1 (próxima página), é possível perceber semelhanças e diferenças entre distintos *tipos de boxe*¹⁷.

Estabelecido esse panorama hipotético e preliminar de comparação, resta dizer como essa construção pode ser lida à luz dos debates que circulam na Sociologia do Esporte. Para tanto, volto meu olhar para a diversidade do esporte e procuro entender, com base em estudos que versam sobre o tema, como ele pode ser reapropriado e ressignificado de acordo com o espaço onde se realiza e o público que o pratica. É este, pois, o objetivo do próximo subcapítulo: discutir como essa pluralidade que parece existir no boxe pode ser dialogada com

¹⁶ Utilizo a expressão: *boxe da academia* e não *boxe na academia* porque o primeiro representa o boxe (re) apropriado por este espaço, com uma lógica própria de funcionamento. O segundo seria o boxe inserido na academia, porém, como uma reprodução das representações do boxe de rendimento. Na mesma direção, a discussão sobre o uso do esporte “na escola” ou “da escola” foi realizada por Vago (1996).

¹⁷ Não é meu objetivo inferir, com este trabalho, que existam apenas dois tipos de boxe: (o praticado em academias e o praticado nos ginásios localizados no gueto). Isso seria negar a diversidade de manifestações esportivas existentes. Ao fazer esse diálogo, não pretendo estabelecer uma relação dicotômica entre as duas manifestações e sim estabelecer diferenças e semelhanças que ajudem a oferecer uma visão mais ampla do boxe, não limitada ao boxe profissional.

algumas teorias e, a partir disso, explicar como foram construídas as minhas questões de pesquisa.

BOXE EM WACQUANT	BOXE EM ACADEMIAS
Esporte relacionado à ascensão social e <i>status</i> social (“saída profissional”).	Esporte como lazer, busca de “forma física”, entre outros interesses.
Boxe é a única prática.	O boxe é praticado num espaço onde se praticam também outras modalidades.
Predominantemente masculino	Praticado por homens e mulheres.
Corpo visto como uma arma, uma máquina e uma ferramenta.	Saúde, estética, forma física?
Cenário social de escassas oportunidades de trabalho, onde a pobreza está refletida na vida de todos os praticantes do <i>gym</i> .	Cenário com diferentes classes sociais.
Grupo com características homogêneas.	Grupo com características heterogêneas.

Quadro 1 – Relação entre o boxe apresentado nos textos de Wacquant (1998; 2002) e o encontrado em academias

2.3 Boxes: um olhar plural

Nos anos setenta, o boxe figurava entre as disciplinas que compunham o currículo do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRGS (TRUZ; NUNES, 2007). Em seu estudo, esses autores apresentam uma tendência de desaparecimento dos esportes de combate dentro do currículo acadêmico desta universidade.

Tal tendência pode refletir certa despreocupação teórica sobre o assunto, pelo menos no que se refere à formação do professor de Educação Física. Sem essa atenção, esse professor não disporá de bases sólidas para entender o funcionamento desses esportes; apenas terá impressões sobre eles, as quais se darão predominantemente sob o olhar do senso comum. Isso abre a possibilidade de que ele desenvolva estereótipos e preconceitos referentes às lutas e aos lutadores, os quais podem, num efeito “bola de neve”, ser repassados a seus alunos.

As ciências que se preocuparem em focar o funcionamento dos esportes de combate contribuirão com um maior aporte teórico para o desenvolvimento dessa modalidade. Com isso, seus praticantes e professores, formados ou não nas escolas de Educação Física, terão mais elementos para seu ensino e a aprendizagem.

Não é meu intuito negar o tipo de boxe que tão amplamente é descrito na literatura: uma prática masculina, competitiva, “de contato” físico e como uma possibilidade de ascensão social para pessoas do gueto. Porém, tamanha é a quantidade de filmes, livros e

artigos já produzidos sobre ele que pode parecer que essa prática já esteja totalmente “entendida”, haja vista sua representação¹⁸ muito difundida no senso comum e mesmo no meio acadêmico. É preciso reconhecer que, no contexto brasileiro, diferentemente de alguns esportes de combate sobre os quais já foram realizados estudos¹⁹ com viés sociológico ou histórico e preocupados com uma compreensão particular de significados, o boxe ainda carece de aprofundamentos nessas áreas.

A discussão, pois, que permeia e orienta este trabalho é a heterogeneidade esportiva. Todavia, é preciso deixar claro que não tenciono neste estudo pôr em dúvida essa pluralidade ou atestar, com base nos resultados obtidos, se ela existe ou não. É minha posição, sim, assumir, apoiado em alguns autores como Elias (1985), Stigger (2007), Pociello (2005), Bourdieu (1986) e Padiglione (1995), que essa diversidade existe e se faz sentir também no mundo das lutas. Resta, então, perguntar: Como se materializa essa diversidade? Como ela se comporta?

Na busca por respostas a esses questionamentos, opto pelo caminho da análise sociocultural, pautado por bases teóricas específicas, e recorro a suas ferramentas de investigação para entender um contexto diferente de manifestação do boxe: o *boxe da academia*. Nesse sentido, meu foco de investigação será a (aparente) diversidade de pessoas que o praticam nesse espaço e os diferentes significados por ela atribuídos ao boxe.

Em minhas leituras, não encontrei estudos que discutissem especificamente a diversidade do boxe, mas sim vários autores que colocaram em debate a diversidade do esporte em geral. Stigger foi um deles. Esse pesquisador promoveu uma discussão sobre duas visões teóricas do esporte (STIGGER, 2007). Um primeiro grupo considerava o esporte de uma forma única, possuindo, assim, uma visão homogênea desse fenômeno. Nessa perspectiva, ele poderia ser explicado mediante uma reprodução objetiva de uma sociedade mais ampla e seguiria, necessariamente, um modelo capitalista de desempenho, de meritocracia, de rendimento, entre outras características. Um segundo grupo percebia o esporte de uma forma heterogênea, como um fenômeno plural, principalmente no que se refere à esfera do lazer, em que as regras poderiam ser mais fluidas e maleáveis, e diferentes significados poderiam ser atribuídos às atividades por seus praticantes. Os resultados do estudo vieram ao encontro da perspectiva do segundo grupo, pois, apesar de realizarem atividades semelhantes, existiam diferentes visões de esporte não só entre os grupos como

¹⁸ Identificada no sub-capítulo 2.1 deste trabalho.

¹⁹ Refiro-me a estudos como os de Almeida e colaboradores (2008), Tomazini (2008), Farias e Goellner (2007), Lima e Votre (2008), Almeida e colaboradores (2001), Ferretti e Knijnik (2007).

entre os participantes. Um exemplo disso são os diálogos entre os participantes, que refletiam uma diversidade de manifestações, como na passagem “eu quero ganhar... e eu quero brincar” (STIGGER, 2005, p. 191). Esse é o título de um capítulo do seu livro e retrata uma discussão entre dois participantes de um dos grupos investigados envolvendo uma disputa de interesses relacionados ao esporte e que se distancia do discurso hegemônico acerca do tema.

Poccielo (1995) apresenta idéias no mesmo sentido e estabelece uma relação entre os esportes californianos e o discurso homogêneo. Para esse autor, existe uma dificuldade em definir o esporte, já que este se pluraliza no âmbito das necessidades e dos prazeres individuais, evidenciando um distanciamento do discurso generalizante. Assim, ao estabelecer uma relação entre o lúdico e o rendimento no que se refere aos investimentos corporais, Poccielo (1995, p. 117) faz a seguinte afirmação:

O investimento viril e quase artesanal do corpo, que os esportistas tradicionais exercem sempre direta e concretamente sobre matérias duras (colocando concretamente à prova suas qualidades de força e de resistência), parece ceder o passo diante de outros tipos de investimento lúdico do corpo.

O antropólogo Vincenzo Padiglione (1995) sugere que as práticas esportivas distanciam-se cada vez mais da idéia de homogeneidade. Seu foco são os esportes de aventura, os quais, segundo ele, possuem elementos distintos daqueles apresentados em outros discursos sobre os esportes. Desse modo, as interpretações clássicas não se aplicariam às modalidades emergentes.

Analisando o quadro comparativo que apresentei no tópico anterior, no qual tentei estabelecer algumas características de duas manifestações de boxe, pode-se notar que o boxe pesquisado por Wacquant apresenta particularidades mais homogêneas que o boxe *da academia*. Talvez isso se justifique pelo fato de o *gym* escolhido por Wacquant como campo de pesquisa localizar-se em um bairro muito pobre, onde as questões sociais e econômicas podem definir a escolha do esporte.

Tal observação sobre as escolhas esportivas é corroborada por Bourdieu (1986). Segundo o autor, cada classe social teria certas “disposições” para determinada prática, ou seja, as opções feitas seriam de acordo com disposições referentes à classe social em que se estabelecem. Os espaços sociais também seriam delimitados por elas; e os agentes desses espaços teriam, então, determinados interesses por esportes, bebidas, etc. Essas opções estariam relacionadas ao *habitus* de classe, um regulador e diferenciador social.

Os *habitus* são princípios geradores de práticas distintas – o que o operário come, e, sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e suas maneiras de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. (BOURDIEU, 1986, p. 22)

Para o grupo estudado por Wacquant, parece que essa teoria poderia ser utilizada, pois existe certa homogeneidade de objetivos: a luta, para muitos, é a única ocupação. Porém, no grupo das academias, existem diferentes apropriações do boxe. Este não é formado por atletas dependentes financeiramente do esporte, o que parece mudar o sentido que o boxe toma nesse contexto²⁰.

Apesar de praticarem o mesmo esporte, esse espaço constitui-se por indivíduos de características heterogêneas, que vão desde as diferentes profissões a que se dedicam até as peculiaridades da forma como desenvolvem a atividade esportiva. Caso se evidencie essa pluralidade, a teoria de Bourdieu torna-se difícil de ser aplicada, pois se apresenta de forma generalizada. Questionando o grupo como unidade ou, com uma visão Durkheimiana, como um coletivo acima do individual, bem como a passividade do indivíduo (DURKHEIN, 1978), acredito ser difícil, no segundo grupo, estabelecer relações tão homogêneas.

Assim, Bourdieu parece deixar lacunas quando o que se quer observar são as diferenças dentro de um próprio grupo. Para entendê-las, apóio-me em outros autores. O primeiro é Bernard Lahire, que tentará mostrar que existe uma voz no indivíduo, mesmo que as relações sociais sejam os determinantes das ações (LAHIRE, 2002). Para o autor, os indivíduos possuem uma pluralidade que independe inclusive de classe social. Segundo ele, “Cada grupo está mergulhado, ao mesmo tempo ou sucessivamente, em vários grupos e esses grupos não são homogêneos nem imutáveis” (p. 31).

Portanto, em ambientes mais homogêneos, as propostas de Bourdieu podem estabelecer relações sólidas, porém parece-me que suas idéias podem mostrar-se incompletas se aplicadas em espaços mais dinâmicos e flexíveis como o do boxe em academias. Vejamos o argumento de Lahire:

O argumento que eu desenvolvo é que se definimos o *habitus* como um sistema homogêneo de disposições gerais, permanentes, sistemas transferíveis de uma situação à outra, de um domínio de práticas a outro, então cada vez menos agentes de nossas sociedades serão definíveis a partir

²⁰ Apesar de Bourdieu contrariar a idéia do esporte como uma prática homogênea e relacioná-lo com gostos de classe, quando o foco é o espaço social, o autor apresenta argumentos que conduzem à construção simbólica de um espaço fechado, representado predominantemente por uma só classe social.

de tal conceito. Esse tipo de definição convém melhor para sociedades bastante homogêneas, demograficamente frágeis, com extensão geográfica relativamente pequena, que oferecem esquemas socializantes bastante estáveis e coerentes para seus membros. (LAHIRE, 2004, p. 317)

Na minha experiência como professor de boxe, vivenciei um caso que retrata um preconceito que circula nesse universo. Uma aluna que praticava boxe há três meses sempre relatava que sua família não apoiava sua adesão ao esporte por considerá-lo “de homem”. Essa era uma idéia pré-concebida, pois seus pais nunca haviam assistido a um treino sequer da filha. Então, mesmo não sabendo como funcionavam as aulas, as representações do boxe para os pais dessa menina eram de um esporte violento e agressivo, no qual ela não deveria se inserir.

Passados esses três meses, recebi um telefonema do pai dessa aluna dizendo que sua filha não iria mais às aulas. Ao perguntar-lhe o motivo da desistência, ele me declarou que não gostaria que ela ficasse “com jeito de homem”. Mesmo após ouvir minha argumentação de que o esporte não possuía essas características e receber um convite para visitar a academia, ele não mudou de opinião, argumentando que sua filha deveria praticar “esporte de mulher”, como dança, vôlei ou natação. Esse diálogo, somado ao que já foi apresentado sobre o mundo das lutas, fez-me refletir sobre como se dá a inserção das mulheres no boxe em academias, e como sua história de vida e o ambiente em que vivem interferem na escolha do esporte.

Segundo Goellner (2005), o gênero é a construção social do sexo. Estudá-lo na área da educação física e esportes implica a necessidade de entendimento de que alguns esportes possuem características que os masculinizam. Essas idéias são construtos relacionados com as disposições históricas e culturais de determinadas sociedades.

Com base na minha interpretação dos resultados de pesquisas sobre os esportes e na minha vivência de episódios como o relatado no parágrafo anterior, pude perceber que existe uma idéia de que as mulheres sejam “seres mais frágeis”, com mais dificuldades com as lutas, as quais teriam um padrão de agressividade que não se relacionaria com as representações de feminino da nossa sociedade. Esse entendimento vai ao encontro da percepção de Adelman (2003) de que as mulheres seriam caracterizadas por certas fragilidades não condizentes com certos padrões sociais a que alguns esportes são relacionados.

Considero que a discussão de gênero é relevante, pois critica o binarismo²¹ que se estabelece na relação entre homens e mulheres em algumas práticas corporais, como se, de

²¹ Essa discussão é mais aprofundada no texto de Arruda (2002).

um lado, existissem os esportes para homens; de outro, os para mulheres; e, entre eles, uma fronteira simbólica intransponível. Foi válido, portanto, lançar um olhar sobre o gênero no campo desta investigação para tentar perceber como se dão essas relações naquele espaço.

Outra questão que merece ser debatida é que o boxe, apesar de estar sendo cada vez mais reapropriado pelas academias, ainda está sujeito a idéias relacionadas à sua prática profissional. Há, entre o boxe no *gym* e o boxe *da academia*, uma flagrante mediação da indústria do *fitness*. Segundo Carvalho (2007), “[...] o *fitness* como exercício corporal muito indicado e praticado aparece como exemplar objeto de estudo entrelaçado com a racionalidade impingida ao corpo na sociedade contemporânea no contexto da indústria cultural” (p. 35). Nesse contexto, o boxe pode possuir características mais maleáveis no sentido de oferecer opções diversas dentro da própria modalidade, tais como apenas treinar sem necessariamente precisar lutar; utilizar-se da prática como atividade física, entre outras.

A partir dessa discussão, pode-se realizar um diálogo com Elias e Duninng (1985), que argumentam que as práticas se esportivizaram, ou seja, por questões de regulação social, “a passagem de passatempo a desporto” (p. 42) caracterizou-se por estabelecer regras que orientariam a prática e que teriam um caráter de rigidez e generalização, pois não levariam em conta os espaços em que esta acontece.

Então, acompanhando as idéias dos autores que propõem uma heterogeneidade esportiva, pode-se questionar como esse fenômeno insere-se na história de vida dos participantes. Qual é o uso que se faz da prática? Lazer? Atividade física? Como podemos desmembrar as relações existentes entre os participantes para entender por que ocorre a adesão a esse esporte é a discussão que esses autores trazem à tona.

Essa diversificação esportiva levou-me a pensar em elaborar um estudo na área das lutas, especialmente voltado para o boxe em academias. Refletindo sobre tudo o que foi dito até esse momento, algumas dúvidas pairam sobre o comportamento desse outro boxe. Com o objetivo de sistematizá-las, apresento a seguir minhas questões de pesquisa.

3 QUESTÕES DE PESQUISA

A partir dessas reflexões, chega-se à idéia central desta intenção de estudo, que tem o objetivo de compreender o boxe em expressões particulares, vendo-o como uma prática social inserida no âmbito das academias de *fitness* e como elemento constitutivo dos modos de vidas dos seus praticantes. Partindo disso, diversas perguntas poderiam ser feitas:

- *Quem são estas pessoas que, entre um conjunto de possibilidade de práticas oferecidas nas academias, escolhem o boxe?*

- *Como é que o boxe se insere na vida desses protagonistas, no que se refere às relações com outras instâncias da vida social, como o trabalho, o lazer, a família, etc.?*

- *Quais são as características do boxe que essas pessoas e esses grupos praticam? Como podem ser relacionadas com as características do boxe hegemonicamente difundido? Como podem ser relacionadas com as características de outros grupos de praticantes do boxe?*

- *Que significados são evidenciados por cada indivíduo e para cada um dos diferentes grupos de praticantes do boxe nas academias? Em que medida esses significados interagem com os que são difundidos hegemonicamente, e também com os significados atribuídos por outros grupos?*

- *Que fatores (diversos, mas em especial os ligados ao significado dado ao boxe) são evidenciados nas dinâmicas da academia? Como esses fatores relacionam-se com outras práticas realizadas naquele contexto (FITNESS)?*

4 METODOLOGIA: OPÇÃO ETNOGRÁFICA

Os questionamentos formulados no capítulo anterior conduziram-me a escolher a etnografia como a metodologia para a realização da pesquisa. Nesse capítulo, pretendo apresentar as características metodológicas do estudo. Em síntese, e, como um guia de condução para a leitura do trabalho, apresento algumas questões que orientarão o desenvolvimento da escrita: porque utilizei a etnografia? Como esse olhar teórico ajudou a responder minhas inquietações enquanto pesquisador? Que ferramentas foram utilizadas? Porque escolhi o local para realizar o estudo? Porque escolhi, entre todos os alunos da academia, os meus entrevistados?

Para iniciar, justifico a escolha desse procedimento que se caracteriza por uma análise cultural e aprofundada de um universo específico, que, segundo Fonseca (1999), representa “um tipo de elo perdido que ajudaria a fechar a lacuna entre a teoria e a realidade” (p. 58). Para Stigger (2007, p. 35):

O trabalho etnográfico é o resultado das interpretações de padrões culturais de um contexto específico desenvolvido pelo investigador a partir das representações que determinados indivíduos e grupos sociais fazem de sua prática.

Analisar a partir da etnografia significa inserir este estudo numa perspectiva antropológica de investigação. Tradicionalmente, a Antropologia buscou compreender os costumes de povos distantes da realidade vivida pelo pesquisador, o qual se inseria e vivia por algum tempo no local de investigação. Segundo Oliveira (1996), o investigador tem como objetivo “olhar a cultura do outro ‘de dentro’, em sua verdadeira interioridade” (p. 25). Porém, ao voltar-se para a própria sociedade, essa ciência preocupa-se em entendê-la ou estranhá-la, na medida em que relativiza alguns conceitos enraizados no senso comum, em outras ciências ou na própria Antropologia. Ela permite, pois, que o pesquisador insira-se no campo de investigação com uma base teórica específica e procure, em um caso particular, articular os resultados do estudo com as teorias já existentes.

Na educação física, a etnografia é, na maioria das vezes, utilizada para compreender como as práticas esportivas se inserem no dia-a-dia de seus praticantes. A partir disso, se atribui importância à cultura desses indivíduos. Trata-se de entendê-las em seu “*em torno*” (STIGGER, 2007, p. 35), ou seja, a partir das relações que se estabelecem com as rotinas, as concepções e os modos de vida desses indivíduos. Através desse olhar, se sugere que as

práticas esportivas possuem uma razão para existir e que esta razão está alicerçada pelos significados atribuídos por aqueles que a praticam.

Com essa abordagem, tive a pretensão de alcançar os meus objetivos com o estudo, quais sejam: interpretar as relações sociais, significados atribuídos e objetivos existentes em uma academia de boxe de Porto Alegre. Inserindo-me nesse meio e analisando os dados ali produzidos, busquei estabelecer *a priori* as relações com a literatura existente sobre o esporte de combate em geral e, mais especificamente, sobre o boxe. De acordo com Malinowski (1984), as aspirações do pesquisador são, também, resultados de reflexões teóricas realizadas anteriormente à pesquisa de campo. Assim, o meu olhar foi voltado para essas questões a partir dos estudos que revisei para a problematização do trabalho e discussões em salas de aula e na qualificação do projeto. Porém, o trabalho estava “aberto” para que outras questões surgissem a partir dos dados. Esses primeiros questionamentos foram apenas parte de uma etapa inicial que precedeu a entrada no campo e, a partir dos dados obtidos, pude dialogá-los com a literatura.

Apesar de já ter uma vivência no campo que observei, empreguei técnicas de interpretação (observação participante e entrevistas) a fim de promover um diálogo entre as minhas primeiras observações e os dados decorrentes do uso das ferramentas tradicionais de interpretação dentro das pesquisas qualitativas, com o intuito de verificar como o que foi visto na literatura se aproxima (ou não) desse contexto. Nesse processo, foi possível perceber outras questões ou características próprias do ambiente de pesquisa, questões estas talvez esquecidas pelos trabalhos acadêmicos, talvez pertencentes apenas ao universo estudado.

Isso me remete a uma aproximação de uma teoria interpretativa das Ciências Sociais com a parte prática do trabalho; um elo entre a vivência do praticante e professor, e o olhar do pesquisador, formando um diálogo prático-acadêmico. Sobre essa aproximação, Molina Neto (2004, p. 116) nos diz que

A etnografia promove o exercício do pensamento dialético entre a teoria e a prática, entre o fato e a reflexão, entre a objetividade e a subjetividade, já que tanto o investigador quanto o investigado estão impregnados num contexto mais amplo.

Portanto, a minha escolha metodológica deveu-se a uma necessidade de compreensão sobre os significados e dinâmicas de relações dentro de um universo específico. Para tanto,

produzi²² dados a partir de observações e entrevistas que visavam entender esse local perante seus aspectos simbólicos

A partir dessas reflexões, a escolha do local de estudo, uma academia na zona central de Porto Alegre, justificou-se por vários motivos; o primeiro deles é que há oito anos freqüente esse local. Lá, comecei a praticar boxe, e é onde treino e dou aulas até hoje, o fato de já pertencer àquele meio e de ter uma relação anterior facilitou-me, como pesquisador, a aceitação pelos sujeitos e, conseqüentemente, o andamento da pesquisa e o acesso aos dados etnográficos. Além deste, outros fatores colaboraram para a riqueza dos dados: essa academia tem uma história no universo das academias que oferecem o boxe como modalidade²³ e é referência nesse tipo de prática. Há dezoito anos, oferece aulas para alunos iniciantes, intermediários e avançados, juntos nos mesmos horários. Possui turmas nos três turnos, o que ampliou as possibilidades de investigação. Existem praticantes homens e mulheres, e essa interação pôde ser observada. Ademais, o proprietário da academia é um ex-atleta de boxe que hoje ensina a luta para pessoas que não competem, o que constituiu um ponto de análise no tocante aos significados que ele confere a prática nas suas aulas e aqueles que ele percebe atribuídos pelos seus alunos. Além disso, optar por uma academia que ofereça o boxe como uma entre outras modalidades e que não seja um local específico para treinamento de lutadores (ao contrário dos campos das pesquisas anteriormente citadas), implicou estar atento a questões ou características próprias desse espaço, ainda não encontradas na literatura e que possam originar novas categorias.

Assim sintetizo os vários aspectos contribuíram para a escolha da academia onde realizei a pesquisa: o meu conhecimento prévio do local; a diversidade de praticantes quanto ao nível técnico e tempo de vivência no boxe; a heterogeneidade de praticantes, quanto ao gênero; a pluralidade de interesses e expectativas dos praticantes, em relação ao que buscam na prática do boxe; e a larga disponibilidade de horários para observação e as diferentes perspectivas de atuação pedagógica do professor. Esses elementos, juntos, levaram a academia escolhida a se constituir um terreno fértil de informações relacionadas ao objetivo do trabalho. Esse local também ofereceu condições para a realização de um *olhar sistemático*, este fundamental para a realização de pesquisas etnográficas (WINKIN, 1998).

²² Utilizo-me da expressão “produzir” e não “coletar” (termo comumente utilizado em pesquisas) porque há, entre o campo e a pesquisa escrita, a mediação do investigador. Este, com a impossibilidade de distanciar-se por completo de campo de pesquisa (desprendendo-se da sua história de vida, relações e opiniões), realiza uma interpretação dos dados. A partir disso, a pesquisa não tem a pretensão de exprimir a “verdade”, mas sim, a partir do material empírico, produzir uma interpretação de uma realidade específica.

²³ Utilizo a expressão “modalidade” com uma expressão retirada no campo. Usa-se esse termo para designar o tipo de atividade oferecida pela academia. Outros exemplos de modalidades seriam: musculação, ciclismo, ginástica, jiu-jítsu, entre outras.

O fato de já frequentar por oito anos o campo que observei pode, talvez, suscitar dúvidas em relação a que meu conhecimento do funcionamento do local signifique o conhecimento prévio de algumas questões que irei analisar; ou, ainda, a possibilidade de que o meu envolvimento como praticante e professor tenha ofuscado a minha visão como pesquisador e, assim, interferido na focalização de meus questionamentos. Sobre isso, cabe esclarecer que não pretendi, com este estudo, pesquisar a academia e sim os significados do boxe que lá circulam. Conforme Geertz (1989), “o *locus* do estudo não é o objeto do estudo. Os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...); eles estudam *nas* aldeias.” (p. 32). Portanto, apesar de conhecer a academia anteriormente à pesquisa, o meu foco foi entender o significado do boxe e as dinâmicas de relações entre as pessoas naquele espaço. Além disso, sem o objetivo de me distanciar completamente do campo, mas sim de adotar uma “postura” científica, realizei observações sistemáticas que foram registradas e, posteriormente, dialogadas com a teoria, além de conversas constantes com colegas de grupo de pesquisa e do programa de Pós Graduação e com meu orientador que me proporcionaram um olhar reflexivo para as minhas questões de estudo.

Nesse contexto, a minha entrada no campo se deu de forma tranqüila, sem o estranhamento inicial por parte das pessoas, que já me conheciam. Após a qualificação do meu projeto, no mês de Agosto, confirmei²⁴ ao proprietário da academia que iria realizar a minha pesquisa de mestrado naquele local, começando pelas observações e posteriormente realizando as entrevistas com aqueles alunos que se dispusessem. Assim, a partir desse dia, comecei a realização das observações e posterior registro em diários de campo.

Esses registros se justificam, pois compartilho com outros pesquisadores a noção de que, por mais bem-sucedidos que sejam as entrevistas direcionadas aos participantes e por mais ricos que sejam os elementos fornecidos por esse instrumento para análise posterior, um grande número de informações pode ser perdido se o pesquisador não participar efetivamente do ambiente em que se estabelecem as relações. Segundo Victora e colaboradores (2000, p. 62),

A justificativa para o procedimento de observação está no pressuposto de que há muitos elementos que não podem ser apreendidos pela fala ou escrita. O ambiente, os comportamentos individuais e grupais, a linguagem não verbal, a seqüência e a temporalidade em que ocorrem os eventos são fundamentais não apenas como dados em si, mas como subsídios para interpretação posterior dos mesmos.

²⁴ Quando realizei o projeto para me candidatar ao mestrado, conversei com o proprietário sobre a realização deste no local. Ao receber a resposta afirmativa e quando comecei com as observações, tive mais uma conversa com ele, que, mais uma vez, me possibilitou realizar o estudo.

Os mesmos autores afirmam que o diário é:

O instrumento mais básico de registro de dados do pesquisador. Inspirado nos trabalhos dos primeiros antropólogos que, ao estudar sociedades longínquas, carregavam consigo um caderno no qual eles escreviam todas as experiências, sentimentos, etc., para posteriormente selecionar os dados mais relevantes, o diário de campo é um instrumento básico para o pesquisador. (VICTORA e colaboradores, 2000, p. 73)

Além disso, com esse instrumento, tenho a possibilidade de esboçar um diálogo entre os fatos ocorridos e a literatura da Sociologia e da Antropologia do Esporte. Winkin (1998) resume essas funções em três: catártica, relacionada aos sentimentos e reflexões do pesquisador sobre a sua interação com o campo; empírica, que diz respeito às anotações das observações; e reflexiva, que remete à aproximação dos fatos com outros estudos.

A partir dessas concepções, freqüentei a academia quatro vezes por semana, duas vezes como professor (nas terças e quintas-feiras), e duas na condição de aluno (nas segundas e quartas-feiras). O turno predominante de observações foi o horário da noite, as aulas foram realizadas entre 21h00min e 22h00min, esse foi o horário onde foi observado um número maior de alunos nas aulas e, em um primeiro momento²⁵, uma heterogeneidade em relação aos significados e interesses demonstrados pelos freqüentadores. Também procurei observar os participantes em outro horário, o do meio-dia²⁶, também como aluno.

Em todos esses períodos, registrei os dados oriundos das conversas informais, comportamentos, dinâmicas de funcionamento das aulas, diálogos entre alunos, entre professores e alunos e outras situações que pudessem me ajudar na busca de respostas às minhas questões. Após as observações, os registros eram feitos ao chegar em casa, onde eu escrevia, num bloco de anotações, os tópicos relacionados à aula daquele dia para não esquecer dos detalhes do que foi observado. No outro dia pela manhã, os tópicos transformavam-se, em um editor de texto, em um registro de aproximadamente três páginas, que se materializava no diário de campo²⁷. Entre os meses de Outubro de 2009 e Abril de 2010, foram registradas cinquenta observações, perfazendo um total de cento e cinquenta

²⁵ Uso essa expressão porque essa escolha foi fruto de uma observação não sistematizada, mediante apenas a minha opinião como freqüentador da academia e aluno do programa de pós-graduação. Os dados obtidos após a organização metodológica serão apresentados posteriormente.

²⁶ Existe, nessa academia, uma terceira turma de boxe que tem aulas às 14h30min. Porém, por uma incompatibilidade com os meus horários, não foram realizadas observações.

²⁷ Essas anotações geralmente são feitas durante as observações, mas tive razões para não proceder dessa maneira: nas aulas, eu atuava como professor e/ou aluno, o que dificultava registrar naquele momento; por razões profissionais, eu chegava muito tarde em casa após o trabalho de campo.

páginas de diários de campo. O registro era feito a partir das funções atribuídas por Winkin²⁸ e se caracterizava por uma descrição do que foi percebido durante a aula sendo, quando necessário, ligado (na forma de anotações) a trabalhos sobre o tema em questão. Além disso, no final do diário, eu colocava minhas sensações e relações com o campo de pesquisa, perfazendo assim as três exigências teóricas do autor: em um primeiro momento, registravam-se os dados empíricos, após isso, era feita uma relação entre estes e as pesquisas relacionadas e, por fim, estabelecia uma relação com o campo, dedicando um ou dois parágrafos para este tema.

Após o uso desse procedimento, as categorias de estudo começaram a surgir e, a partir delas, selecionei os alunos que podiam fornecer informações relevantes para o estudo. Assim, fiz uma lista com possíveis entrevistados que, mediante antecipação do assunto e disposição voluntária, participariam da segunda parte do trabalho que consistiu em entrevistas semi-estruturadas.

Essa ferramenta foi utilizada a partir da seleção de informantes privilegiados, ou seja, aqueles que, em um primeiro momento, possam fornecer elementos úteis para resolver as questões de estudo (STIGGER, 2007). Sobre essa técnica, Duarte (2002) orienta que da vida do informante deve ser privilegiado aquilo que vem se inserir diretamente no domínio da pesquisa. As entrevistas também são justificadas nas palavras de Magnani (1997): “são as condições sociais de inserção do agente o que determina suas representações e a forma de sua manifestação, o discurso, colhido em entrevistas abertas, entrevistas dirigidas, histórias de vida.” (p. 128).

A partir disso, os informantes foram selecionados e aqueles que se dispuseram²⁹ realizaram as entrevistas semi-estruturadas. Estas consistiam de um roteiro³⁰ preestabelecido com perguntas direcionadas às questões de pesquisa, porém, de acordo com o que era respondido, outras perguntas foram feitas, na perspectiva de ampliar o universo das informações. Assim, as entrevistas tinham um caráter “aberto” no sentido de dar condições do entrevistado manifestar, a partir das perguntas, outras informações que um instrumento fechado poderia coibir. O roteiro serviu, então, para orientar a conversa com o participante e direcionar os questionamentos.

Os entrevistados foram escolhidos de acordo com sua representação tipológica, ou seja, de acordo com características observadas previamente e direcionadas a ajudar nas

²⁸ Já citadas na página 31.

²⁹ Todo os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (Apêndice A)

³⁰ Apêndice B.

questões do trabalho (STIGGER, 2007). A seguir, faço uma lista com os nomes e algumas características dos entrevistados para que o leitor entenda de onde foram retiradas as informações:

- Ricardo: proprietário da academia. Ajudou a entender questões sobre o histórico do boxe nesse espaço, sua história de vida com relação ao boxe e as relações com os alunos.
- Renata: aluna experiente de boxe, praticante há três anos. Foi selecionada para entender questões sobre gênero, *fitness*, luta, pois tem um largo histórico dentro das atividades físicas.
- Marcelo: ex-lutador de jiu-jitsu, praticante novato de boxe, um mês de treino. Como já havia lutado, foi selecionado para entender as razões da escolha do boxe, as primeiras impressões sobre a academia, os professores e os praticantes.
- Tiago: professor de capoeira, treina há seis meses. Idem ao entrevistado anterior, porém com mais tempo de prática, assim, pude observar as diferenças entre os dois na maneira de ver o esporte.
- Raquel: aluna de boxe *personal*³¹ poderia oferecer relatos sobre os motivos de treinar sozinha e sobre os significados atribuídos ao boxe por uma mulher.
- Eduardo: ex-praticante que treinou durante dois anos. Selecionado para entender os motivos de sua entrada e desligamento, assim como outros fatores já citados em outros participantes.
- Rodrigo: ex-praticante. Treinou durante três anos. Idem ao participante anterior, mas, além das características citadas, possui material de boxe em casa e realiza treinos sozinho.
- Vítor: Praticante experiente, dois anos de boxe. Tem o perfil, determinado pelas minhas observações, de um indivíduo que quer aprender a lutar boxe, pouco preocupado com as questões ligadas à estética ou ao condicionamento físico.
- Fernando: um ano e meio de boxe. Perfil diferente do participante anterior, aluno com uma preocupação (aparente) ligada à estética, em princípio, utiliza-se do boxe como um meio para conseguir condicionamento físico, emagrecimento, etc.
- Aline: aluna novata, três meses de boxe. As informações colhidas proporcionaram discussões referentes a gênero, histórico de atividade física, primeiras impressões sobre as aulas de boxe, relações com os alunos e com professores e também os seus objetivos sobre lutar/não lutar na prática do boxe.

³¹ Expressão retirada do campo. Significa que a aluna treina apenas com o professor, em um horário diferente das aulas em turma. Esse serviço oferecido pela academia tem um custo diferenciado que varia entre vinte e cinco e trinta e cinco reais por aula, além da mensalidade da academia.

Importante salientar que, apesar de os alunos serem divididos pelas primeiras impressões que tive sobre eles, essas características foram relativizadas durante/após o uso das entrevistas. Por exemplo, se selecionei algum participante por achar que este se preocupava mais com *a luta* do que com *a estética* e essa opinião foi modificada por esse procedimento, esses dados serão explorados visando essa discussão. O que quero dizer com isso é que essa categorização inicial foi apenas parcial e com o intuito de direcionar meu olhar para determinadas questões, porém, minhas impressões, muitas vezes, foram modificadas pelas respostas desses interlocutores. Após as informações sobre os aspectos de produção de dados, apresento como se deu a construção da apresentação e discussão dos resultados na presente pesquisa.

Durante a confecção dos diários de campo, foram selecionados os principais acontecimentos, incluindo diálogos e situações que se repetiam e possibilitavam, além disso, alguma ligação com os pressupostos teóricos da pesquisa. Então, foram-se construindo categorias de análise para que esses dados pudessem ser debatidos de forma organizada e, assim, sua ordem de apresentação na pesquisa reflete como se deu o olhar do pesquisador durante a realização do trabalho de campo.

Em um primeiro momento, me preocupei em entender como era constituído o espaço físico da academia, incluindo os aparelhos de musculação, equipamentos de boxe, vestiários, quadros de parede e outros elementos que fazem parte desse local. A partir de este primeiro olhar, procurei compreender algumas rotinas que ocorriam antes, durante e depois das aulas de boxe. Para tanto, sempre procurava chegar alguns minutos antes das aulas, algumas vezes freqüentei também a sala de musculação durante uma hora antes da aula de boxe para entender e apreender alguns diálogos de alunos que não praticavam boxe e o que eles pensavam a respeito do esporte. Também freqüentei o local em outros horários, como durante a tarde e, assim, pude obter algumas informações mediante conversas com os professores de musculação do turno da tarde, alunos e a recepcionista da academia.

Tendo registrado essas dinâmicas de funcionamento e ocupação espacial, foquei minha atenção para as aulas de boxe, a partir disso e do registro dos acontecimentos ocorridos nas aulas, a primeira categoria do trabalho foi sendo construída, esta diz respeito à participação das mulheres nas aulas de boxe³², justificada não só pelos relatos registrados mas

³² A ordem de construção que apresento aqui é apenas um fio condutor para a organização de leitura dos resultados. Não quero dizer com isso que os assuntos foram “abandonados” e passados para a próxima etapa da

também por ser um tema apontados por outros pesquisadores. Pelas características desse debate, tive elementos para começar a próxima discussão do trabalho: o mercado do *fitness*³³. Então, a partir das leituras de pesquisas sobre o tema, realizei um cruzamento com os dados do estudo. A partir de reflexões sobre o mercado das academias e o treinamento de boxe, foi possível desenvolver uma discussão em diálogo com o conceito de esportivização proposto por Elias e Dunning (1985) e como este se refletia na academia pesquisada.

O último ponto do trabalho teve origem de uma reflexão sobre como a utilização da etnografia estava modificando meu comportamento como professor de boxe. Com esse interesse, procurei autores que propusessem a etnografia como uma ferramenta pedagógica e não apenas tratada como um instrumento metodológico, a fim de auxiliar no desenvolvimento do trabalho do professor a partir de registros e posteriores reflexões sobre sua prática profissional. A este assunto, dediquei-me, predominantemente, nos meses de Janeiro e Fevereiro do presente ano em razão da diminuição do número de alunos na academia e da conseqüente possibilidade de me debruçar com maior afinco ao tema.

Para finalizar esse capítulo, recorro a Malinowski que, sobre a etnografia, nos diz que esta é “a ciência em que o relato honesto de todos os dados é ainda mais necessário que em outras ciências” (1984, p. 18) e, na mesma página, continua sua explicação sobre o fazer etnográfico dizendo:

Facilmente poderíamos citar muitas obras de grande reputação e cunho aparentemente científico, nas quais se fazem as mais amplas generalizações, sem que os autores nos revelem algo sobre as experiências concretas que os levaram às suas conclusões. Em obras desse tipo, não há nenhum capítulo ou parágrafo destinado ao relato das condições sob as quais foram feitas as observações e coletadas as informações. A meu ver, um trabalho etnográfico só terá valor científico se nos permitir distinguir claramente, de um lado, os resultados das observações diretas e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as interferências do autor, baseadas em seu próprio bom-senso e intuição psicológica.

Então, sem a preocupação de generalizar os dados que obtive, mas sim, pelo contrário, descrever e analisar com profundidade um lugar específico com suas particularidades, diferenças e semelhanças com o que está escrito sobre boxe, tenho a pretensão de, a partir de agora, fazer uma apresentação sistematizada dos meus resultados e minha interpretação sobre estes. Começo por uma descrição espacial e de algumas rotinas e características mais gerais do boxe *da academia*.

pesquisa. Pelo contrário, o trabalho se constituiu em uma constante retomada reflexiva dos pontos que estavam sendo debatidos.

³³ Assunto proposto, também, na banca de qualificação.

5 O CAMPO DE PESQUISA

Com o objetivo de inserir o leitor no *locus* do estudo, aqui farei uma breve apresentação da estrutura física da academia para que a visualização dos episódios posteriores – durante a leitura das categorias de análise – seja facilitada.

A academia fica em uma zona central da cidade de Porto Alegre, em um bairro de classe média. Segundo o que a prefeitura municipal informa no seu site acerca desse bairro,

Aos poucos, a partir da década de 1940, o desenvolvimento e urbanização de outros arrabaldes em Porto Alegre fizeram com a classe média diminuísse seu interesse por ali residir, e as casas residenciais dão lugar a grandes prédios de apartamentos e comerciais. Ainda assim, mantém-se como um bairro tradicional, com antigos moradores ainda ali residindo, oriundos das famílias que se instalaram em seus primeiros tempos. Oficializado em dezembro de 1959 pela lei nº 2.022, atualmente dispõe de um variado comércio e serviços, mesclando ares de bairro residencial e comercial³⁴.

Assim, trata-se de um bairro comercial e residencial da cidade, onde são encontrados os mais variados tipos de comércio, como lojas de roupa, bares, restaurantes, gráficas, salões de beleza, entre outros. A academia fica localizada ao lado de uma farmácia, em uma esquina da Avenida principal do bairro e uma de suas ruas transversais, e ocupa o segundo andar de um prédio de apartamentos. Esse tipo de construção – os prédios- é comum nessa região e é, historicamente, um dos responsáveis pelo desenvolvimento urbano da cidade (LIMA, 2005). Esse local em nada se parece com o local da pesquisa realizada por Wacquant (2002) que, sobre o bairro em que realizou sua pesquisa, descreve:

O salão situa-se na rua 63, uma das ruas mais devastadas deste bairro, no centro de uma de desolação urbana (...) A paisagem parece tanto com a de uma cidade fantasma quanto com um cenário de faroeste: tábuas obstruem portas e janelas, mesmo quando as tabuletas das lojas que prosperavam antigamente no bairro só estão semi-encobertas pela fuligem e pela putrefação. (WACQUANT, 2002, p. 37)

Portanto, o bairro, pela sua localização e pela classe econômica que reside nos prédios que o permeiam, é um local de possibilidades comerciais, refletidas não só pelos estudos já referidos, mas também pelo depoimento de alguns de seus alunos.

³⁴Disponível em: http://www.observapoa.palegre.com.br/default.php?p_bairro=128&hist=1&p_sistema=

Como Aline, estudante de medicina, moradora de um prédio em frente à academia que, sobre a localização do seu local de treinamento, fala:

Eu gosto da academia porque é na frente da minha casa, eu conheci quando eu me mudei pra cá, daí eu não gostei muito quando eu fui a primeira vez. Eu fui uma tarde assim, tinha pouca gente e tava um professor que nem ta mais. Quando eu comecei a fazer eu não vi mais ele e ele me atendeu tri mal assim, sabe. Me passaram os horários tri mal assim, e na época eu fazia no união né. Só que eu comecei a faculdade e era uma mão ter que ir pro união sabe. Pegar carro e ir até lá, de noite, cansada. Aí comecei a me desmotivar e comecei a procurar academia, daí já fazia um ano que eu morava aqui eu acho. Daí gostei do jeito que me atenderam na segunda vez que eu fui ali perguntar preço e tudo, daí gostei e fiquei.

Certamente, a localização não pode ser vista como o único fator para a escolha da academia. O que quero tratar aqui é que, com a proximidade de muitos edifícios residenciais e com moradores com certo poder econômico, uma primeira aproximação é facilitada. Acompanhando essa afirmação, Vítor, advogado, morador do prédio em que se localiza a academia, relata:

Eu escolhi ela por ser a mais próxima e por causa dos horários, eu nem procurei outras, até um cara pegou e me disse que tem uma ali na Ramiro, a bioativa, só que o horário de boxe é as sete horas e eu não tenho esse horário. Duas vezes por semana só, sendo que talvez eu nem consiga fazer, aí aqui das nove as dez tá ótimo pra mim e ainda mais que é de segunda a quinta, posso fazer todos os dias da semana ao invés de duas, aí decidi fazer aqui, é por causa disso que me chamou atenção, além de ser próximo, eu posso fazer todos os dias.

Da rua, pode-se enxergar a academia através de suas janelas grandes que ocupam toda a extensão lateral. Em uma visão de fora, pode-se perceber que se trata de uma academia *de ginástica*, a razão disso é a possibilidade de ver os alunos praticarem exercícios de peso, bicicletas ergométricas e esteiras. Na entrada, vê-se uma porta grande de ferro, que só é fechada no horário de encerramento, às 22h00min, ao lado desta, está escrito o nome do estabelecimento e de algumas modalidades que são oferecidas. Ao entrar, sobe-se uma escada que dará acesso ao local, na parede, podem ser vistos alguns quadros com propaganda de produtos *body system*³⁵. Esses quadros possuem imagens de homens e mulheres com corpos definidos e musculosos e representam, por estar na entrada da academia, um convite à boa

³⁵ Empresa que fornece patente de alguns nomes utilizados em aulas de ginástica como: *body pump*, RPM, *body combat*, entre outros. A academia que optar por ter esse produto disponível paga uma taxa mensal para oferecê-los aos seus alunos.

forma. Após a escada, encontra-se uma roleta³⁶ por onde passam os alunos mediante uma senha pré-determinada pelo próprio na hora da matrícula; sem essa senha, é vetada a sua entrada, além disso, a revalidação é mensal mediante o pagamento da mensalidade que varia entre oitenta e noventa reais, conforme o número de modalidades³⁷ que o aluno escolha.

Ao passar por ela, encontra-se uma bancada com revistas e alguns panfletos de divulgação de eventos e cursos ligados à área da Educação Física e esportes. Essas revistas têm um motivo para estar ali: segundo Ricardo, proprietário da academia, elas podem ajudar os alunos a entender alguns benefícios da atividade física de uma maneira menos técnica. Um exemplo disso pode ser observado em um trecho da entrevista do professor onde o assunto era a adesão das mulheres aos treinos de boxe:

Elas têm um certo preconceito antes de fazer, mas depois muda, já começou a mudar. Com o tempo começou a mudar, eu não sei exatamente quando começou a mudar mas, acho que as mulheres lêem muito a “Boa Forma³⁸” (risos) eu não gosto muito dessas revistas, mas por um lado fez bem né, eu até deixo algumas na bancada pras pessoas lerem. Porque as mulheres começaram a se ligar um pouquinho que qualquer tipo de treino de luta faz bem pro corpo, é uma coisa alternativa do que ficar no meio de uma sala coletiva, com música e dançando e sei lá mais o que. Não que dançar seja ruim, pelo contrário, faz bem. Mas fazendo movimentos desnecessários assim, onde no boxe pode fazer uma coisa mais divertida.

Portanto, as revistas não estão ali ao acaso, existe um significado no qual o objetivo é informar os alunos sobre os benefícios da atividade física em uma linguagem menos científica do que a usada pelo professor de Educação Física, por exemplo. Deste modo, muitas vezes foi registrado nos meus diários alunos lendo essas revistas (principalmente mulheres) e, após isso, pedindo algumas explicações para os professores de musculação sobre estas matérias. Na frente da roleta, existe uma mesa onde a secretária da academia recebe os frequentadores; ali, vê-se um computador e materiais de escritório como clipes, canetas e blocos de anotações. É nesse local que se realizam os pagamentos de mensalidades e todo tipo de acerto de contas referentes à venda de produtos³⁹ que a academia oferece. Ao lado, encontra-se uma sala que comporta aproximadamente vinte bicicletas ergométricas e é usada para as aulas de ciclismo, nesse espaço, situam-se também três ventiladores de parede e um aparelho de som, que é

³⁶ A roleta é o local também de saída dos alunos.

³⁷ A academia oferece diversas modalidades: boxe, ginástica na cama elástica, musculação, ciclismo, *yoga*, *jiu-jitsu*, entre outras. Os valores variam da seguinte maneira: uma modalidade (oitenta reais); duas modalidades (oitenta e cinco reais); três ou mais modalidades (noventa reais).

³⁸ Revista destinada ao público feminino que possui entrevistas com celebridades e matérias sobre cuidados com o corpo através de dietas e programas de exercício físico.

³⁹ Nesse local também são vendidos camisetas, moletons, luvas de boxe e ataduras com o logotipo da academia. Todos os produtos estão à mostra em um site na internet.

utilizado durante as aulas. A música, nesse tipo de aula, tem uma função reguladora do ritmo da atividade, e a escolha do repertório não é feita de forma aleatória. O professor seleciona as músicas de acordo com a cadência que ele deseja imprimir na sua aula. Faz parte, também, da atividade desse profissional estimular os frequentadores das aulas com gritos e palavras de motivação como: “vamos”, “sem cansar”, “não pode deixar cair”. Quanto mais entusiastas forem as palavras do professor, maior é a adesão a esse tipo de aula. Segundo palavras de Aline, praticante de boxe e ciclismo: “o ciclismo é diferente do boxe, no ciclismo o professor tem que motivar a gente a perder caloria, não tem técnica, quanto mais ele incentiva, mais a gente queima.”

À esquerda dessa sala estão alguns dos aparelhos de musculação utilizados para o treinamento de membros inferiores como extensor de joelhos, flexor de joelhos, adutor e abductor de coxas; junto destes, localizam-se um purificador de água e um bebedor, em que os alunos enchem suas próprias garrafas, comumente trazidas de casa no intuito de se hidratar durante as atividades. Na sala de musculação, existe uma divisão acerca da participação de homens e mulheres. Neste local, em que ficam os equipamentos para membros inferiores, a predominância é das mulheres.

Ao lado, localiza-se o vestiário feminino⁴⁰ e a cozinha da academia, que é utilizada apenas por professores e funcionários. Ali, existe uma geladeira, onde os profissionais deixam seus lanches e bebidas, um forno microondas e um armário com café, suplementos utilizados pelos professores, copos, alguns pratos e uma cafeteira. Ao lado, subindo uma escada pequena, entra-se no vestiário masculino. Logo na entrada, está localizado um espelho grande, de um metro e meio, colocado há aproximadamente quarenta centímetros do chão. A disposição do espelho logo na entrada possibilita que os alunos se enxerguem logo depois de treinar musculação, portanto, frases como: “consegui inchar⁴¹ bastante com meu treino hoje”, “to ficando maior”, “ta funcionando” (a musculação) são constantes nas falas dos frequentadores. Três chuveiros ocupam todo o lado esquerdo da entrada do vestiário. Os próximos equipamentos encontrados são: cabides e armários usados para que se coloquem as peças de roupa e material de banho. Nesses cabides, são deixados também Kimonos e faixas utilizados nas aulas de *jiu-jitsu*. Também é ali que acontecem conversas sobre diversos assuntos entre os alunos de boxe, que se utilizam do espaço para trocar de roupa e colocar suas ataduras de treino. Afirmação justificada na passagem do seguinte diário de campo:

⁴⁰ Não tive acesso ao vestiário feminino e, por isso, não posso fornecer uma descrição detalhada.

⁴¹ Esse termo significa aumentar a aparência dos músculos mediante as alterações fisiológicas ocorridas no levantamento de peso.

Chego para treinar as 20:50, vou ao vestiário e encontro Eduardo e Renato, que estava a um mês sem treinar em razão de um compromisso de trabalho. Segue entre nós o seguinte diálogo:

Flávio: Eae Renato? Onde andava?

Renato: Tava em Belo Horizonte, pela Claro (empresa em que trabalha).

Flávio: Achei que tinha largado.

Renato: Não, só parei esse mês. Por causa da viagem.

Flávio: Vai ter que voltar?

Renato: Acho que não, não queria ir (...) Muda toda a rotina do cara.

Nesse momento, Eduardo, que também trabalha na mesma empresa que Renato interrompe.

Eduardo: Ainda bem que eu não pude ir. Falei que tinha faculdade (Eduardo cursa administração). Se não ia ter que largar o treino também, ia ser foda.

Renato: É, é que eu não estudo, aí não tenho muito como dizer que não posso, vai que eles me demitem.

Eduardo: Diz que tu tem que treinar boxe (rindo).

Renato: Aí vão me mandar virar profissional (rindo).

A descrição feita até agora comporta todo o lado esquerdo da academia a partir da entrada, porém, é à direita da roleta que está localizada a maior parte da sala de musculação e a maior sala da academia. Começando pelas duas esteiras que ficam ao lado da bancada da secretária e de uma bicicleta ergométrica, viradas para a janela, possibilitam uma visão da rua. Essas esteiras são muito utilizadas e, no horário de maior movimento da academia, próximo às 18h00min, algumas vezes, forma-se uma pequena fila de espera com alunos que desejam utilizá-las para corrida e caminhada. Nessas esteiras, há um papel coberto por um plástico que avisa: “máximo trinta minutos”. Porém, algumas vezes, registrei que alguns alunos ultrapassavam esse limite e não lhe era cobrado que saísse do equipamento. Outras vezes, a secretária avisava a algum aluno que deveria sair do equipamento em razão desse tempo. A diferença que percebi foi que, para alunos que se dedicavam às corridas para competição, o tempo era mais maleável, pois estes visavam competir e precisavam de mais tempo de treino. Aos alunos que não objetivavam participar de provas ou que, visivelmente, não eram corredores, os trinta minutos eram cobrados com mais rigidez. Essa separação representa uma hierarquia no que concerne o uso das esteiras.

Atrás desses equipamentos, a academia possui um ventilador. Ao lado, encontra-se uma estrutura de metal utilizada para realizar alguns exercícios, mas, principalmente, o agachamento⁴², chamada de “gaiola”. O termo é referente a uma proteção lateral que fornece

⁴² Exercício para membros inferiores que se caracteriza pelo uso de uma barra com anilhas nos ombros com a qual o aluno executa o movimento de agachar até suas coxas formarem um ângulo de aproximadamente noventa graus com a perna e, então, levantar novamente.

mais segurança ao exercício em questão, podendo, se o aluno não conseguir levantar o peso, soltá-lo nessa estrutura sem se machucar.

Um espelho ocupa a frente desse aparelho e, ao seu lado, há um apoio para barras, utilizadas em exercício de peso livre⁴³, nesse suporte, são apoiadas barras de diferentes pesos e tamanhos que são aproveitadas em variadas atividades. O próximo equipamento é chamado de “multiforça”, em razão da quantidade de exercício que podem ser feitos; é uma estrutura de ferro com uma barra presa com ganchos que podem ser fixados em divisórias do próprio equipamento, possibilitando variar a altura da mesma na execução das atividades. Na sua frente há um espelho que possibilita ao aluno enxergar a realização dos movimentos. Acima, há uma televisão que passa um canal de esportes durante todo o tempo em que a academia fica aberta. À frente do multiforça, encontra-se um banco de supino (exercício para a região peitoral), ao lado de um suporte para anilhas, estas que se dividem em diferentes pesos, de um a vinte quilos. A seguir, um aparelho para exercício de bíceps com apoio dos braços, o *scott*. Mais próximo a janela está o supino inclinado (variação do exercício de supino que se realiza com o encosto inclinado e não deitado como o primeiro). Já na parte mais próxima à sala de ginástica, pode-se ver um aparelho que possibilita a variação dos exercícios através de cabos, o *cross over*, nele, são realizados exercícios de peitoral, bíceps, costas e ombros. À frente dele, existe a puxada para exercícios da musculatura que envolve as costas. Ao lado, o leg press, utilizado para exercícios de pernas, e a remada baixa, para realização de exercícios para as costas.

Nessa parte da academia, a concentração maior é de homens com maior experiência em musculação. Esses frequentadores são maioria no uso dos pesos livres da academia. Aos menos experientes e às mulheres cabe o uso dos equipamentos com roldanas e exercícios para as pernas. Muitas vezes foi registrada a presença de homens com músculos desenvolvidos que se utilizavam desses pesos e se olhavam, fazendo poses como de halterofilistas após as suas *séries* de exercício.

Além disso, o local possui bolas de material sintético que variam de sessenta e cinco a setenta e cinco centímetros, chamadas de bolas suíças, que auxiliam em exercícios abdominais e alongamento, juntos destas, um espaldar de madeira para trabalhos de flexibilidade, e colchonetes que ficam dispostos no chão e são aproveitados para abdominais. O último aparelho de musculação, localizado próximo a entrada da sala onde são realizadas as modalidades, é o voador, equipamento responsável pela execução de treinamento para peitoral

⁴³Exercício realizado sem aparelhos. Utilizam-se apenas barras, anilhas ou halteres.

e, ao seu lado, uma roldana com cabos para tríceps e um suporte para anilhas que variam de um a vinte quilos.

Ao lado desse último equipamento, localiza-se uma porta na qual se tem acesso à sala ao fundo da academia que é separada por uma divisória de vidro e, ali, são realizadas as aulas de boxe.

5.1 A sala

Após a descrição da maior parte da academia, materializada nos seus espaços e algumas pequenas citações de como estes são utilizados, “entramos” no local onde são realizadas as aulas de boxe, foco deste estudo. Porém, a necessidade de entender esse espaço remete á uma compreensão mais profunda das relações que se estabelecem. Assim como não se pode enxergar o boxe como uma modalidade isolada, também não se pode atribuir ao local de treinamento a imagem de uma sala apenas de boxe, mas sim, utilizada e reapropriada por outros interesses durante suas atividades. Por isso, apresenta-se, agora, uma descrição dos equipamentos e objetos que se dispõe nesse ambiente e, a seguir, explico como estes são utilizados durante as atividades.

Ao entrar na sala, à direita podem ser visualizados *steps*, espécie de degraus móveis de aproximadamente trinta centímetros por meio metro de largura que servem para realizar diversos exercícios em aulas de ginástica e, no boxe, auxilia alguns alunos em determinados equipamentos, como o *spped bag*, onde a altura deve ser regulada. À sua frente, encontram-se as camas elásticas, usadas nas aulas de *jump*⁴⁴, estas são feitas em cima de uma estrutura de ferro com um material elástico no meio, onde os alunos realizam os movimentos. Junto destes, estão os tatames, material colocado no chão para o treino de jiu-jitsu que, por se tratar de uma luta com movimentos no solo, deve ter uma proteção entre o lutador e o chão da academia. Os tatames são peças de um metro de largura por um metro de comprimento que são encaixados para formar o local de treinamento. Ao lado, um aparelho de som⁴⁵ completa o lado direito da sala. Embaixo deste, existe uma bolsa de material esportivo onde são guardados equipamentos para a aula de boxe, porém, esses utensílios só são utilizados por professores durante as aulas,

⁴⁴ Nome patenteado pela empresa *body sistem*. Trata-se de uma aula com diferentes exercícios feitos encima de uma cama elástica com duração de uma hora.

⁴⁵ O som é utilizado na maioria das aulas, prática comum e verificada em alguns trabalhos sobre o *fitness*. Porém, em nenhum horário de boxe esse som é utilizado.

nunca por alunos, salvo em situações que o professor autoriza. Ali estão algumas luvas, aparadores de mãos e ataduras.

Na parte central da sala vê-se um grande espelho que se estende por todo o comprimento da sala, em cima desse espelho encontra-se um relógio, onde é marcado o tempo das atividades⁴⁶, na parte central e lateral esquerda da sala existem seis ventiladores que ficam ligados durante o tempo em que os alunos ficam na sala e posteriormente às aulas. Ao lado, ficam dois quadros de lutadores: um de Muhammad Ali, tri campeão dos pesos pesados da década de sessenta e outro de Mike Tyson, campeão peso pesado da década de oitenta, além destes, há um quadro com algumas dicas de exercícios e correções de posições de alguns exercícios de *fitness*. No meio da sala, entre um pilar e o canto esquerdo, existe uma estrutura de ferro com algumas correntes, que serve para pendurar os sacos de pancada e outros equipamentos utilizados durante a aula de boxe. A seguir, um armário onde ficam guardados alguns materiais como luvas, capacetes e outros acessórios.

É sobre esses equipamentos que me detenho no momento, pretendo explicá-los com mais detalhes para que se comece a entender o que é utilizado durante as aulas. Para tanto, farei uma lista com os nomes dos equipamentos e algumas imagens que têm o intuito de ilustrar o que será falado. Antes disso, explicarei os golpes utilizados no boxe para depois poder citá-los na explicação do uso dos acessórios.

5.2 Golpes, exercícios e equipamentos.

O Boxe possui apenas quatro golpes básicos, os treinos se caracterizam pela combinação desses golpes acrescidos do trabalho de movimentação de pernas e esquivas, aqui me utilizo da ordem que é passada, geralmente, aos alunos para explicá-los. Todos os golpes são realizados a partir da chamada base do boxe, que consiste, no caso de um aluno destro, em colocar a perna direita atrás e a esquerda à frente⁴⁷, os joelhos ficam sempre flexionados para que, na hora de desferir o soco, um número maior de articulações⁴⁸ seja utilizado, as mãos

⁴⁶ Os professores não usam nenhum cronômetro durante as aulas. Estas são controladas através desse relógio que fica dentro do campo de visão de todos os participantes.

⁴⁷ Para os alunos canhotos, a posição é invertida.

⁴⁸ O Objetivo, para aumentar a potência dos golpes, é sempre girar o quadril, o tronco e os pés. Os braços, pelo contrário do que se pode imaginar, são apenas a extensão do golpe, cabendo a eles um papel secundário no que diz respeito à potência do soco.

ficam posicionadas da seguinte maneira: a mão esquerda fica a frente do queixo e a direita posicionada ao lado direito, protegendo-o.

A partir disso, o primeiro soco ensinado é o *jab*, que consiste em girar o quadril e estender o braço esquerdo à frente, virando-o com a palma para baixo. O direito consiste na mesma mecânica do *jab*, porém, é realizado com a mão direita, que fica mais distante do alvo, possibilitando um ângulo maior na batida e uma conseqüente maior aplicação de força. O *jab* é o golpe mais básico do boxe, todo iniciante deve saber para que os outros golpes sejam aprendidos. Representa a *faixa branca*, pois é inicial e não tem o objetivo de derrubar o adversário. No uso pedagógico do ensino do boxe em que os golpes mais fáceis são ensinados para, posteriormente, aprender os mais difíceis, o *jab* é a porta de entrada no universo do boxe.



Figura 1 - O *jab* sendo aplicado nas manoplas

Os dois últimos movimentos são os chamados “golpes curtos”, pois são realizados em uma curta distância em relação ao adversário. O primeiro consiste em girar o quadril e levantar o cotovelo na altura do ombro, com a mão cruzando a frente do rosto e, por isso, é chamado de cruzado. O *upper* é desferido de baixo para cima, com a palma da mão girada para dentro, é um golpe muito utilizado para nocautear o adversário. Esses dois golpes representam a troca de nível dentro dessa luta, ao aprendê-los, depois de aproximadamente um mês de prática, o aluno atinge um padrão técnico superior que se caracteriza pelo aprendizado de golpes mais contundentes que possibilitam nocautear o adversário em um possível confronto. São estes os golpes aplicados com mais força tanto durante o treino no saco de pancada quanto nas manoplas.



Figura 2 - O cruzado



Figura 3 - O Upper

Relacionados ao golpes/socos, há um conjunto de exercícios destinados à sua aprendizagem e automatização. Todos eles fazem parte de uma *típica* aula de boxe e se vinculam a determinados equipamentos.

“Fazer espelho” é realizado, sempre, na primeira parte da aula. O aquecimento no boxe acontece com os alunos simulando golpes, esquivas e exercícios de perna na frente do espelho com o objetivo de, não só aquecer a musculatura para a aula, mas também refinar os seus movimentos. A disposição dos alunos à frente do espelho obedece a uma ordem hierárquica na dinâmica das aulas de boxe. Os frequentadores mais antigos se posicionam sempre no mesmo local, aos mais novos, cabe escolher os locais vazios dentro da sala até que este se estabeleça, após um período assíduo nos treinos, um lugar definido para essa atividade.



Figura 4 - O treino de espelho

O “Speed bag” é utilizado para treinar ritmo e velocidade das mãos. Tem a forma de uma “gota” e é revestido com couro. É presa a uma estrutura de ferro fixada na parede na qual ela bate e volta conforme a batida das mãos do aluno. O *speed bag* possui diversas variações que podem ser feitas na execução do exercício. A partir da maneira como o aluno realiza tal tarefa, os alunos experientes e professores atribuem a ele a capacidade de continuar na prática. Assim relatado em um dos diários em que um aluno fazia sua primeira aula e, após mostrar facilidade em realizar a atividade pela primeira vez, um dos professores se aproximou dele e disse: “tu sabe bater, tens jeito pro boxe”.



Figura 5 - Aluno fazendo *speed bag*, ao lado pode-se ver o armário onde ficam dispostos alguns equipamentos de boxe e , à frente, quadros ilustrativos, mostrando a maneira correta de utilizar o equipamento e de como colocar a atadura.

O “teto-solo” tem formato circular, é revestido em couro sintético e preso em uma ponta por uma estrutura móvel de ferro que o fixa no chão e, na outra ponta, por um elástico preso ao ferro fixado no pilar central da sala. Serve para treinar velocidade dos socos e esquivas, assim como variações de golpes e seqüências. O “vermelho” é assim chamado pela sua cor. É um saco pequeno de areia preso por uma corda, jogado para frente e para trás, serve para treinar velocidade de reação de esquivas e golpes.



Figura 6 - Em primeiro plano, o aluno trabalhando no "vermelho" e, ao fundo, o exercício no teto-solo ao lado do *speed bag*.

A “corda amarela” ou corda de esquiva é presa ao pilar situado no meio da sala e em um gancho colocado na parede em frente. Utilizado para o treino de esquivas e golpes com deslocamento.



Figura 7 - A corda amarela e o trabalho de esquivas e golpes.

A “Corda de pular” é um exercício clássico do boxe. Seu objetivo é treinar resistência de pernas, agilidade e coordenação. Também faz parte da hierarquia simbólica do boxe, as variações que podem ser feitas com a corda de pular e que representam a passagem de nível na luta. Assim, após o aluno aprender a pular na forma mais simples, é estimulado a realizar variações que se caracterizam por: cruzar a corda à frente do corpo, pular se deslocando pela sala, entre outras. Conseguir realizar esses movimentos demonstra a passagem de nível do aluno iniciante para o avançado.



Figura 8 - Corda de pular

As “manoplas” ou “luvas de foco” são utilizadas pelo treinador ou por outro aluno. Serve para treinar golpes e esquivas. Existem preferências por treinar com alunos mais experientes quando o uso de manoplas é realizado. Os iniciantes não possuem ainda as habilidades que condizem com o que se espera deste exercício. Isso foi percebido em uma conversa entre mim e Vítor, aluno assíduo, com mais de um ano de prática. Após uma aula ministrada por mim, o aluno reclamou da separação das duplas que realizei e me disse: “não dá pra me colocar com o Rafael, ele é muito novo, não consegue segurar as luvas (de foco) direito, atrapalha meu treino, não consigo bater direito.”



Figura 9 - Um aluno segurando a manopla para o outro bater

O “Bob” é um equipamento que possui a forma humana, com cabeça e tronco, sem braços e pernas. Utilizado para o treinamento de iniciantes em uma fase anterior ao saco de pancadas.



Figura 10 - Alunos iniciantes treinando no bob

O “Saco de pancada pequeno” é utilizado para treinos de golpes curtos (*uppers* e cruzados). Possui a forma de uma pêra. O “Saco de pancada grande” é um equipamento para treinar a técnica e força dos golpes. Pesa aproximadamente cinquenta quilos.

Com a “luva pequena” ou “luva de treino”, treina-se no saco de pancada e nas manoplas. É mais leve que a luva de luta.



Figura 11 - Em primeiro plano, duas alunas treinam no saco de pancada grande, com as luvas pequenas. Ao fundo, o saco de pancadas pequeno.

O “colete”: é um utensílio colocado no tronco do aluno ou professor e serve para treinos de golpes no corpo⁴⁹.

O “Sparring”⁵⁰ ou “movimentação”, muitas vezes utiliza-se a expressão “fazer luva” para se referir à atividade. Treino realizado apenas por alunos experientes. Simula uma luta de boxe, com os dois alunos batendo e defendendo. Nas aulas, podem-se perceber algumas variações como: um aluno atacando e outro defendendo ou um treino onde se limitam os golpes, por exemplo, o aluno só pode bater *jabs* e diretos enquanto o outro se defende.

A “luva grande” é mais pesada que a luva pequena. Utilizada apenas para treinos de *sparring*. O “Capacete” é um acessório para proteção da cabeça durante os treinos de luta.



Figura 12 - "Movimentação" com o colete, treino com o uso de luvas grandes.

⁴⁹ No boxe, não se pode bater da cintura para baixo. Então a expressão “golpes no corpo” se refere à socos desferidos abaixo do pescoço e acima da cintura.

⁵⁰ As representações envolvidas nas atividades de *sparring* serão discutidas a partir do tópico 5.1.3

Estas são, portanto, as principais atividades realizadas durante as aulas de boxe, onde poucas vezes outros exercícios foram registrados nas observações. Assim, pretende-se discutir como se estabelecem as relações entre a colocação desses equipamentos e a participação dos alunos nas aulas de boxe, bem como, a suas interações com as outras atividades oferecidas pela academia.

Quando digo “atividades oferecidas pela academia” é pelo fato de que esses espaço, mesmo destinado ao boxe, se diferencia de outros onde essa modalidade é praticada. Já nas primeiras observações é possível perceber que lá se *misturam* boxeadores e praticantes de *bodybuilding*.e/ou *fitness* A partir disso, uma primeira pergunta pode ser feita, a qual é o título do próximo sub-capítulo.

5.2.1 Sala de boxe?

Durante a escrita dos diários de campo, utilizei o termo “sala de boxe” para me referir ao local em que aconteciam as aulas - também é assim que esse local é referido pelos alunos de boxe que ali freqüentam. Porém, a partir de agora questiono se tal espaço pode ser assim chamado. Para tanto, começo essa análise a partir da entrevista realizada com o proprietário da academia e da forma como ele inseriu o boxe nesse espaço. À luz dessas reflexões, tento compreender como isso se reflete nas relações entre as modalidades e seus respectivos alunos.

O local existe há dezoito anos, mas no começo seu dono não tinha o objetivo de abrir uma academia de boxe. O intuito era ter um espaço de musculação e ginástica. Porém, como ex-lutador profissional nos Estados Unidos, comprou alguns equipamentos para ele próprio treinar e, com o interesse de alguns alunos, começou a ensinar o esporte. Sobre sua chegada ao Brasil e o desenvolvimento da academia, discorre:

Eu vim pro Brasil de férias. Eu tirei férias do exército americano que eu tava na Arábia saudita, estava no Kuwait, em noventa e dois, naquela época do primeiro conflito lá no golfo né. E precisava tirar férias num lugar que eu ia me sentir bem, cheguei aqui comecei a viajar, Rio , São Paulo, Argentina, comecei a gostar, ficar por aqui e entrei numa academia pra treinar e aí o pessoal começou a perguntar de onde eu era, o que eu fazia e tal, aí as pessoas vendo a conversa, perguntavam: “o que tu tá fazendo”? Aí eu mostrava pra eles o que eu tava treinando. Aí pessoas começavam a me perguntar: Posso te pagar? Eu dizia: “eu não to aqui pra receber isso aí” aí fui ficando mais tempo e o pessoal começou a me pagar e eu pensei: “vou abrir uma academia, quem sabe”. Aí foi. Mas o boxe mesmo que eu comecei

a dar aula, eu montei as minhas coisas pra eu treinar, porque eu sempre gostei de boxe, pra mais ninguém treinar, só eu, porque eu gostava de boxe. Eu abri uma academia de musculação e as coisas de boxe eram paralelas e eu não deixava ninguém me ver treinar, só eu treinava, sozinho. Era só pra mim e um dia uma aluna minha que eu dava *personal* me viu treinando. Um dia e ela falou que fazia boxe numa outra academia e eu quero treinar contigo e eu disse que não dava aula de boxe, que já tinha sido lutador e tal, mas que não dava aula. Mas ela me ofereceu uma grana boa que não dava pra dizer não e eu aceitei, eu comecei a dar aula de boxe para ela aqui no meio dos aparelhos, eu não tinha um lugar, aí comecei a dar aula pra ela, tu sabe que de um dia pro outro, depois daquele dia que comecei a dar aula pra ela, eu consegui doze alunos. Então um dia tava zero alunos, outro dia tinham doze, as pessoas perguntava: “Tu dá aula de boxe”? Eu dizia: Não dou aula de boxe. “mas como tu tá dando aula? Eu dizia: “só *personal*.” Não tinha nem uma sala de boxe, era só musculação, pra dar aula tinha que afastar os aparelhos em uma sala e botar nos cantos pra fazer aula. Aí começou idéia de fazer outras coisas e tal. Porque eu não tinha planos pra ficar, eu tava meio que passando o tempo aqui e aí quando começou a dar certo aí eu comecei a achar que era um negócio sério pra dar continuidade, no momento que comecei a levar a sério, comecei a fazer minha vida através disso aqui, eu tava com um grana boa por causa do exército que tinha me pagado bem. Aí eu fiquei de vagabundo e tal, pagando minhas contas através do que eu tava ganhando com a academia, não gastando muito, deixando o tempo passar, aliviando a cabeça depois de várias coisas e depois disse: “vou fazer a minha vida”, aí dezoito anos se passaram e eu to aqui (risos).

Então, o boxe não era o principal produto oferecido por aquele espaço. Ricardo optou por abrir uma academia de *fitness* e, após o interesse de algumas pessoas, inseriu o esporte no local. Até hoje, o boxe ocupa um espaço restrito dentro do ambiente. Essa afirmação materializa-se na disposição dos equipamentos, todos eles móveis, apenas fixados durante as aulas. A rotina do professor consiste, entre outras coisas, em colocar os equipamentos no começo da aula e retirá-los ao final, pois também existe uma relação entre os objetos de boxe e os utilizados em outras aulas, como o *jiu-jitsu*, por exemplo, que ocorre anteriormente ao boxe em dois dias da semana, nas terças e quintas feiras. Isso pode gerar algumas tensões entre os alunos e professores. Sobre a colocação dos equipamentos e algumas relações entre os frequentadores e ,mais do que isso, na tentativa de entender o lugar que o boxe ocupa dentro daquela sala, seguem algumas passagens registradas:

Chego para treinar as 21h05minhs, cinco minutos depois do horário de início da aula, imaginando estar atrasado. Porém, a aula anterior ao boxe de Body pump ainda estava sendo realizada. Observo Ricardo ao lado da porta e pergunto sobre o atraso. Ele responde que a aula já vai acabar e que o atraso foi em virtude da aula inaugural dessa modalidade na academia. Saio do vestiário e me dirijo à sala de treino, passo pela recepção, cumprimento a recepcionista e o professor de musculação do horário. Ao chegar à sala de treino, vejo que está havendo aula de jiu-jitsu. Fico parado na porta observando a aula, Ricardo me cumprimenta e diz: “faltam 5 minutos”. Respondo que não tem problema e eles continuam realizando a aula. Enquanto isso, os três que estavam no vestiário chegam até a porta da sala e observam a aula junto comigo. A nós, junta-se Diego, que chega com as ataduras nas mãos, sem colocá-las.

A aula de jiu-jitsu atrasa 5 minutos para acabar e há entre nós certos desconforto com a situação. Eduardo me diz: “eles não vão acabar essa merda?” E eu respondo: “já vão acabar, é o dono da academia, não posso falar nada.” Logo a aula acaba, porém, o tamame (material utilizado para a aula de jiu-jitsu) deve ser retirado. Todos os alunos da aula de jiu-jitsu ajudam a tirar o tatame, junto com o professor. Enquanto isso acontece, começo a colocar o material de boxe, mas não ajudo a retirar o tatame. Os alunos de boxe também não ajudam a retirá-lo e só começam a entrar na sala quando começo a colocar os equipamentos de boxe. Coloco primeiro o teto-solo, que é o aparelho mais afastado, do centro da sala, que ainda está ocupado com alguns tatames. Quando vou colocar a corda de esquivas, há um diálogo entre Ricardo e eu:

Ricardo: Estamos atrapalhando tua aula né?

Flávio: É. Vamos passar as aulas de terças e quintas pras 21:15.(em tom de brincadeira)

Ricardo: Não, foi só hoje.

Portanto, algumas vezes, há um desconforto entre os professores e alunos durante a entrada da aula. As brincadeiras feitas entre os professores retratam uma tentativa de atenuar uma situação que não agrada por um lado o professor de jiu-jitsu, que gostaria que sua aula tivesse mais tempo, e de outro, o professor de boxe, que vê seu espaço “invadido” por uma aula que já devia ter acabado. Diferente de outros ambientes, como pesquisado por Tomazini e colaboradores (2006) ou Lima e Votre (2005), em que os limites físicos dos locais eram estabelecidos de maneira mais sólida, ou seja, eram locais específicos para luta, aqui, encontramos um espaço dinâmico, com atividades que se relacionam e se tencionam, numa dinâmica espacial que permite um relacionamento, mesmo que silencioso, entre os alunos das diferentes modalidades. Evidenciando um descontentamento em relação ao atraso no começo da aula, foi registrado um diálogo entre mim e um aluno da academia:

Chego para dar aula as 20h50min. O treino de jiu-jitsu está acontecendo na sala onde ocorre o boxe as 21h00min. Me dirijo ao vestiário onde encontro Fernando colocando as ataduras. Converso com ele sobre amenidades e, depois de algum tempo, ele me pergunta:

Fernando: Será que vai acabar a aula de jiu (jiu-jitsu) na hora hoje?

Flávio: Tem acabado na hora, o Ricardo se deu conta que tava atrasando, eu acho.

Fernando: Da última vez eles saíram 21h05min.

Flávio: Cinco minutos né, Fernando. Não é atraso.

Fernando: Cinco minutos é menos treino.

Fico calado diante o argumento Fernando que, afinal, está pagando para ter aula no horário estipulado pela academia. Dirijo-me a sala de boxe passando pela musculação onde, aproximadamente, 12 pessoas se exercitam. Entre eles Vítor, aluno de boxe, que faz musculação antes do treino. O cumprimento e pergunto se vai treinar. A resposta é afirmativa. Chego à sala de boxe e o treino de jiu-jitsu está acabando. Ricardo me vê na porta e olha para o relógio, me cumprimenta e faz um sinal que já está acabando a aula. Faço um sinal afirmativo com a cabeça e espero o término da aula.

Ricardo dá um sinal de encerramento para os alunos, dizendo que o tempo acabou. Eles começam a retirar os tatames e ainda estou parado, Fernando fala para mim: “Não vou ajudar a tirar essa merda, eles que treinaram, eles que tirem.” Eu concordo: “Claro, deixa que eles tirem.” Na porta. Ricardo me diz: “Pode entrar, vai colocando os equipamentos de boxe pra não atrasar”. Respondo, em tom de brincadeira: “pra não atrasar, tem que acabar antes a aula anterior”. Os dois riem e começo a dispor o teto-solo, a corda de esquivas, antes de acabarem de retirar os tatames, os quais não ajudo a retirar. Os alunos começam a entrar na sala, o primeiro é Eduardo, logo após Vítor e André, aluno iniciante que não costuma fazer aula comigo e sim com Ricardo, nas segundas e quartas. Ricardo se despede de mim e me deseja boa aula.

Essas situações levam a considerar que, por ser uma academia principalmente voltada para o *fitness*, onde são oferecidas opções para os frequentadores, o boxe se torna apenas uma entre outras atividades. Quando questiono, no título desse capítulo, sobre a sala ser ou não de boxe, mais que uma pergunta, me remeto há uma maneira de enxergar aquele local, diferente do “santuário” identificado por Wacquant (2002, p. 32): um lugar fechado, um “templo da moralidade” (id) frequentado apenas por boxeadores, num local onde o teto-solo, o *speed bag* e todos os outros materiais utilizados são fixados determinando e limitando um espaço da cultura pugilística. Aqui, os equipamentos e a frequência de alunos se caracterizam pela variabilidade e a sala é *de boxe* somente durante as aulas. Na realização das outras atividades, esse espaço possui outro formato e a mobilidade dos acessórios representa também uma mobilidade simbólica.

A partir disso, começa-se a entender as relações da passagem da *academia de boxe*, fechada literal e simbolicamente, explicada nos capítulos anteriores dessa pesquisa, para o *boxe da academia*, ou seja, uma prática inserida, relacionada e, algumas vezes, invadida por características e representações oriundas do mercado do *fitness*⁵¹. Porém, afirmar que se trata apenas de uma aula de *fitness* também seria reduzir a complexidade e não aprofundar o entendimento sobre o que são as academias de ginástica e musculação e o que é treinamento de boxe.

Nas páginas que seguem, tentarei refletir sobre como se situa o *boxe da academia*. Inicialmente farei isso a partir da descrição da estrutura de uma aula e após com base nos seus significados e configurações.

5.2.2 O treino

A aula de boxe não possui muitas variações. Os equipamentos utilizados e as atividades caracterizam-se por uma rotina que tem como objetivo repetir os movimentos até que sejam aprendidos. A expressão “o boxe é um mantra” foi registrada algumas vezes nos diários de campo; foi usada pelo professor de boxe para explicar a importância da repetição dos movimentos durante as aulas. Assim como no mantra (budista), que é repetido muitas vezes, os golpes devem ser realizados uma grande quantidade de vezes para que se consiga refiná-los e alcançar sucesso na prática.

Nesse universo, todos os alunos fazem a aula com uma proteção de punho que é chamada de atadura, esta é a única exigência feita aos alunos no que diz respeito ao uso de equipamentos. As roupas são semelhantes às utilizadas em outras aulas de ginástica: bermuda e camiseta (no caso dos homens) e calça ou bermuda de ginástica e blusa, no caso das mulheres. As ataduras são faixas elásticas que podem ser compradas em farmácias e custam aproximadamente dois reais cada uma; também existem ataduras mais caras, compradas em lojas especializadas em artigos esportivos que variam de vinte e cinco a sessenta reais. Porém, poucas vezes um aluno começa a treinar boxe com a atadura mais cara; as compradas em farmácia são as mais utilizadas pelos iniciantes, cabendo aos mais experientes o uso de faixas mais dispendiosas que representariam a passagem para outro nível dentro do esporte, como exemplificado na seguinte observação:

⁵¹ Diálogos com essa temática serão desenvolvidos posteriormente.

Chego à academia para treinar às 20h45min (15 minutos antes do horário previsto) Vou ao vestiário e encontro Eduardo, Renato e Fernando colocando as ataduras. Os cumprimentos, Renato me pede ajuda sobre a colocação da atadura na mão esquerda; explico o procedimento e ele consegue colocá-la com facilidade. Segue o diálogo sobre as ataduras

Flávio: Onde comprou essa atadura nova?

Fernando: Comprei pela internet por 20 dólares.

Eduardo: Também quero comprar uma nova, a minha já está bem velha.

Renato: A minha é de farmácia. Está nova ainda.

Eduardo: É. Tem que treinar muito pra comprar uma atadura melhor.

Vamos para a sala de boxe e Eduardo conta o diálogo ocorrido no vestiário para Ricardo, que dá uma risada e, olhando para Renato, diz: “começou agora e quer faixa preta.” Todos riem e começamos a fazer espelho.

Portanto, as ataduras têm um significado dentro daquele espaço, ao mencionar o termo *faixa preta*, o professor está se referindo a uma divisão hierárquica encontrada em outras artes marciais como o Karatê e o *jiu-jitsu*, que separam os alunos por grau de tempo de treinamento e experiência e que não é encontrada no boxe. Porém, não se pode dizer que não existam distinções dentro desse espaço. Isso somente não acontece de forma institucionalizada, representada por uma divisão hierárquica de faixas como a encontrada no *full contact*⁵², conforme relata Gastaldo (2001, p. 211):

A passagem de um degrau hierárquico para outro é feita através de um teste, que inclui seqüências de socos, chutes, golpes combinados e uma luta, tanto mais longa e difícil quanto mais avançada é a faixa pretendida. Para obter a faixa preta, o candidato, além de uma imensa seqüência predeterminada de golpes, deve realizar uma luta de dez rounds de dez minutos contra três adversários qualificados que se revezam, de modo a estarem sempre descansados.

O boxe não possui testes de passagem de nível nem divisões expressas nos equipamentos e fardamentos, porém, existe uma divisão simbólica caracterizadas por expectativas que delimitam o lugar do aluno naquele universo. Após algum tempo de prática regular, começam a ser direcionadas algumas tarefas que não condizem mais com a condição de aluno iniciante. Um exemplo disso é a colocação da atadura que possui uma maneira ideal de ser utilizada para que a mão seja protegida e não exista a possibilidade de lesão no punho ou nos dedos. No começo do processo de aprendizagem, algumas vezes o professor coloca a faixa nas mãos do aluno, explicando a ele como esta deve ser amarrada, mas após alguns

⁵² Também conhecido como boxe tailandês, nessa arte marcial, são utilizados socos e chutes.

treinos, espera-se que ele seja capaz de realizar essa tarefa, sozinho. No registro abaixo, é possível identificar um diálogo que reflete as minhas afirmações.

Coloco minha atadura e Ricardo retira os tatames que estava treinando colocando-os para o lado. Começo a me aquecer diante do espelho, sozinho na sala, já são 12:10. Nesse momento, chega Aline, aluna nova, com apenas duas aulas de boxe. Eu a cumprimento e segue entre ela e Ricardo o seguinte diálogo:

Aline: Não sabia se eu podia vir esse horário, mas resolvi tentar.

Ricardo: Pode vir ,não tem problema, o horário é aberto.

Aline: Coloca a atadura pra mim?

Ricardo: Coloco, mas vê se vai aprendendo .

Aline: Ta, na próxima já tento colocar sozinha.

Ricardo: Tem que ser, não vou ficar colocando pra ti pra sempre, depois de um tempo, tem que saber botar.

Aline: Certo.

Marcelo, praticante, iniciante no boxe, também fala sobre a colocação da atadura. Ao ser perguntado sobre seus objetivos no esporte, pondera:

[...] eu também queria aprender a colocar a atadura direitinho (risos). Parece brincadeira, mas é sério. Acho legal o cara chegar ali e colocar na boa, sem ter que pedir pro professor, fica mais independente parece. Eu só peço ainda pra me ajudar porque tenho medo de machucar minha mão, mas vejo uns videozinhos no *youtube* pra ver se aprendo mais rápido.

Após a colocação das ataduras, invariavelmente, os alunos fazem espelho. É nessa hora, também, que se notam diferentes comportamentos em relação aos alunos experientes e aos iniciantes. Aqueles se concentram mais nos seus próprios movimentos, corrigindo-os conforme as orientações dos professores, estes têm uma preocupação maior com o movimento dos outros, em uma tentativa de copiar, através do espelho, as combinações dos alunos mais antigos. O espelho é, então, pedagógico.

Despeço-me de Diego e entro na sala logo após a aula anterior acabar e Ricardo também entrar. Enquanto alguns alunos vão chegando, eu vou me aquecendo na frente do espelho. Os outros ficam olhando visivelmente encabulados em realizar os movimentos de espelho. Fico sozinho no meio da sala fazendo esquivas e seqüências de golpes que simulam uma luta. Chega Diego, aluno iniciante, porém assíduo nas aulas e começa a fazer espelho também ao meu lado. Noto que os outros alunos (2 que estavam no canto da sala) começam a realizar movimentos na frente do espelho mesmo que ainda timidamente. Noto que Diego já se sente a vontade dentro da sala de treino apesar de estar treinando há apenas dois meses. Acredito que isso se deva a sua presença assídua nas aulas, onde percebo que ele não apenas se sente mais confiante em relação a execução dos movimentos, como também sente mais confiança em relação ao grupo. Nesse momento na aula estão: Vítor (dois meses de boxe) Diego (quase dois meses) Vítor (lutador de jiu-jitsu, iniciante no boxe), dois alunos que fazem a primeira aula e eu. Vítor olha para os movimentos de Diego tentando imitá-lo, com pouco sucesso. Ele balança a cabeça algumas vezes de forma negativa. Ricardo nota e diz pra ele: Te concentra no teu movimento, não tenta copiar. Ele assente com a cabeça mas assim que Ricardo não está mais olhando, começa a copiar novamente os golpes e esquivas de Diego.

Portanto, o boxe, apesar de ser um esporte individual, seu aprendizado se dá de forma coletiva e, segundo as palavras de Wacquant, mimética (2002, p. 138). O espelho é uma forma de utilização dos alunos para tal, nele, podem-se enxergar todos os alunos praticando seus movimentos. Para aqueles que têm mais experiência, é um momento de refinar suas habilidades e mostrar aos novatos o *como se faz*, para os mais novos, é a parte da aula mais propícia para tentar colocar em prática aquilo que aprendeu durante os treinamentos anteriores e, ao mesmo tempo, retirar daqueles que têm mais habilidade e técnica o maior número de informações possíveis para o seu aprendizado. Por conseguinte, o espelho assinala uma interação silenciosa, visual e sinestésica entre os componentes da aula que se relacionam hierarquicamente em dinâmicas pouco explicitadas, mas bem entendidas.

Na segunda parte do treino, são utilizados, geralmente: teto-solo, corda de pular, *speed bag*, vermelho e corda de esquiva; poucas vezes são realizados exercícios nas manoplas. Essa parte, que possui a duração de aproximadamente vinte minutos, é chamada de “aquecimento” pelos alunos e professores. Apesar de todos já estarem aquecidos após o espelho, seu nome diz respeito a ser o antecessor da parte principal da aula, esta sim direcionada a trabalhar os aspectos técnicos do boxe prioritariamente. Na maioria das vezes, se faz um circuito em que as estações são os equipamentos já mencionados. Os alunos treinam todos juntos, indiferentemente de seu nível técnico, e revezam-se entre os aparelhos em divisões de tempo que variam entre um e dois minutos e são chamadas de *séries*.

A seguir, pede-se para os alunos colocarem as luvas, pequenas ou grandes, conforme os exercícios que irão executar, e geralmente divide-se a turma em duplas. Essas duplas não são escolhidas aleatoriamente, mas sim, relacionada há alguns fatores como: peso, nível técnico ou experiência com o boxe, como nessa passagem, durante uma aula de Ricardo:

Após o aquecimento, Ricardo divide a aula em duplas, três, quais sejam: Renata e Laura, que vão para o speed bag e teto-solo, Carlos e Marcelo, alunos iniciantes com pouca experiência, vão para a corda de pular, Vítor e Marcelo, alunos intermediários pegam uma manopla e uma luva para trabalhar juntos. Eu fico sozinho fazendo espelho, seguindo as orientações de Ricardo que me diz: “espera um pouco que eu já trabalho contigo.” Ele diz a mesma coisa para Tiago, aluno novo e ficamos nos movimentando no espelho. Ricardo passa por todas as duplas e dá algumas orientações das atividades que ele propôs, pega suas manoplas e vem até mim, pede para que eu fique a sua frente e começamos o aquecimento com algumas movimentações básicas que envolveram *jabs*, diretos e algumas esquivas. Após isso, ele trabalha um pouco com Tiago.

Pode-se ver que as duplas foram escolhidas pelo nível técnico, porém, Tiago e eu ficamos juntos, mas não fizemos nenhum exercício em dupla, apenas realizamos atividades com Ricardo nas manoplas. Assim, a divisão caracterizou-se por priorizar que dois alunos com semelhante nível técnico ficassem juntos.

Além das manoplas, ocorre, nessa parte da aula, o *sparring* para os alunos mais avançados. Nesse momento, há um cuidado maior para que exista uma paridade entre os praticantes, pois, com qualquer golpe mais violento, pode haver algum tipo de lesão. Como nessa passagem em que um aluno experiente tenta participar de um exercício de *sparring*:

Após Ricardo trabalhar com Tiago nas manoplas pede para que Rafael e ele batam no saco de pancada grande. Para as mulheres, ele pede para que ponham as luvas para trabalhar com ele. Vítor e Marcelo são solicitados a colocar os capacetes para fazer luvas. Os dois os colocam, Rafael olha para Ricardo e segue entre eles o seguinte diálogo:

Rafael: também, quero fazer luva, posso colocar o capacete?
 Ricardo: Não, eles estão começando, tem que ser entre eles.
 Rafael: Mas eu peço leve.
 Ricardo: Ainda não, muito perigoso, deixa eles treinarem.

A violência no boxe sempre é controlada. Nesse caso, Ricardo achou perigoso o fato de Rafael, como aluno experiente, fazer luvas com dois praticantes inexperientes. Assim,

considerou que a melhor opção seria que dois alunos com padrões técnicos semelhantes realizassem a atividade. Esse tipo de treino é relatado nos trabalhos de Wacquant que, sobre a escolha de parceiros para o *sparring*, narra:

Na falta de parceiros adequados, cai-se na pior das possibilidades, isto é, lutar com boxistas de menos valor ou com iniciantes. No entanto, deve-se sempre manter um equilíbrio relativo, sob a pena de haver desvantagem deliberada para um dos protagonistas. No caso de um emparelhamento muito assimétrico, o pugilista mais aguerrido põe-se tacitamente a aparar os golpes e a trabalhar seu jogo de pernas e suas esquivas, enquanto o mais fraco concentra-se no ataque e nos socos. (2002, p. 101).

Então, as duplas são um dos exemplos da coletividade imbricada em um esporte individual. Procurei mostrar como as relações se estabelecem durante as partes das aulas e a partir de quais critérios (técnicos e simbólicos) os professores selecionam os participantes para co-atuarem durante a feitura dos exercícios.

Porém, ao longo de meus registros, pude perceber que a divisão por duplas obedecia a uma dinâmica diferente quando estas eram formadas por mulheres. Geralmente, independente do nível técnico, as alunas realizavam os exercícios juntas, sendo, poucas vezes, misturadas com os homens. Como na seguinte passagem de uma aula em que as duplas foram divididas pelo professor:

Ricardo divide a aula em dupla. São elas: Eduardo e eu, Sílvio e André, Vítor e Diego, e Renata e Paola. Carlos fica sozinho com Ricardo. Dirijo-me para o *speed bag* e Eduardo para o teto-solo. As mulheres pulam corda, Sílvio e André vão para o saco de pancada pequeno e Vítor e Diego vão para o saco de pancada grande. Ricardo dá o sinal e avisa que serão séries de dois minutos. Nos revezamos entre as duplas. Eduardo e eu fizemos *speed bag* ou teto-solo e pulamos corda, trocando a cada dois minutos com a dupla feminina, que alterna conosco. As outras duas duplas: (Vítor e Diego e Sílvio e André) entre o saco de pancada grande e o pequeno. Todos realizam series de dois minutos. Permanecemos com as mesmas duplas até o final da aula.

Apesar de Renata treinar a três anos, permaneceu durante toda a aula com Paola, que fazia sua terceira aula de boxe, tendo, portanto, uma disparidade técnica visível entre elas. Porém, essa mesma situação dificilmente aconteceria se fossem dois homens, como já analisado em outras observações. O fato de realizarem as atividades juntas se deveu por serem mulheres, já que não havia entre elas semelhanças técnicas ou físicas que justificassem a separação.

Em um primeiro momento, pode-se pensar que isso se deve ao boxe ser um esporte de contato físico e, se as duplas fossem misturadas, os homens levariam vantagem sobre as mulheres pela sua maior constituição física. Essa explicação biológica é falha para explicar essa escolha do professor, pois, muitas vezes, os exercícios não eram de *sparring* ou nem mesmo com algum contato físico como: movimentações de defesa e ataque, onde se priorizavam as questões técnicas em detrimento da força, ou duplas que se revezavam no saco de pancada.

Assim, para tentar responder a essa questão, e sem me deter em uma explicação superficial que se refere apenas à diferença na constituição muscular de homens e mulheres, pretendo, no próximo capítulo, discutir as questões de gênero envolvidas na minha pesquisa.

6 COMO ELAS FAZEM? O QUE ELES ESPERAM?

A separação das mulheres durante os treinos pode suscitar algumas dúvidas sobre a sua participação nas aulas de boxe. Separam-se aqui, algumas questões que dão suporte ao presente capítulo, resultado das reflexões sobre os dados empíricos, são elas: que dificuldades essas alunas encontram para ingressar no boxe? Que relações podem ser feitas com suas histórias de vida? Como elas chegam ao boxe? O que esperam os homens das mulheres praticantes de boxe? São essas as perguntas que pretendo responder nessa parte do estudo, porém, antes disso, apresentarei alguns trabalhos sobre a temática do gênero para: em um primeiro momento, definir esse conceito e, posteriormente, conseguir relacioná-lo com os dados que obtive.

Em nossa cultura, aos sujeitos são atribuídos determinados adjetivos que acabam por classificá-los, em termos de gênero, como masculinos ou femininos. Agressividade, virilidade, força, coragem são adjetivos diretamente associados à masculinidade, enquanto que delicadeza, intuição, sensibilidade, à feminilidade. (MEYER, 2004; GOELLNER, 2003; NICHOLSON, 2000). Esta classificação é tomada como “natural” e estendem-se também, às expressões corporais dos sujeitos, como as das práticas de esportes.

Para problematizar estas noções, observamos aqui o conceito de gênero entendido como uma construção social das diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, compreendendo que ditas diferenças são social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas. Esta noção de gênero tem se afastado de uma idéia essencialista que faz corresponder uma única categoria de homem e de mulher, sem diferenças entre si, a características biológicas já definidas. Esta noção foi trabalhada pela historiadora Joan Scott (1995).

Nessa direção, o conceito de gênero tem sido utilizado com diferentes sentidos, nem sempre concordantes. Um desses sentidos é considerar gênero articulado à noção de sexo biológico, atribuindo características materializadas no corpo, para justificar comportamentos, valores e atitudes sociais. Assim, confunde-se sexo com gênero, sendo tratados como se ambos fossem sinônimos. Neste uso, faz-se referência a uma essência de mulher, a partir da qual se concebe todas as mulheres como sendo iguais, sem distinção de raça, geração, classe social, entre outros aspectos.

Outra forma de usar teoricamente o conceito de gênero é entendê-lo como uma construção social, cultural e lingüística que produz corpos dotados de sexo, gênero e

sexualidade, diferenciando sujeitos mulheres de sujeitos homens, em processos que duram toda a vida e que não acontecem de um modo linear. Tais processos vão conformando nuances de feminilidades e masculinidades que se encontram atravessadas por outras marcas. Essas marcas podem ser sociais, de raça-etnia, sexualidade, geração, entre outras. Segundo Guacira Lopes Louro (2000, p.61), “as marcas devem nos ‘falar’ dos sujeitos. Esperamos que elas nos indiquem sem ambigüidade suas identidades”. Porém, ditas marcas não são fixas, nem permanentes, embora estejam, muitas vezes, materializadas no corpo. Assim, continua a autora, “esquecemos que a identidade é uma atribuição cultural: que ela é sempre dita e nomeada no contexto de uma cultura. Esquecemos que os corpos são significados, representados e interpretados” (2000, p. 62).

Portanto, os corpos, tanto femininos quanto masculinos, são caracterizados, cada um deles, de uma determinada forma na prática esportiva. O corpo masculino deve ser agressivo, viril, forte e o corpo feminino deve ser belo, gracioso, harmonioso, sutil. Isso leva a pensar em esportes masculinos e femininos. Falar de corpo, contemporaneamente, significa falar de identidade, pois o corpo tornou-se lugar de identidade (PROST, 1995).

A prática esportiva deixou de ser negada às mulheres. No fim do século XIX, algumas atividades foram liberadas para as mulheres, com a idéia que beneficiavam ou “preparavam” o corpo feminino para a maternidade (GOELLNER, 2003; ADELMAN, 2003). Segundo Goellner (2005), as mulheres que realizavam esportes eram, antigamente, consideradas como possuidoras de um comportamento desviante. Ainda,

A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005, p.145).

Observa-se, tanto nas produções teóricas de anos atrás quanto nas atuais, um duplo movimento, carregado de ambigüidades. Por um lado, no ambiente esportivo, promove-se uma resposta favorável aos discursos hegemônicos sobre os limites nas práticas esportivas que homens e mulheres podem realizar. Por outro lado, a participação das mulheres em diversas práticas consideradas masculinas parece se adequar a outros significados, tais como à manutenção da beleza física, ao preparo do corpo para a maternidade, à sensualidade e a espetacularização do corpo feminino.

Os trabalhos sobre lutas têm apontado na direção de um universo predominantemente masculino (MARIANTE NETO, 2009). A participação de mulheres está relacionada, em

alguns desses ambientes, com outros objetivos como estética e atividade física. Diferente dos homens, que, na maioria das vezes, têm a luta como um fim, ou seja, estão ali para aprender a lutar, as mulheres, nesses estudos, usam um discurso da prática como um mediador para se conseguir “boa forma”. Ferreti e Kinijnick (2007) estudaram esses discursos de lutadoras de boxe, capoeira e Muai tay e resumem nesse parágrafo a idéia de “proteção”, referente aos atributos por elas referidos aos seus objetivos com essas modalidades:

As lutadoras aqui estudadas não têm a pretensão de “finalizar⁵³” ninguém, são universitárias que lutam, porém de forma suave. Descobriram que as lutas podem ser uma forma agradável de manter o corpo em forma, uma opção diferente de atividade física, mas que ainda não é muito bem vista para mulheres, então, criam formas, ideologias e produzem discursos que podem deixar a atividade mais feminina, mais palatável a sua identidade de gênero. Elas lutam, porém, sem “pegar forte”, afinal, muita força é atributo natural dos homens, segundo elas (FERRETI; KINIJNICK, 2007, p. 75).

O duplo movimento de que falamos aparece sob diferentes formas e argumentos. Nos documentos da Educação Física, como aqueles constituídos pelas obras de Fernando de Azevedo, observa-se um movimento que glorifica os “atributos físicos masculinos percebidos na estátua do grego *Antinoüs*; e a marginalização, pela ausência de registro ou por intermédio de críticas sutis, de corpos femininos transbordantes como o da musculosa *Sandwina*” (GOELLNER; FRAGA, 2003, p. 60). *Sandwina* era considerada, em 1910, a mulher mais forte do mundo e participava em exposições públicas e em circos, demonstrando a sua força.

Apesar de hoje não haver uma estranheza tão grande por parte da sociedade referente à força feminina e à inserção das mulheres nos esportes, o aumento do número dessas participantes não significa, necessariamente, que ela não seja vista como uma mulher masculinizada.

Apesar disso, há mulheres que, entre várias atividades que poderiam escolher, praticam boxe, um esporte visto como masculino. Como elas chegam? É sobre isso que vou tratar a partir de agora. Cabe aqui também entender que dificuldades elas encontram para adentrar nesse esporte.

Dificuldade materializada na entrevista de Aline, aluna iniciante de boxe, que relata ter vontade de fazer a atividade já há bastante tempo, porém, enfrentou um estranhamento inicial em razão de sua família não querer que ela participasse da atividade:

⁵³ Expressão utilizada no mundo das lutas quando o atleta faz com que o seu adversário desista da luta. Equivalente ao nocaute no boxe ou ao *ippon* no judô.

As pessoas estranham muito, todo mundo acha, porque eu sou pequenininha né? Dizem que eu sou muito delicada para fazer boxe, que boxe é agressivo. Meu pai é o mais apavorado, quando eu disse que ia fazer boxe, ele se apavorou, ele quase enfartou (risos). Eu não sei, mas acho que a idéia dele de boxe e pelas lutas que ele vê na TV né, quando eu falei que eu iria lutar, ele ficou apavorado. O resto assim, acha estranho uma mulher fazendo boxe, acha um esporte meio diferente assim né. Mas quem sabe que eu sempre quis fazer, fica feliz, né. Sim, porque tem muita gente que sabia que eu queria fazer. Mas o problema mesmo foi meu pai, ele ficou horrorizado, disse “como assim?” “minha filhinha fazendo boxe?”, “mas é perigoso”, “tu vai te machucar, vai machucar o braço, vai machucar a mão, vão te bater.”

Apesar de querer fazer boxe, Aline se vê de alguma forma intimidada pelas pessoas que a rodeiam, como seu pai, por exemplo, que enxerga o esporte como violento não cabendo a uma mulher desenvolver essas características que, possivelmente acarretarão danos físicos à aluna. Perguntada sobre como foi sua entrada no boxe e por qual motivo não começou a freqüentar a aula de boxe anteriormente, responde:

Eu achava que eu ia ficar muito mais perdida assim, que era um esporte realmente mais masculino, não sei se é porque eu ouvi sempre do meu pai: “Ai, como é que tu vai fazer boxe? Sabe, tanto é que eu tenho um saco assim há uns dez, onze anos eu tinha o tal do saco em casa e tipo eu nunca comecei uma aula assim, eu fiz meu ex-namorado começar a lutar, daí ele me ensinou (risos) algumas coisas, mas eu mesmo não fui pra aula. (risos). Claro, não é que eu tenha feito ele lutar, mas eu incentivei ele a lutar pra ele me ensinar. E lá na minha cidade não tinha boxe, mas quando eu cheguei aqui, tive vontade de fazer, mas não tinha coragem. Eu via lutas e filmes e achava que era um esporte violento, agressivo que só homem fazia. E também meu pai não deixava. Com meu namorado foi o seguinte: meu namorado queria fazer e eu aproveitei que eu queria aprender e incentivei bastante ele a fazer pra ele poder me ensinar, dei até meu saco pra ele, pra ele se empolgar e depois ele poder me ensinar.

Assim, a aluna teve dificuldade em entrar nas aulas de boxe, ao ponto de incentivar seu namorado a lutar para que ele pudesse ensiná-la a realizar alguns golpes. Mesmo sem conhecer uma academia de boxe, sua visão era de um esporte violento e masculino construída pelo cinema e pela visão da sua família. Esse conjunto de representações refletiu uma insegurança no que concerne ingressar em uma academia de boxe, e seu namorado, um homem, parece ter mais autonomia em freqüentar o referido lugar já que dos homens se esperam características que vão ao encontro da representação desse esporte que é contundentemente referido como masculino e violento, cabendo a ele a violência e a agressividade, e à mulher a delicadeza. Para eles, essa agressividade é bem vista e até

estimulada algumas vezes pela família. Sobre isso, Fernando, aluno experiente de boxe fala sobre o que acham as pessoas de suas relações sobre sua prática:

Geralmente é surpresa, eu não sei porque, mas acho que é um esporte assim que não, pelo menos na minha roda de amigos, não é um esporte que comentam e que é comum, meus amigos são de Itaqui e nunca teve uma academia de boxe lá. Nunca ninguém praticou boxe, então seria a mesma coisa que dizer golfe. Que ali na minha roda de amigos é só futebol, tênis, padel, mas um esporte que vem de fora assim, o pessoal não conhece, tanto é que quando eu falo assim, o pessoal fica surpreso, conversa um pouco, mas não se aprofunda. Não é de interesse deles, mas eles estranham por causa disso, não tava no nosso meio, não é um esporte comum assim, que todo mundo pratica. Mas é mais é surpresa. Mas família é tranquilo, nunca tive problema assim, até se meu pai fosse vivo, ia gostar que eu praticasse porque a gente sempre via juntos as lutas na televisão, no tempo do Tyson, do Holyfield, e eu dizia que um dia ia fazer boxe e ele achava legal, me estimulava e tal.

Ao relacionar os dois depoimentos, se percebe que o boxe não pertence ao universo esportivo da maioria das pessoas, cabendo a ele reproduções oriundas de meios de comunicação. Porém, entre as duas falas, existe uma diferença entre a aceitação masculina e feminina: se por um lado os amigos de Fernando não conhecem o boxe com profundidade, eles aceitam como normal um homem treinar, focando o esporte como estranho. Diferente do pai de Aline, o de Fernando via lutas ao seu lado, estimulava-o a se interessar pelo esporte e, talvez, segundo suas palavras, veria com bons olhos seu filho se envolver com o boxe. No caso da aluna, o esporte parece pronto, conceituado: é violento e masculino, um meio restrito, fechado e direcionado para a agressão e a virilidade. O estranho aqui não é o esporte, mas sim a mulher querer praticar boxe, porque o que se espera dela não condiz com esse espaço. A partir dessas diferenças, questiona-se como, então, se dá a entrada da mulher na academia e por quais razões ela se propõe a treinar.

Por oferecer outras modalidades, a academia propicia que as alunas comecem a frequentá-la e, posteriormente, escolham participar das aulas de boxe. Sobre isso, Renata, que pratica há três anos, relata como se deu a entrada no boxe:

Eu fazia *jump* primeiro, aí, nessa aula, tinha a Laura que falava que fazia e tal. E eu sempre pensava que me sentiria mal, só eu de mulher, ia ser estranho, mas ela disse que fazia, que era bom. Ela me falou que fazia também e que tipo, valia a pena fazer sabe. Porque eu sempre tentava convencer alguma das minhas colegas a fazer sabe, e nenhuma queria, porque eu não queria fazer sozinha. Primeiro porque eu achava que era um monte de homem e porque eu achava que ia iniciar assim, sozinha. Tipo.

Primeira aula assim, todo mundo já sabia lutar tudo e eu lá perdida, achei que fosse assim.

Deste modo, algumas vezes, as outras modalidades levam as alunas a conhecer o boxe através de pessoas que circulam na academia entre mais de uma delas. A insegurança em começar a treinar é objeto de muitas conversas com as praticantes. Entrar em aula significa romper com alguns padrões que determinam qual é o lugar da mulher dentro da academia e o que se espera dela. É, de alguma maneira, ultrapassar um limite simbólico entre o *ser mulher* e o *fazer boxe*. Contudo, ao ver que existem outras mulheres treinando, apesar destas serem, sempre, em menor número em relação aos homens durante os treinamentos⁵⁴, algumas delas se sentem mais confortáveis em frequentar as aulas. Porém, a frequência de mulheres nas aulas não é sinal, ainda sim, de uma aceitação por parte dos frequentadores da academia que, em alguns registros, mostram-se resistentes quando o assunto em questão é tratado. Um exemplo disso é uma conversa entre uma aluna da academia e uma praticante de musculação sobre as aulas:

Chego para dar aula às 21h00min. Nesse dia não iria dar aula, porém, Ricardo me telefonou para que eu o substituísse. Encontro-me com Renata na recepção e digo que serei eu que darei aula hoje. Ela conversa com uma aluna nova da musculação sobre a prática do boxe. Segue entre elas o seguinte diálogo:

Renata: Vem fazer boxe um dia, é tri bom. Gasta bastante caloria.

Aluna: Mas não se machuca?

Renata: Não, os guris é que se batem (risos)

Aluna: Eu não posso ficar de olho roxo (risos)

Renata: Nem te preocupa, eu faço há dois anos e nunca me machuquei.

Aluna: Vou experimentar um dia.

Interrompo o diálogo entre as duas e pergunto: “Porque não faz hoje?” ela me responde: “Hoje não, vou ficar só olhando”.

Ao final da aula, pergunto para a aluna de musculação o que ela havia achado da aula e ela me responde: “é puxado, mas muito agressivo, vou continuar na musculação”.

Assim, a academia constitui-se em um espaço em que as mulheres ainda sofrem discriminações que dificultam sua inserção nesse ambiente, diminuindo o número de mulheres nas aulas, talvez as tornando diferentes, sobre o ponto de vista de familiares. Um exemplo disso é a fala de Renata que, em entrevista, me relatou: “minha mãe fala que eu nunca vou arrumar marido porque eu faço boxe.” Por outro lado, ao oferecer outras atividades, a

⁵⁴ Nas observações, nunca se registrou mais de três mulheres durante uma aula.

academia estudada se diferencia dos locais tradicionais de treinamento, que nas palavras de Raquel são “academias cheias de brutamontes”.

Talvez possa ser dito que o boxe, mediado pelo *fitness*, adquire outra roupagem ou, quem sabe, é o *fitness* que ganha elementos do boxe (re)conhecido. Mas, que elementos são esses? O que se espera dessas mulheres? Apesar das dificuldades, que elementos fazem com que elas permaneçam nesse espaço, co-habitando o mesmo espaço que homens e dividindo sacos de pancadas, cordas de pular e manoplas em um esporte que, tradicionalmente, se fez/faz masculino?

Que pese que não foram produzidos dados que relataram discussões ou disputas de espaços dentro da sala de aula entre homens e mulheres. A convivência é harmônica, tranqüila, sem excedentes, sem disputas, cada um ocupando seu espaço. A partir disso, posso refletir que então se encontrou um espaço de luta em que homens e mulheres treinam, lutam e se relacionam em equidade. Também porque não localizei nenhuma lutadora de boxe, uma mulher com objetivos de combate, que objetivasse ser profissional e ganhar dinheiro, ou mesmo lutar de forma amadora, mas com fins competitivos. Porém, também não encontrei homens que se propusessem a esses fins, o que talvez pudesse ser explicado por a academia pertencer a uma classe social diferente dos trabalhos anteriores a essa pesquisa, classe em que o boxe se vincula, talvez, ao lazer, ao divertimento, à saúde e à boa forma. Em um primeiro olhar, observa-se que todos treinam com objetivos parecidos, um ambiente harmônico, em que, apesar das dificuldades encontradas para entrar na aula de boxe, relacionadas à família e pessoas que as rodeiam, ali as mulheres têm um espaço de igualdade.

Dito isso, esse capítulo poderia ser concluído e encerrado. Porém, aqui, recorro à difícil tarefa reflexiva de entender *o que o não dito quer dizer*, em uma espécie de antropologia do silêncio e, cunhando o termo utilizado por Mota (2008), “ouço” um “sonoro silêncio” (p. 687) e tento entender o que meus dados não me dizem, ou seja: o que significa essa convivência harmônica? Como convivem homens e mulheres? O que se espera de uma mulher que faz boxe nesse local? É a partir dessas perguntas que apresento algumas falas de homens sobre as mulheres que treinam, começando por Ricardo, um dos professores que, sobre a procura das mulheres pelas aulas de boxes, pondera:

Aqui no Brasil em noventa e dois, principalmente os gaúchos, mulher não fazia supino e homem não fazia abdução. O homem fazia supino e agachamento era coisa de mulher. E mulher fazia ginástica dançando, aí de uns tempos pra cá, há dezoito anos que eu estou aqui na academia, começou a mudar bastante coisa, tipo as mulheres treinando mais musculação, fazendo agachamento, fazendo supino, fazendo tudo, porque a mentalidade

foi mudando e acho que através de muita revista, muita reportagem que as mulheres lêem que treino de luta faz bem pro corpo, e isso é óbvio, porque é um treinamento muito funcional, multiarticular, multifuncional, aeróbico, anaeróbico e estimula a perda de gordura, coordenação, massa muscular, tudo.

O boxe, então, assume um formato de ginástica para as mulheres, suas técnicas e exercícios entram em um rol de atividades oferecidas pelo local. A explicação dada para explicar os benefícios da luta é direcionada aos cuidados com o corpo, não para a luta. O uso desse esporte tem, nesse caso, outro significado. Corroborando com a entrevista de Ricardo, Vítor conta o que pensa sobre a participação das mulheres em sala de aula:

Eu acho que elas fazem mais pelo preparo físico né. Pro físico em si, pra ficar em forma. Na pra objetivar uma luta ou mesmo pra se defender, acho que lutar nem passa pela cabeça delas. É só pra melhorar o físico, não pra se defender, eu acho que na hora que tiver que usar não vais saber, vai se esconder, vai fugir, vai gritar, não vai saber usar, a meu ver, e também não vai querer lutar assim como esporte amador, coma adversário, acredito que não, acho que é mais pra manter o físico ou pra melhorar.

Nessa fala, se observa que o lugar da mulher dentro na aula é o de cuidar do corpo, não cabendo a ela objetivar a luta. Esse discurso é presente também no depoimento de Ricardo que, sobre as suas alunas lutarem, discorre:

Já teve várias mulheres que queriam lutar, comecei a treinar elas, mas assim por outro lado eu vi que não era não era bem o caminho. . A maioria que está aqui está pela atividade física, eu já tive algumas que queriam lutar, mas eu tento meio que desmotivar elas pra lutar, eu acho que elas meio que se enganam um pouquinho porque no treino , elas treinam bem, elas batem bem, se movimentam bem, fazem luva comigo, elas batem forte, eu tenho que me cuidar que elas batem forte, sabem como bater, eu acho que , por outro lado, pra entrar no ringue, competitivamente já é outra mentalidade, a mulher ia se machucar e depois ia desistir.

A diferenciação luta/*fitness* dá a elas um lugar nas aulas. Em princípio, elas estariam ali para fazer uma atividade física, com uma preocupação estética e enfrentariam, provavelmente, resistências por parte dos colegas e professores se apresentassem alguma agressividade ou vontade de lutar e competir no esporte. Caracterizando essa resistência ou o que se espera de uma mulher nas aulas de boxe, temos o depoimento de Rodrigo sobre o tema:

Como exercício físico, eu acho mais do que válido, acho até incomparável né. Porque pelo que se sabe é um exercício extremamente completo né, útil pro condicionamento físico, pelo que eu sei, ó único que talvez possa se comparar é a natação, pelo menos dos mais comuns, dos que a gente tem mais contato, então eu acho que é mais do que válido. Acho indicado pela questão da preparação física, eu acho indicada a participação da mulher no boxe, eu só acho que , e aí vai um pouquinho de machismo, eu não tenho muito gosto pela mulher que se torna vamos dizer assim “uma fera” do boxe, ou a mulher que tem o “olho de tigre”, a mulher não tem que ter o olho de tigre, o olho de tigre é uma agressividade inata a determinadas pessoas né. Algo que demonstra que elas foram ou não feitas especificamente pro boxe. Na minha forma de ver, mulher com olho de tigre, e aí acho que vai um pouco de machismo, eu não acho muito legal.

O termo “olho de tigre” é comumente usado em ambientes de luta e serviu, no caso dessa pesquisa, para representar o contrário do que é esperado das mulheres, inclusive das que praticam boxe. O “olho de tigre” é a agressividade, a masculinidade, um desejo de nocautear o adversário, características daqueles que o possuem e que seriam dotados de um desejo natural de violência. Como nos trabalhos citados no começo desse capítulo, pode-se perceber a naturalização que as características femininas e masculinas são acometidas. O tigre é uma representação de bravura, de aspereza e ataque que destoa com o que se espera de uma mulher. Ela que, dentro do boxe, deve possuir um tom menor, mais brando, menos agressivo. Seu foco, segundo os homens, é cuidar do corpo e se condicionar.

Essa fala também está presente no discurso feminino. Porém, diferente do masculino, as questões técnicas também estão incluídas nas suas falas, onde a dicotomia tão marcada pelos homens se relativiza. Isso pode ser observado na fala de Renata, sobre seus objetivos com o boxe: “bah, eu acho tri bom mulher fazer boxe, tipo, eu não penso em bater em ninguém, mas se algum dia eu tiver que me defender de repente eu vou ter uma chance de me defender, sabe. Mas eu não penso muito nisso, eu penso mais no esporte mesmo do que na defesa, sabe”.

Mesmo tendo a preocupação de cuidar do corpo, Renata salienta a importância técnica, não utilizada com fins profissionais, mas sim sobre o ponto de vista da autodefesa, de utilizar o que aprendeu nas aulas para uma possível defesa de agressão. Sobre o assunto, Raquel conta como vê o uso do esporte nesse sentido, perguntada sobre o que é mais importante durante os treinos para ela: a parte de condicionamento físico ou as questões técnicas do treino, responde:

Eu acho que as duas, nenhuma mais importante que a outra. Tanto é que vocês fazem a gente pensar, entende, o movimento de perna, de braço, sempre tem que ter essa consciência. Então não é só a questão do

condicionamento físico, é a questão da consciência corporal mesmo né. Porque pela atividade aeróbica, eu podia fazer qualquer outra coisa, *jump*, corrida e tal. Mas o boxe concentra os dois, o condicionamento físico e a parte técnica. Agente aprende a lutar também, e um dia pode precisar.

Assim, no intuito de entender como as mulheres participam das aulas de boxe, pode-se falar em três assuntos que se relacionam e possibilitam compreender que espaço as mulheres ocupam na academia. Em um primeiro momento, em razão de uma visão pré-concebida, seus pares dificultam, questionam e argumentam contra sua entrada no boxe. Porém, ao freqüentar uma academia, elas encontram um espaço que lhes possibilita transitar em um local em que o boxe é oferecido, oportunizando-as conhecer essa prática através de outras pessoas que circulam por diferentes modalidades. Então, ao começar a freqüentar as aulas, a elas é dado um rótulo: as mulheres que estão ali estão fazendo o *boxe para o fitness*, o esporte serve como um instrumento para cuidar do corpo, da estética, não tendo nenhuma marca que lembre os ambientes do treinamento de luta. Porém, apesar de se esperar das mulheres esse comportamento marcado e dicotômico, essa divisão não está vinculada ao discurso feminino, que é assinalado como um *ir e vir* entre luta e estética, como na fala de Renata que diz: “eu sinto falta de lutar mais, fazer mais *sparring*.”

Porém, nesse local que possui tantas características masculinas, registrou-se uma fala da mesma aluna tentando diferenciar-se dos homens; ao final de uma aula comandada por Ricardo, onde havia sete homens e Renata, o professor sugeriu que os alunos fizessem o exercício de flexão de braços ou “apoio” e a aluna, negando-se a realizar a tarefa, falou: “Eu não vou fazer apoio, eu já faço boxe, ainda vou ficar fazendo apoio, ficar com um braço, aí é que vou parecer um homem mesmo.” Todos realizaram a tarefa nesse dia, menos a aluna. Portanto, mesmo sentindo falta de algumas atividades no boxe, como o *sparring*, a aluna procura diferenciar-se da visão hegemônica de masculinidade. A partir disso, posso dialogar com o trabalho de Silveira (2008) que pesquisou um grupo de jogadoras de futsal e relatou que estas escondiam marcas no corpo oriundas do esporte, procurando diferenciar-se da visão masculina de viver o esporte:

As mulheres que possuem uma feminilidade próxima da masculinidade hegemônica não são bem vistas [...] Ter mulheres que possuam traços corporais e gestos próximos das características construídas social e historicamente como masculinas faz com que o futsal seja visto como um universo homossexual, além de reforçar o vínculo desse esporte com o universo masculino (p. 109-111)

Diferente do trabalho feito por Nunes (2004) com lutadores de MMA, em que as marcas corporais representavam prestígio nas academias pesquisadas, tanto no trabalho de Silveira quanto na presente pesquisa, as marcas corporais e mesmo sinais como hipertrofia muscular ou algum machucado, resultado de disputas dentro do esporte, não são bem vistos, cabendo às mulheres um padrão de comportamento concebido pelo cuidado ou, como afirma Goellner (2007), por um “temor à masculinização”. Segundo a autora:

Este termo parece sugerir não apenas alterações de comportamento e na conduta das mulheres, mas também na sua aparência, afinal, julga-se o quão feminina é uma mulher pela exterioridade de seu corpo. Quando essa representação é fissurada, várias questões estão em jogo (GOELLNER, 2007, p. 7).

A partir dessas elaborações teóricas, volta-se para a sala de treino e conclui-se que o fato de serem separadas em duplas, questão que inspirou esse capítulo, nada tem a ver com uma suposta naturalização dos comportamentos relacionada com a aptidão física e muscular. Mas sim, ocasionado por uma rede de significados que permeia o universo vivido pelas alunas e que faz parte, também, do modo como elas são percebidas pelos colegas e professores. Como na voz de Marcelo, um de meus interlocutores: “lutar é pra homem, mulher treina”. Lutar ou, nesse caso, treinar não é visto como algo ruim ou diferente para essas mulheres, porém no caso desse verbo - lutar -, que seja transitivo, ou seja, dependente de um complemento: treinar não como um fim, mas sim para emagrecer, para enrijecer, para modelar. Homens até podem lutar por lutar, mesmo que, como nesse caso, não sejam lutadores, porque “boxe é para homens”, mas, para elas, o boxe deve ser reapropriado como um esporte carregado de elementos de cuidado com o corpo: condicionamento aeróbico, tónus muscular e perda de gordura.

Então, após estudar as questões de gênero envolvidas no *boxe da academia* e com o aparecimento de outro elemento ausente nas pesquisas estudadas: o *fitness*, passo a questionar o próprio espaço de treinamento, ou seja, a partir disso, como esses elementos se engendram com as características do treinamento de boxe tradicional. Essa questão é o que pretendo responder no próximo capítulo.

7 TREINO DE BOXE OU AULA DE FITNESS?

Em um primeiro olhar, talvez fosse fácil responder a essa questão. Digo isso por se tratar de uma academia de musculação e ginástica, local que os indivíduos procuram, em princípio, para cuidar do corpo, emagrecer, hipertrofiar seus músculos, diminuir dobras e aumentar perímetros, através de levantamento de pesos, corridas na esteira, uso e abuso de suplementos alimentares e dietas, lugar de emoldurar o corpo e colocá-lo “no lugar”. Um espaço de realimentações de padrões estéticos e morfológicos onde o intuito é, pois, moldar-se. Uma academia, também com um olhar apenas superficial, seria muito diferente dos tradicionais salões de treinamento de boxe que ainda estão no imaginário de muitas pessoas: materiais empoeirados, ringues que forjam indivíduos/lutadores que precisam do esporte para sair da grave situação social em que se encontram, local com armários antigos onde se guardam roupas esfarrapadas e mazelas de uma vida sofrida, e onde vestem-se ataduras, calções de treino velhos e a esperança de uma vida melhor. Lugares diferentes, antagônicos, com poucas possibilidades de convívio, já que o primeiro é a materialização em concreto do culto ao corpo, e o segundo uma fábrica de boxeadores.

Porém, nesse caso o papel do pesquisador é questionar e relativizar o que esses olhares dizem sobre esses universos. Através de uma perspectiva sistematizada e sustentada tanto teórica quanto empiricamente, desconfiar de questões que passam despercebidas ou prontamente são respondidas no senso comum. Talvez não se tenham muitas respostas a essas dúvidas, mas, pelo menos, que se questione o que já é dito. Assim, outras questões podem ser elaboradas a partir da pergunta título do presente capítulo, tais como: o que é *fitness*? Que subsídios os trabalhos científicos possuem para constituí-lo como tal? Que elementos simbólicos são atribuídos à academia de boxe tradicional? Como relacionar esses elementos com os dados empíricos dessa dissertação? Para respondê-las, faço uma revisão de alguns trabalhos acadêmicos para compreender que relações de significados envolvem o assunto e, após isso, apresentarei um quadro comparativo que ofereça elementos para iluminar essas duas práticas e, a partir disso, relacioná-los com meus dados.

Sob o ponto de vista antropológico, faço a escolha por entender, em primeiro lugar, em que alicerces simbólicos esses locais se constituem, ou ainda, que significados estão inseridos nas academias e que questões sociais estão imbricadas na relação destas com a sociedade atual. Para tanto, antes de falar das desses locais, escolhi discorrer sobre a questão do corpo, pois é nele que se volta o olhar quando o assunto em questão é tratado.

Os corpos são revestidos de simbolismos. Nele, encontram-se marcas que o distinguem de outras épocas, caracterizando a dinâmica flexível e mutável da relação do indivíduo com seu corpo. Essa maleabilidade é dependente do contexto em que está inserido, determinado histórica e culturalmente. Diferente do biológico, o corpo social é determinado por histórias de vida, relações sociais, grupos de pertencimento e tempo histórico definido. Ele é o resultado de uma interação com o mundo, formado e reformado por discursos sustentadores de significados maleáveis e, muitas vezes, impositivos. Um lugar de interação com o mundo que o circunda, uma possibilidade de pertencimento. Para Le Breton (2006, p. 10), “na medida em que se ampliam os laços sociais e a teia simbólica, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator”. Ele ocupa um espaço nas relações sociais, a ele são determinadas marcas hierarquizantes que o inserem em determinados grupos sociais. Para o mesmo autor:

Torná-lo não um lugar de exclusão, mas o da inclusão, que não seja mais o que interrompe, distinguindo os indivíduos e separando-o dos outros, mas o conector que o une aos outros é um dos imaginários sociais mais férteis da humanidade. (LE BRETON, 2006, p. 11)

Em nossa sociedade, a aparência tem uma dimensão aumentada, os corpos são cuidados e tratados para que se possa estar apresentável, termo que significa estar incluído dentro de um padrão relativo ao local, grupo ou espaço em que se pretenda inserir. Discursos televisivos, impressos e virtuais reforçam que estar de acordo com o perfil estabelecido é estar dentro da correta representação de corpo (FIGUEIRA; GOELLNER, 2005). Sobre a aparência, Le Breton (2006, p. 77) discorre: “são os traços dispersos da aparência que podem facilmente se metamorfosear em vários indícios, dispostos com o propósito de orientar o olhar do outro ou para ser classificado, à revelia, numa categoria social particular”.

Com idéias semelhantes as do autor supracitado sobre a construção social do corpo, Rodrigues (1986) afirma que os corpos, inseridos em um contexto social, são a materialização de elementos sociais que se misturam dando a ele características relacionadas com o tempo histórico e a sociedade em que se encontra. A partir disso, a cultura

Dita normas em relação ao corpo; normas que o indivíduo tenderá, às custas de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer do pôr-do-sol. Entretanto [...] a mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é

afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais (RODRIGUES, 1986, p. 44).

Assim, o corpo constitui o sujeito ao inseri-lo nos padrões determinados pelo contexto. Nessa lógica, os indivíduos relacionam-se através de seus corpos com a sociedade em que vivem. Deste modo, os indivíduos utilizam-se de recursos para:

Se aproximarem de padrões de estética corporal que a sociedade define, destacando, dissimulando ou atenuando particularidades de sua aparência: submetem-se a dietas especiais, praticam exercícios físicos, pintam-se ou deitam-se em mesas de operações cirúrgicas – porque crêem que, procedendo assim, estarão incrementando a vitalidade de sua constituição orgânica e social. (RODRIGUES, 1986, p. 64).

Portanto, os corpos são uma possibilidade de relações e interações com o outro, uma porta de entrada para o engajamento em determinado grupo social, um mediador de relações simbólicas. Estar dentro dos padrões corporais é estar de acordo com os ditames locais, contudo, estar fora dele é desmembrar-se, ficar de fora do todo. As mudanças corporais sugerem também alterações sociais. Entrar ou sair de locais fechados simbolicamente, onde quem tem lugar é aquele que se propõe a compartilhar com o mundo suas idéias sobre corpo e, mais do que isso, se permita incluir em sua rotina diária alguns cuidados através de rituais ligados à prática de exercícios e à alimentação, entre outros.

7.1 As academias de *fitness*: lugares de realimentações simbólicas

Nesse contexto, as academias de ginástica e musculação se inserem em uma sociedade em que o corpo é resultado de um padrão estético no qual o baixo percentual de gordura e o desenvolvimento muscular são modelos de saúde. Lugares onde os corpos “sarados” são referências de padrão de beleza. Concordando com essa afirmação, Goldemberg e Ramos (2007, p. 27), em um ensaio sobre as representações corporais, afirmam:

Pode-se dizer que as regras subjacentes à atual exposição dos corpos são de ordem fundamentalmente estética. Para atingir a forma ideal e expor o corpo sem constrangimentos, é necessário investir na força de vontade e na autodisciplina [...]. O autocontrole da aparência física é cada vez mais estimulado. Promete-se, entre outras benesses, um abdômen cheio de gomos salientes ou nádegas duras e sem celulites caso o indivíduo se dedique a tal

propósito e receba todas as informações fornecidas como um conjunto de obrigações.

Assim, o padrão de boa forma não tolera sujeitos fora dos parâmetros estabelecidos, chamados, não por acaso, de “fora de forma”. O que forja ou (de) forma os indivíduos são, entre outras coisas, as horas passadas dentro das academias. Há um “consenso visual” (MALYSSE, 2007, p. 80) sobre o que deve ser exposto para /pela sociedade que busca revestir-se de símbolos. O autor supracitado define, na mesma obra, como vê os brasileiros em uma praia do Rio de Janeiro:

Quanto a eles, todos parecem estar cobertos por um sobrecorpo, como uma vestimenta muscular usada sobre a pele fina e esticada, algo como a nudez vestida de dentro por volumes de carne, por músculos que afluíam. [...] O corpo “virtual” apresentado pela mídia é um corpo de mentira, medido, calculado e artificialmente preparado antes de ser traduzido em imagens e de tornar-se uma poderosa mensagem de corpolatria. Essas imagens-normas se destinam a todos aqueles que as vêem e, por meio de um diálogo incessante entre o que vêem e o que são, os indivíduos insatisfeitos com sua aparência são cordialmente convidados a achar seu corpo defeituoso. (MALYSE, 2007, p. 84-93)

Com o objetivo de arrumar esses supostos defeitos, as academias têm um papel de reintegração dos indivíduos. Ao defini-las, o autor discorre fazendo uma relação com os esportes:

Nas atividades como fitness e a musculação, por exemplo, nova em sua inspiração, sua, em seu conteúdo e em seu público, o objetivo não é a *performance* esportiva ou a socialização graças a um esporte de equipe, mas sim a busca de um bem estar físico e psíquico, a busca da boa forma e da magreza que permitem uma boa apresentação do corpo aos outros e, portanto, a socialização por meio de uma *performance* mais estética do que esportiva. Ali, não se trata de encarar a malhação como um esporte, e a atividade não é um treinamento esportivo, mas sim a manutenção e a resistência a todas as formas de resistência física (MALYSE, 2007, p.95-96).

Portanto, o *fitness* diferencia-se do esporte por introduzir outra forma de pensar essa prática: o padrão estético, atribuindo a esses locais – as academias- um significado diferente do que é geralmente conferido ao esporte (desempenho, competição, etc.). Porém, apesar de haver essa diferenciação simbólica, as academias introduzem métodos de treinamentos que usualmente são destinados para fins esportivos. É sobre esse tema que discute Hansen e Vaz (2004) em trabalho intitulado “Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em

academias de ginástica e musculação”. Para esses autores, o *fitness* está incorporando, de alguma forma, características do esporte de rendimento, segundo relatam, esses locais são:

Lugares onde o treinamento desportivo encontra terreno fértil para seus discursos e práticas, espalhando-se, em suas conhecidas conseqüências, por um universo antes insuspeito porque supostamente “livre” dos imperativos da competição. Trata-se de ler as academias de ginástica e musculação como *training camps* urbanos permanentes, freqüentados por uma enorme gama de para-atletas. (HANSEN; VAZ, 2004, p. 136)

Porém, diferente do esporte de rendimento, onde o desempenho e os resultados competitivos são objetivados, nas academias a incorporação de alguns elementos do treinamento esportivo se dá para o aperfeiçoamento da boa forma. O que se quer, nesse caso, é o rendimento máximo em relação, não a resultados esportivos, mas sim, à “escultura do corpo” (p. 139). Os princípios do treinamento desportivo como a especificidade se traduzem em uma nova roupagem, das academias, onde essa (re) apropriação é realizada pelos significados que os indivíduos fazem daquele espaço, focados na estética corporal.

Sobre esses significados, Sautchuck (2007), em artigo publicado sobre as medições de gordura nas academias, considera que esses espaços representam um laboratório vivo de anatomia e fisiologia, onde seus freqüentadores e professores utilizam-se de métodos científicos como a medida antropométrica para legitimar as prescrições de atividades realizadas nesse local. Esses artifícios podem ser duvidosos mediante a quantidade de teorias argumentando contra tais procedimentos. Ao utilizar os termos “interno” e “íntimo” (p.181), a autora se refere a uma interdependência de relações em que a modulação do corpo age sobre o interno (músculos e gordura) para ter resultados sobre o íntimo (saúde e estética). A preocupação com o peso corporal se transfere para o domínio interno, cujo elo é a anatomia e a fisiologia. O equilíbrio corporal está relacionado à “massa magra”, pois é ela que se relaciona com o metabolismo, com as mudanças corporais e com a saúde. Nesse ambiente, diferente das práticas esportivas, o músculo não é o vetor de movimento, mas o produto deste, o objetivo, ali, é maximizar o equilíbrio dos componentes corporais, com saliências dos músculos e invisibilidade da gordura. Então, “[...] o belo aqui remete ao desenvolvimento interno, derivado da sobreposição do músculo à gordura” numa lógica da “estética do metabolismo” (SAUTCHUCK, 2007, p. 197).

Assim, as academias se constituem por uma série de significados que são relacionados com a estética corporal. Diferente dos esportes, onde o objetivo, entre outros, é competição, lazer, resultado e desempenho, os freqüentadores das academias de *fitness* buscam aprimorar

suas medidas corporais através de métodos buscados no esporte de rendimento. Assim, o foco desses freqüentadores não é bater recordes ou melhorar o desempenho nas atividades que realizam, mas sim, utilizarem-se dessas atividades para se inserir no padrão estético dominante que se caracteriza por estimular os sujeitos a diminuir seu percentual de gordura e aumentar a massa muscular.

7.2 As lutas e o simbólico

Nos esportes de combate, vê-se um movimento diferente do apresentado no parágrafo anterior. Ao empregar novamente o termo “interno” (p.181) utilizado por Sautchuck (2007) ao se referir ao foco de preocupação do corpo nas academias, relaciono-o com o universo dos esportes de combate, onde os objetivos de construção do corpo lutador são “externos” predominantemente⁵⁵. Nesse caso, ao contrário das academias, os músculos são um mediador do movimento, este sim, o principal objetivo do praticante; a técnica de luta (externo) é o que se objetiva, cabendo a ela o lugar de destaque, tanto nos trabalhos de Wacquant (analisados no subcapítulo 2.2 desse estudo), como na pesquisa de Gastaldo (2001), sobre praticantes de *full contact* de uma academia de Porto Alegre. Nesse último espaço, os praticantes viam seu corpo como um meio para adquirir e mostrar as habilidades técnicas aprendidas durante as aulas. Sobre essa questão, o autor afirma que “a construção do corpo, nesse sentido, não é um fim em si, mas um meio de atingir esse objetivo, sendo mal vista quando utilizada apenas como finalidade estética” (p. 209). Assim, nos treinos, não se visualizava o objetivo de conquistar a boa forma, mas sim, se apropriar de técnicas de luta; dessa forma, a questão estética pouco aparece nos resultados destes trabalhos.

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa intitulada “Corpos no Ringue”, realizada por Farias (2005). Ao utilizar a expressão “lutadores” (p.8), atribuí aos seus interlocutores os elementos que caracterizam os indivíduos estudados nas pesquisas sobre esportes de combate: o objetivo de lutar. Assim, como no caso de trabalho de Wacquant, os indivíduos pesquisados percebiam no boxe uma possibilidade de ascender socialmente com o boxe. Os seus corpos, diferente do caso do *fitness*, se tornam um meio de adquirir as técnicas

⁵⁵ Refiro-me ao termo “predominantemente” porque alguns trabalhos, como a pesquisa realizada por Cláudio Nunes, também mostram preocupações dos lutadores com um corpo “sarado”. Porém, mesmo nessa pesquisa, a estética corporal tem o objetivo de amedrontar seus adversários e angariar patrocínio. As questões técnicas, mesmo assim, se mostram mais valorizadas, materializadas nos discursos de seus interlocutores e nas conclusões do pesquisador.

de luta para aplicá-las no ringue, onde o objetivo é que o corpo produza o movimento e não mais que o movimento produza o corpo. Ao realizar uma análise das falas dos sujeitos, discorre:

Entre as conclusões que se pode tirar a partir das narrativas das sensações, está a de que os limites corporais são constantemente desafiados durante a prática do boxe. Para os lutadores da Maré, a percepção de corpo e mente traz ambigüidades: a separação entre ambas as dimensões aparece, na medida em que, a razão entra em choque com emoção, na busca da superação dos medos e da dor. Entretanto, estas mesmas dimensões também precisam estar integradas a serviço da técnica deste esporte, para tornar concreta a possibilidade de vitória nas competições. Finalmente, a consciência em relação às seqüelas que o esporte pode provocar, em longo prazo, também se fez presente entre os jovens: “Ainda mais quando fala do Mohamed Ali, que ficou em cadeira de rodas depois de todas as lutas dele...”, lembrou um dos jovens. (FARIAS, 2005, p.121)

Deste modo, ao citar que o corpo deve estar “a serviço da técnica desse esporte”, a autora sugere que, nesse local, lutar boxe é o maior objetivo. A relação com o corpo se desenvolve de uma maneira diferente das academias de musculação e ginástica. No caso das representações dos resultados dessa pesquisa, o corpo é um meio para se adquirir as habilidades de luta proporcionadas pela prática do boxe.

Pelas análises dos estudos sobre esportes de combate que apresentei durante a dissertação, posso concluir que nas lutas também há a preocupação com o culto ao corpo. Porém, essa apropriação se faz de maneira diferente; o corpo tem a função preponderantemente de ferramenta. Nesses locais, a ele é atribuído o papel de receptor de habilidades de luta e, assim, o objetivo principal de seus praticantes é forjar-se lutador.

A partir dessas características, é possível estabelecer relações entre as duas práticas – luta e *fitness* – sem com isso dizer que não existam algumas semelhanças ou que estas atividades não se relacionem de alguma maneira. O que quero com isso é buscar elementos que me conduzam a uma melhor análise dos dados. Para tanto, estabeleço um quadro comparativo entre os significados dessas duas práticas corporais.

LUTA	FITNESS
- Corpo como um meio.	- Corpo como um fim.
- Corpo, produtor do movimento.	- Corpo, produto de movimento.
- Preocupação externa.	- Preocupação interna.
- Objetivos: técnica, aquisição de habilidades de luta.	- Objetivos: saúde, estética.

Quadro 2 - Relações de significados envolvidos nas práticas de lutas e academias de *fitness*⁵⁶.

⁵⁶ Ressalto que não quero limitar as características dos dois universos a esses elementos, o que seria impossível mediante a diversidade de manifestações que pode haver em diferentes locais de prática. O objetivo aqui é captar algumas informações capazes de ajudar a feitura do trabalho.

Feitas essas relações e inserindo a discussão sobre os dados produzidos na pesquisa, pode-se questionar: como se manifestam essas diferenças no campo de pesquisa? Em que pontos pode-se admitir tratar-se de uma aula de boxe? Que relações com os ambientes das academias discutidas na literatura podem ser feitas? Enfim, qual a relação que os alunos estabelecem com o boxe da academia? Aulas de *fitness* ou treinos de boxe?

7.3 O Boxe da academia

Como ponto de partida, selecionei Diego, praticante de musculação e aluno esporádico de boxe, e Vítor, freqüentador assíduo dos treinamentos e que não realiza outras atividades físicas. Sobre eles e os seus objetivos com o uso do boxe, apresento dois diálogos registrados em diário de campo:

Chego em cima da hora: 21h00min e a aula anterior (*Body Pump*) está acabando e as últimas alunas estão saindo. Vou ao vestiário e encontro Vítor e Diego. Vítor está colocando as ataduras, e Diego tomando suplemento alimentar depois do seu treino de musculação. Segue entre eles o seguinte diálogo:

Fernando: Vai treinar boxe hoje?

Diego: Não, só vim fazer ferro (musculação).

Vítor: Tu vem no boxe só às vezes.

Diego: Pois é, só queria emagrecer, já consegui.

Vítor: Pode ser perigoso (rindo), se destreinar, quando aparecer , pode tomar um direto no queixo.

Diego: Aí nem faço luva, não me preocupo com isso, quero só treinar no saco e pular corda pra emagrecer.

Vítor: Aí é barbada. (num tom de brincadeira).

Diego: Vou ver se venho amanhã. Amanhã é dia de fazer aeróbico.

Vítor: Ta bem.

Enquanto a aula não começa, converso com Diego, aluno de boxe e musculação, e que me diz que não vai treinar. Pergunto a ele o motivo já que está na academia no horário da aula, ele me responde: “Acho que não vou treinar boxe, só de vez em quando, vou ficar só puxando ferro hoje. Só queria perder 5% de gordura e já consegui.”

No primeiro diálogo, entre os dois alunos, percebe-se a diferença em relação aos seus objetivos: enquanto Vítor concentra sua fala na dificuldade em aprender as técnicas do boxe de defesa e ataque mediante a pouca assiduidade nas aulas, Diego discorre sobre seus objetivos estéticos colocando as questões técnicas em um lugar secundário, focando seu discurso nos resultados obtidos pelo treinamento de boxe. Ao dizer “vou ver se venho amanhã, é dia de fazer aeróbico”, coloca o esporte não como uma luta, mas como uma possibilidade de obter os resultados que um exercício cardiovascular proporciona. Isso fica materializado, também, no segundo diálogo em que o aluno me diz que já conseguiu o que queria com o boxe: “perder cinco por cento de gordura” e, por isso, não vê outro motivo para continuar treinando. No caso de Diego, muitas vezes o vi praticando musculação durante a aula de boxe; esse aluno não é regular nas aulas e evidencia, com suas atitudes, pouca preocupação em aprender a lutar boxe, a preocupação predominante do aluno é “secar”⁵⁷. Essa afirmação é exemplificada na seguinte passagem durante uma atividade ministrada por Ricardo:

A aula de hoje teve quatro pessoas [...]. Trabalho com Eduardo no saco de pancada grande e Diego e Vítor no saco pequeno, Ricardo diz para fazermos três séries de um minuto e meio em cada um dos equipamentos. Fizemos o que o professor pediu e, após isso, ele dá um intervalo para que tomemos água. Na volta, Ricardo pede para colocarmos luvas grandes e capacetes para fazermos *sparring*. Eduardo, Vítor e eu colocamos os acessórios e segue entre Diego e Ricardo e seguinte diálogo:

Diego: Não to a fim de fazer luva, queria dar uma “secada”, posso ficar batendo no saco só?

Ricardo: Tu quem sabe, bate no saco então que eles lutam.

Diego: Ok.

Ao ouvir o diálogo entre os dois, Eduardo diz, em tom de brincadeira: “Quer secar, vi correr na esteira”. Todos riem e Diego fica batendo no saco até o fim da aula enquanto nós três fizemos exercícios de *sparring*

Entre as mulheres, também foi identificado uma diversidade no que diz respeito aos objetivos dos alunos com a prática. Em razão da aula de boxe ser, freqüentemente, realizada em duplas, como já foi descrito, a interação entre os participantes é dependente, muitas vezes, do empenho do seu colega. Quanto a isso, Renata, quando perguntada sobre qual a parte da aula prefere, fala os motivos de não gostar de treinar com Laura, aluna esporádica de boxe e freqüentadora de outras atividades da academia como a musculação e o *jump*, responde:

⁵⁷ Essa expressão significa diminuir o percentual de gordura para que seus músculos fiquem mais aparentes.

Ah, eu gosto mais quando a gente faz luva porque é mais emocionante. O único problema é que, por exemplo, assim, a Laura, ela não se esforça, sabe, é ruim treinar com ela. O Ricardo manda baixar ela não abaixa, sabe, eu acho ruim isso. Tudo que eu faço eu tento fazer bem feito, sabe, eu não sou perfeccionista, mas acho que se a gente tá ali, a gente tá ali, sabe. Daí é ruim assim. Daí eu não gosto, têm algumas coisas que ela não quer fazer. Tipo sabe aquela coisa assim, sem vontade, isso é ruim, isso eu acho ruim. [...] Mas é que ela não quer se esforçar, mas eu sei exatamente assim, por exemplo, o Ricardo fala uma coisa ou tu fala uma coisa e ela não faz, sabe. Sabe uma pessoa que não quer se esforçar. Ela não faz aquilo que o professor fala, sabe. Sabe quando o Ricardo fala ou quando tu fala, a gente pega e tenta fazer aquilo que foi falado, pelo menos ali naquele dia, que depois pode esquecer, sabe, tu entende isso?

E, quando perguntada sobre quais motivos, em sua opinião, levam Laura a continuar treinando, Renata conclui: “ela não gosta, ela já me disse que não gosta, ela tá ali só pra emagrecer, então, se tá ali pra isso, nunca vai se concentrar na técnica mesmo”. A partir disso, se estabelece um conflito em relação aos significados entre Renata (lutar) e Laura (emagrecer). Assim como Diego, Laura é vista com pouca frequência nas aulas de boxe, porém, muitas vezes a vi realizando outras atividades na academia como as aulas de *jump* e ciclismo. Essa diversidade entre as duas frequentadoras foi relatada na seguinte passagem:

A aula de hoje foi dada por Ricardo [...]. Na primeira parte da aula, Ricardo fez um aquecimento em que todos os participantes se revezaram no speed bag, teto-solo, corda de esquivar, corda de pular e vermelho. [...] na segunda parte da aula, Ricardo pediu para que formássemos duplas e realizássemos exercícios de defesa e ataque. Faço dupla com Vítor e, ao nosso lado, estão Renata e Laura. Ricardo pede começarmos e Laura visivelmente não se empenha em realizar o que Ricardo propõe. No caso de Renata, ao contrário, se concentra em realizar as tarefas com mais afinco. Porém, Laura continua sem fazer esforços técnicos e Renata fica visivelmente irritada por não conseguir treinar como queria (para lutar). Ao final da aula, quando Laura havia ido embora, Renata se aproxima de mim e diz: “Tu viu né? Que saco treinar com essa guria, ela não se esforça nem um pouco. Se ela só quer emagrecer, vai fazer outra coisa ao invés de lutar boxe.”

Então, como já foi mencionado, esse esporte, apesar de ser considerado individual, a interação entre os alunos durante a aula é constante e pode haver divergências relacionadas à participação de alunos que, segundo opinião de alguns de seus colegas, não condizem com o comportamento esperado (aplicação técnica). Essa maneira de fazer boxe também está presente na fala de Ricardo que, quando perguntado sobre o tipo de aluno que prefere treinar, responde:

Eu gosto daquele que se disciplina, que faz questão pra ele se disciplinar e se policiar através dos movimentos que eu ensino. Eu não gosto do tipo do aluno que eu mostro uma coisa e já no outro dia ele esquece por preguiça, eu gosto daquele aluno que chega e no outro dia ele ta fazendo os movimentos, mesmo que esteja fazendo errado, ele está tentando corrigir, aquele aluno que chega na terceira ou quarta aula, quinta aula e começa: “ah, eu não sei, ah eu não consigo.” Eu não sei se é um lado perfeccionista da parte dele ou é um lado preguiçoso de não pensar e não querer, e querer que eu fique o tempo inteiro do lado dele, eu não vou fazer isso, eu mostro os movimentos e eu espero ele tentar melhorar através do que eu ensino. Tipo, alguém vai te dar um livro, mas ninguém vai ler esse livro para ti, tu vai ter que abrir ele e ler sozinho, agora se tu não consegue entender algumas frase, tu vai perguntar pra alguém. Mesma coisa no boxe, eu mostro um cruzado duas vezes e espero que ele tente fazer sozinho e eu vou lá e dou um toquezinho pra ele melhorar e espero que ele vá assimilando pra melhorar.

A luta é, na maioria das vezes, o maior objetivo na aula de boxe. Nenhum diálogo foi registrado referente aos benefícios do boxe para o corpo durante as aulas. Segue uma passagem em que, durante um exercício no saco de pancada, o professor chama atenção sobre a parte técnica em detrimento da força:

Trabalho no saco pequeno com Vítor enquanto, ao lado, estão Fernando e André, aluno novo, porém assíduo no boxe. Enquanto seguro o saco para Vítor bater, noto que André começa a bater muito forte no saco de pancada grande. Penso que a razão disso é o barulho da luva batendo no saco que causa grande impacto no saco. Porém, André começa a aplicar muita força e, como não tem muita experiência, perde a técnica aplicando golpes que poucos se parecem com os aprendidos na academia. Ao perceber o que está acontecendo, Ricardo pára a aula e fala para André em um tom alterado, para que todos possam ouvir: “Aqui não se faz força. Quer fazer força? Vai pra musculação. Tem que bater direito no saco, do jeito que eu ensino, não adianta bater forte de qualquer jeito”. André consente com a cabeça e todos voltam a fazer as atividades novamente.

No exemplo citado, o aluno parece esforçado e vinculado ao “esporte” boxe e não como atividade física para fins estéticos. Nessa representação (esporte) que se concentram os objetivos mais visíveis durante as aulas de boxe *da academia*. Na passagem anterior, percebe-se nas palavras de Ricardo - “se quer fazer força, vai pra musculação” – a atribuição de uma diferenciação de significados nos dois espaços referente ao uso da academia: a sala de musculação, como nos trabalhos de *fitness* ponderados no início do capítulo, compreende um local em que as pessoas estão ali para fazer força e, assim, hipertrofiar e tonificar seus músculos através de exercícios direcionados a esses fins. Por outro lado, na sala de

treinamento, o que se deve buscar, a partir das idéias do professor, é um aprimoramento das habilidades de lutador através das técnicas ensinadas em aula. Assim, nos discursos dos alunos e nas passagens dos diários apresentados nesse capítulo, pode-se concluir, em um primeiro momento, que a aula de boxe *da academia* está mais relacionada ao desenvolvimento de aptidões de luta do que para uma aula de *fitness*. Assim, na perspectiva do professor, os alunos estariam ali para lutar boxe, na lógica dos salões de treinamento de Wacquant ou no local estudado por Faria (2005), e aqueles que não vislumbrassem esses objetivos seriam mal vistos pelos que freqüentam as aulas com maior assiduidade.

Entretanto, diferente dessas pesquisas, não há, nessa academia, o objetivo de competir ou de profissionalizar-se com o boxe. Assim, atribuir a esse espaço características do boxe de rendimento seria explicar apenas parcialmente os objetivos dos alunos. Por outro lado, atribuir a esse local as características do *fitness* somente seria, mais uma vez, negar a preocupação em lutar boxe tão presente nos dados apresentados até aqui. Então, ainda não havendo uma resposta a essa questão, pretendo, a partir de agora, voltar meu olhar para alguns pontos em que essas práticas se relacionam nas falas de seus alunos e professores. Começo por Ricardo e justifico essa escolha por ser ele um ponto importante acerca da análise dessas relações, já que foi um praticante de boxe profissional nos EUA e, ao chegar ao Brasil, abriu uma academia de musculação e ginástica, posteriormente, inserindo o boxe nesse espaço. Sobre essa mudança, discorre:

Num ginásio, nos Estados Unidos, as pessoas não dão muita bola pra ti, só se tu mostrar talento, se não tu fica seis meses pulando corda e batendo no saco e ninguém te enxergar, lá eles querem é que tu lute, não tem essa de atividade física. Tu tens que ter teu material, tua luva, até teu speed bag e ninguém vai segurar manopla pra ti, a não ser que tu pague cinco ou dez dólares, e quando tu sobe num ringue é pra tomar porrada mesmo porque lá o objetivo é lutar, então tem que ter talento pra isso [...] quando eu cheguei aqui no Brasil foi diferente, se eu fizesse desse jeito aqui, tinha que fechar a academia, ia ficar sem aluno. Aqui eu tive que montar um circuito, comprar luvas, comprar todo o equipamento, começar a falar dos benefícios do boxe, assim, não pra lutar, mas pra condicionamento físico também. Eu até faço um treino mais solto com os alunos às vezes, mas é só com aluno experiente, os outros eu tenho que ficar em cima, cuidando, bem diferente de como eu aprendi lá.

Assim, ao inserir o boxe em sua academia, Ricardo adaptou alguns elementos próprios da ginástica (treinos em circuito, benefícios físicos da atividade) para que o boxe pudesse ser inserido nesse local. Surge, então, uma nova forma de (re) apropriação do boxe com elementos das academias de *fitness*. Esses subsídios também são constantes nas falas dos

alunos em suas entrevistas, os resultados referentes à luta e à aptidão física se relacionam. Como comenta Eduardo, ex-praticante de boxe que, sobre seus objetivos com o esporte:

O que me chamou atenção no boxe foi o treinamento mesmo. Tanto que quando eu treinava boxe, eu perdi muitos quilos. E isso é uma coisa importante, eu achava uma atividade física muito boa e eu não sentia o sofrimento de fazer uma atividade física com obrigação de fazer uma atividade física pra emagrecer, o boxe era uma coisa que unia o útil ao agradável né, ele é uma coisa que me chamava a atenção, que eu gostei do treinamento, gostei do esporte em si e , claro, fazia um bem pra mim, eu emagrecia fácil com boxe e me sentia bem treinando boxe. [...] Acho que é importante também a técnica, e eu acho que seria mais difícil o cara me acertar um soco assim, acho que é positivo, acho que foi importante até saber se defender é importante, mas, eu sou uma pessoa, dificilmente eu faria a reação entendeu ou daria o primeiro passo pra bater uma pessoa, mas se eu me defendesse, acho que ia ser difícil pra elas assim (risos). Claro, não sei se fosse um cara muito forte, não, mas acho que me ajudaria muito hoje em dia se eu chegasse a brigar, acho que é importante, acho que hoje em dia eu saberia muito bem me defender, a dar um soco, a reagir ou acertar tal situação a pessoa em tal local, de tal maneira, sei eu e acho que é importante. Não vou dizer que não elevou um pouco meu ego, digamos assim, que eu ache que, não que eu fiquei mais machão, mas porque eu acho que eu sei bater melhor em alguém, se precisar eu vou saber dar na pessoa, acho que antigamente eu daria um soco muito pior que eu dou hoje, então... A técnica do boxe é incrível.

O condicionamento físico conseguido com a prática é preponderante, nesse caso, para a escolha do esporte pelo seu praticante. Porém, o uso do boxe como uma luta também é referido, mas, diferente dos ambientes competitivos em que a utilizam para é para o rendimento em competições, aqui o boxe é utilizado para a autodefesa. Assim, a técnica de luta também é incorporada pelos seus alunos, porém, não mais para competir, mas como uma possibilidade de defender-se caso seja necessário. Essa mistura de elementos (luta e ginástica) também está presente na fala de Fernando que relata:

Eu tentei fazer musculação, isoladamente, também tentei fazer ciclismo pra conseguir o condicionamento aeróbico, mas pra mim o boxe se tornou mais completo. Porque uma coisa importante: eu ganhei um pouco de massa muscular, mas de uma maneira funcional; eu ganhei massa muscular através do trabalho que eu fazia, e não de uma maneira artificial levantando um peso. Eu conheço muita gente forte de musculação mas que não tem força pra fazer uma atividade física, pra levantar um peso, que não tem uma flexibilidade. Então, não adianta ter só a aparência né, o corpo tem que estar treinado pras atividades.

Com o boxe, o meu objetivo é: me sentir satisfeito de saber que eu sei a técnica e que eu possa reconhecer isso em mim e utilizar, se for necessário, e que o professores também possam reconhecer isso em mim. E que eu tenha a

condição aeróbica de conseguir isso né. Então eu acho que vou juntar as duas coisas: o aprendizado técnico e o aprendizado de força física.

Mais uma vez, a autodefesa é citada como um elemento importante no que concerne o uso do boxe, além do condicionamento aeróbico e o ganho de massa muscular, resultados das horas passadas dentro da academia, adquirir habilidades de uma luta proporciona mais um elemento ausente nas pesquisas sobre academias e boxe de rendimento: a autodefesa. A possibilidade de aprendizagem da luta durante os treinamentos também está presente na fala de Raquel que descreve o que procura no esporte e como este pode ser utilizado:

Eu acho importante a gente saber se defender. Eu acho que aqui me dá condicionamento físico ligado a atividade aeróbica, a agente trabalha força, eu espero nunca precisar disso, mas como meu trabalho envolve conflito, quem disse que um dia eu não vou ter que enfiar a mão na cara de alguém? Então junta o condicionamento físico e o fato de eu estar aprendendo uma luta, na que eu tenha a intenção de agredir alguém, mas no caso de eu precisar me defender em alguma fiscalização que eu for fazer. Eu fui agredida uma vez em uma fiscalização e eu me salvei de um soco que o cara me deu por causa da esquiva. Então eu acho importante pelo menos eu ter uma noção de esquiva principalmente, sabe. Como eu não tenho intenção de bater em ninguém na rua, porque uma vez um idiota ficou lá me provocando e eu não fiz nada. Mas vai que alguma vez precise pra me defender mesmo.

A partir dos dados apresentados, pretendo relacioná-los com os estudos da Antropologia e Sociologia do esporte⁵⁸ e discutir como o boxe *da academia* pode ser dialogado com esses estudos.

7.4 Desesportivização do boxe?

A discussão teórica sobre esporte se pauta por grupos de autores que percebem esse fenômeno de maneiras diferentes. Diante disso, as práticas esportivas constituem um terreno fértil de estudo, mediante as diversas formas de compreendê-las. A primeira delas diz respeito a uma visão homogênea acerca desse tema, segundo esta ótica, o esporte se organiza a partir de uma dinâmica de funcionamento que deve ser definida em uma relação mais ampla com as representações encontradas na sociedade em geral. Tendo como referência a obra de

⁵⁸ Alguns desses autores foram citados no capítulo de problematização dessa pesquisa. Porém, agora os utilizo para relacioná-los com os dados que obtive.

Guttman⁵⁹, Stigger (2005, p. 57), apresenta idéias nessa direção. Segundo esse autor, o esporte moderno possui características que o definem. A partir disso, separei quatro delas que me ajudarão a entender meu campo de pesquisa⁶⁰:

- Igualdade: no esporte moderno, todos os indivíduos (independente de classe social, idade, sexo, etc.) têm o direito de competir em igualdades de condições, sendo que muitos regulamentos são desenvolvidos ara que isso seja garantido;
- Especialização: o esporte moderno é marcado por uma lógica em que a especialização de papéis e o profissionalismo são inevitáveis, o que se relaciona com as funções dos jogadores, com as regras, com divisão de trabalho e com a especialização de profissões a ele ligadas;
- Quantificação: o esporte moderno, coerente com o *modus vivendi* da sociedade moderna, caracteriza-se por transformar todas as façanhas atléticas em algo que possa ser quantificado e medido (número de pontos ou gols, medidas de tempo e distância), sobre o que inúmeros exemplos poderiam ser citados.
- Racionalização: o esporte moderno é vinculado a uma racionalidade que estabelece relações entre meio e fim, o que se expressa na criação e evolução de regras bastante explícitas e capazes de garantir alguma previsibilidade às competições. Assim como na criação de tecnologias (equipamentos, métodos de treinamento, etc.) que visam alcançar determinados objetivos.

Tendo como base essa maneira de entender o fenômeno esportivo, o boxe *da academia* dificilmente poderia ser relacionado com essas características. Deste modo, palavras como: competição, profissão e profissionalismo, presentes nestas categorizações, não são percebidas nas aulas de boxe e tampouco nos discursos dos interlocutores. A homogeneidade defendida por esse autor se distancia das representações encontradas nesse estudo.

Elias e Dunning (1985) argumentam sobre a formação do esporte de maneira diferente. Ao relacioná-la com o desenvolvimento do processo de civilização ocorrido na Inglaterra do século XVIII, afirmam que a passagem de jogo a esporte ocorreu, fundamentalmente, através da coerção da violência, que passaria para o domínio do Estado, este sim, único com poderes de utilizá-la. Assim sendo, os antigos passatempos, estruturados com regras flexíveis, passariam a esportes e se caracterizariam por “confrontos altamente

⁵⁹ Do ritual ao Record (1978)

⁶⁰ Além destas, o autor cita mais três características: secularismo, organização burocrática e recorde.

regulamentados, exigindo esforço físico e competência técnica, caracterizados na sua forma de espetáculo como “desporto” (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 46). Mediante essa estruturação rígida e esportivizada, sobre o boxe, discorrem:

O padrão popular de luta desarmada envolvendo os punhos, ainda que não estivesse totalmente desprovido de regras, era bastante flexível. A luta com os nós dos dedos desprotegidos, como muitos outros combates corporais, assumiu as características de um desporto na Inglaterra [...]. A introdução das luvas, o acolchoamento destas e a introdução de várias categorias de peso, garantiriam um nível superior de igualdade de oportunidades. (p. 42)

Além disso, a busca de uma tensão-excitação também faz parte dos elementos constitutivos do esporte. Assim, a procura pela paridade entre os competidores dos mais diversos esportes é um ponto importante na relação entre as práticas e os praticantes. Sobre o futebol, relatam:

Assim, quando se assiste a um jogo de futebol, não é apenas o clímax representado pela vitória da nossa equipe que oferece emoção e prazer. Com efeito, se o jogo é, em si mesmo, desinteressante, até o triunfo da vitória pode ser, de certo modo, uma decepção. Isso também é verdade quando uma equipe é de tal maneira superior à outra que marca um gol seguido do outro. Nesse caso, o próprio confronto é demasiado efêmero e não se desenvolve como devia ser: essa situação também é decepcionante (ELIAS; DUNNING, 1985, p. 47-48).

Nessa dissertação, um exemplo apresentado na descrição dos dados obtidos que vai ao encontro das idéias de Elias e Dunning é a fala de Renata que, em dois momentos, cita uma preocupação com a tensão que o esporte proporciona. Assim, ao relatar que sua preferência é a atividade de *sparring* porque “é mais emocionante” e ao reclamar de Laura porque “ela não se esforça”, se refere à tensão-excitação ou às emoções agradáveis que, segundo os autores, o esporte proporciona. Na visão da aluna, o *jogo do boxe* deve ser desenvolvido durante as aulas para que “tenha graça”. Na mesma direção, Eduardo, ao estranhar o comportamento de Diego ao não fazer luva e querer apenas realizar exercícios no saco de pancada, representa que o significado atribuído pelo primeiro vai ao encontro do discurso de Renata. Resultados semelhantes foram encontrados por Stigger (2005) que, sobre a fala de um de seus interlocutores sobre essa temática, analisa:

Ao que parece, os integrantes de ambos os grupos visam obter um nível ótimo de tensão-excitação, o que faz com que os jogos aconteçam dentro de uma tensão agradável. Quando Joaquim afirma que é importante haver um

temperozinho nos jogos, explicita uma forma positiva de pensar a tensão [...] (STIGGER, 2005, p. 186).

Porém, se por um lado Renata e Eduardo, assim como outros frequentadores citados, se preocupam em lutar boxe e, assim, atribuem à luta um caráter esportivizado, Laura e Diego, pouco preocupados com essas questões, conferem outras representações ao boxe. Mediado pelos elementos do *fitness* (condicionamento, emagrecimento) o boxe da academia se torna uma prática individualizada para esses sujeitos, sem confronto, sem o *jogo*, e que se distancia das atribuições conferidas pelos autores citados anteriormente.

Além disso, a fala de Ricardo, quando se refere às diferenças encontradas por ele no boxe praticado nos Estados Unidos - “lá, o objetivo é lutar” - e o modo como ele inseriu a luta em sua academia - “aqui, tive que falar dos benefícios físicos do boxe, do condicionamento” - acentua as diferenças entre a luta e a ginástica. A descrição feita em relação ao seu país de origem se relaciona com os resultados dos trabalhos sobre esportes de combate, e a definição da academia vai ao encontro dos estudos sobre as academias de ginástica e musculação. A partir dessas relações, pela ausência de competições, de regras rígidas (as categorias de peso e profissionalização e, algumas vezes, sem o objetivo de lutar boxe), concluo que, mediado pelo *fitness*, nesse local, o boxe é reapropriado de forma desesportivizada.

Em razão das diferentes apropriações apresentadas nesse capítulo, recorro aos autores que vêem o esporte pelo olhar de sua diversidade para compreender o campo de pesquisa. O primeiro deles é Padiglione (1995) que ao refletir sobre essa questão, sugere o seguinte: “A hipótese que quero submeter a considerações é que hoje em dia os esportes são acima de tudo diversificados, no sentido que sua diversidade interior parece ser cada vez mais visível que sua homogeneidade.” (p. 30)

Com pensamentos semelhantes relacionados à importância do contexto em que está inserido, Bourdieu (1990), fala sobre os significados atribuídos pelos seus praticantes definirem a maneira de significar as práticas. Assim, os esportes sofreriam um “efeito de apropriação” (p.216) que determina o modo como este é representado. Stigger (2005), pelos resultados encontrados em sua pesquisa ao estudar o lazer com praticantes de vôlei e futebol, ratifica a importância do contexto de prática na compreensão do esporte.

Concordando com esses autores, os meus resultados vieram no sentido de entender o boxe a partir de sua diversidade. Logo, ao encontrar um local em que essa luta é praticada com objetivos diferentes do que é hegemonicamente difundido, confirmo o olhar sobre a heterogeneidade do boxe, este, definido a partir do contexto sociocultural, histórias de vida e

objetivos dos seus participantes. Porém, além de localizar essa diversidade relacionada aos diferentes grupos de praticantes, também encontrei uma heterogeneidade dentro do grupo, na medida em que, na mesma academia e na mesma aula, havia indivíduos com fins estéticos e frequentadores que objetivavam a luta e, mais do que isso, sujeitos que mesclavam esses dois elementos. Mas, sobre qual olhar posso compreender teoricamente como se desenvolve essa dinâmica? A partir do quadro apresentado na página setenta e nove e sem a possibilidade de inserir o boxe *da academia no fitness* ou na luta, já que esses elementos se relacionam constantemente, como posso responder a pergunta que inspirou esse capítulo?

Então, com o objetivo de compreender teoricamente essas inclusões, recorro ao estudo realizado por Canclini (2008) que, em obra intitulada “Culturas Híbridas”, discorre sobre a fusão de elementos culturais tradicionais e modernos no que se refere há formação de uma nova prática ou estilo. No seu livro, esse autor pontua algumas atividades como o cinema, a literatura e o teatro e a televisão na América Latina e analisa-os sob a luz da “hibridação”: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. 19).

A partir desse conceito que relaciona uma mistura de atributos oriunda de estruturas que, unindo-se, formariam novos objetos ou técnicas procedentes de diferentes interações sociais e simbólicas, as práticas se orientariam no sentido de modificar-se, porém, sem perder estruturas tradicionais, entretanto, assimilando outros elementos pertencentes a outras culturas. Como exemplo disso, no capítulo “A encenação do popular”, o autor relata como o popular, em um primeiro momento, através de visão maniqueísta, que o separaria da linguagem culta sem a possibilidade de relacioná-los, pode ser definido:

O popular é nessa história o excluído: aqueles que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado; os artesãos que não chegam a ser artistas, a individualizar-se, nem a participar do mercado de bens simbólicos “legítimos”; os espectadores dos meios massivos que ficam fora das universidades e dos museus, “incapazes” de ler e olhar a alta cultura porque desconhecem história dos saberes e estilos (CANCLINI, 2008, p. 205).

A partir disso, porém, o autor desconstrói a idéia de impossibilidade de relações entre, por exemplo, a ciência (culto) e o estudo dessas culturas (popular). Sobre isso, pondera:

A reformulação do popular tradicional que está ocorrendo na autocrítica de alguns folcloristas em novas pesquisas de antropólogos permite entender de

outro modo o lugar do folclore na modernidade. É possível construir uma nova pesquisa de análise do tradicional-popular levando em conta suas interações com a cultura de elite (CANCLINI, 2008, p.215).

Assim, é através do olhar da hibridação que me proponho a responder à pergunta inicial dessa etapa da pesquisa. A partir desse olhar, mais que questionar se o que percebo no campo de pesquisa é uma aula de *fitness* ou um treino de boxe tradicional, entendo que esta é uma combinação que se caracteriza por inserir elementos das duas práticas analisadas. Deste modo, a preocupação com o ganho de massa muscular, condicionamento aeróbico, a diminuição do percentual de gordura (fins estéticos) e o investimento nos aspectos técnicos e a aquisição de habilidades de luta se mesclam. Porém, mais do que isso, ali existem especificidades - como a autodefesa, que não foi encontrada na literatura, mas foi citada nas entrevistas - que resultam tanto dos objetivos de constituição da academia, provenientes de interesses de seu proprietário, como das finalidades relacionadas às histórias de vida, aos contextos sociais e aos objetivos de seus frequentadores.

Através dos resultados sustentados pelas minhas observações e da relação com esse olhar teórico, posso concluir que o que se vê no campo de pesquisa não é nem uma aula de *fitness* nem um treinamento de boxe tradicional, e sim, um meio híbrido, imbricado por uma relação de troca entre os dois elementos, porém com uma dinâmica própria de funcionamento - o *boxe da academia* - que traz algumas semelhanças com o que é hegemonicamente difundido e peculiaridades que abrem caminho para novos olhares para o debate científico sobre as academias.

Para finalizar esse capítulo, separei uma imagem captada por mim em uma das aulas. Nessa fotografia, o aluno Marcelo aparece refletido no espelho que se encontra entre dois quadros que fazem parte do espaço da sala de treino. Um deles tem a imagem do boxeador Muhammad Ali, tri campeão mundial dos pesos pesados e, conforme trabalhos do mundo do boxe, é figura constante nas paredes do *gym*. Ao lado e abaixo desse pôster, encontram-se dicas de execução de exercícios de uma aula de *body pump*.



Figura 13 - Marcelo, praticando o "boxe da academia".

A partir dessa disposição, essa imagem possui um significado que traz consigo aspectos que foram aprofundados nas discussões anteriores. Ao tentar compreender o espaço em que realizei a pesquisa, pude perceber que este local se define por uma conexão de relações resultantes de uma forma complexa de *fazer e/ou viver o boxe*. Ali, a ginástica e o treino de boxe se confundem, formando uma dinâmica em que ora o primeiro é o foco dos treinos ou dos participantes, ora o segundo faz parte do direcionamento principal das aulas. Além disso, os frequentadores, que passam esporádica ou frequentemente pelos treinos, não são apenas receptores desses elementos, mas também, trazem consigo vontades, anseios, objetivos e disposições que não podem ser excluídos quando tento perceber as representações que sustentam essa prática.

8 DO PRÁTICO AO EMPÍRICO: REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS DE UM PROFESSOR DE BOXE

“Há oito anos, dedico-me à prática do boxe em algumas academias de Porto Alegre e, nos últimos quatro, passei também a ensinar essa luta”. Esta é a frase que iniciei essa dissertação, a partir dela, surgiu o interesse em estudar a temática e a disposição de elaborar uma pesquisa em um programa de Pós Graduação em Educação Física que tivesse o boxe, esporte que fez parte da minha vida durante tanto tempo, como foco de análise. Assim, a minha experiência como aluno, professor e leitor curioso da *nobre arte* me levou à academia. Esta, aqui, conceituada não como o espaço em que se praticam halteres, corridas na esteira, vestem-se luvas e ataduras que venho descrevendo e analisando nas páginas anteriores, mas agora me refiro ao espaço acadêmico, da universidade, onde me graduei e procuro, com essa pesquisa, entender questões pertencentes ao meu universo prático.

Deste modo, o prático, à luz da academia, se tornou empírico e pude enxergar o local em que me forjei praticante e professor de boxe pela visão antropológica. Com este fim, fechei o elo teórico-prático tão citado nas análises teórico-metodológicas do fazer etnográfico. Para tanto, não apenas realizei a pesquisa empírica, mas também tentei absorver leituras que me dessem a possibilidade de dialogá-las com o que via no campo para, com essa atitude, adotar um olhar reflexivo acerca do meu objeto de estudo. Assim, as preocupações relatadas por professores e alunos, em debates em que o meu estudo foi apresentado, sobre o meu conhecimento e envolvimento no campo de pesquisa, foram levadas em consideração e analisadas por mim, pelo meu orientador e demais colegas do grupo de pesquisa. Concluímos então que a melhor forma de tentar me distanciar do campo, mesmo sabendo que isso não seria possível tendo em vista que uma pesquisa nunca é imparcial e um olhar neutro do pesquisador nunca foi meu objetivo, era adotar uma postura reflexiva através de diálogos e leituras que aumentassem as minhas possibilidades de interpretação e para que esta não fosse pautada apenas pela minha experiência. Portanto, como a realização do estudo ocorreu em um local em que já freqüentava antes de ser aluno de mestrado ou mesmo de ser estudante de Educação Física, procurei estabelecer relações com minha vivência acadêmica materializadas em leituras, debates e ponderações teóricas e empíricas. É sobre essas reflexões que quero tratar nesse capítulo.

Em primeiro lugar, a minha atuação no campo se misturou com meus compromissos profissionais, por essa razão, diferente de outros pesquisadores que decidiram se dedicar às

pesquisas a partir do olhar distanciado do pesquisador, minha visão acadêmica se confundiu com a minha experiência. Além disso, as questões de pesquisa não foram direcionadas somente a partir da vivência acadêmica, mas foram também resultantes de questionamentos que fiz como professor e aluno. Afinal, me dediquei durante alguns anos praticando um boxe sem fins competitivos e, como eu, muitas pessoas passaram pela sala de treino e despertaram minha curiosidade em entender os significados inseridos naquele espaço. Em síntese e tendo em vista minha visão de praticante, o que desejava saber era: que boxe é esse? Dessa forma, com base em toda a descrição e análise feitas até agora e respeitando o tempo proposto pelo programa de Pós Graduação para finalizar o curso, eu já teria elementos para responder a essa pergunta e minhas dúvidas e questões de pesquisa estariam, de alguma maneira, respondidas.

Contudo, também é minha atribuição ensinar boxe e, a partir desse olhar - de professor -, outras perguntas foram surgindo durante essa trajetória. Elas são direcionadas não apenas para compreensão de categorias, mas também me levaram a interrogar se/como esse conhecimento me ajudaria a ministrar aulas. As dúvidas, a partir disso, foram no sentido de saber se a etnografia me forneceria subsídios para, de alguma maneira, modificar a minha maneira de ver o boxe e, conseqüentemente, meu modo de lecionar. Para tanto, nos dias em que atuava como professor, eu registrava minhas sensações acerca da aula; então, depois de alguns meses de observações, comecei a selecionar um espaço em meu diário de campo para este fim. Por essas reflexões, comecei a perceber modificações que estavam ocorrendo em minhas atuações.

Então, a etnografia que, em princípio, seria uma ferramenta metodológica que me possibilitaria conhecer um local com profundidade, me proporcionou, através desse conhecimento, uma possibilidade de visão pedagógica. Pude, então, compreender certos aspectos nas minhas relações com os alunos e nas minhas dinâmicas de aula. Ao ouvi-los e observá-los de maneira sistemática⁶¹, percebi nuances, objetivos e comportamentos que seriam difíceis de serem identificados sem esta pesquisa.

A partir dessas explanações, nesse capítulo procuro entender, em um primeiro momento, como a etnografia pode ajudar o professor sobre o ponto vista pedagógico. Para tanto e com a impossibilidade de ter como base teórica os autores relacionados na parte metodológica desse estudo, já que estes não tiveram, nos trabalhos citados, essa preocupação,

⁶¹ Aqui, diferencio o sistemático *docente* do sistemático *científico*. Portanto, apesar de já observá-los de maneira sistemática durante as aulas antes de realizar a pesquisa (docente), as modificações tratadas nesse capítulo foram resultado de um olhar etnográfico (científico) para o campo.

selecionei dois autores que tiveram esse enfoque teórico-reflexivo. Acredito que eles me ajudaram nesse processo.

A seguir, apresento os dados obtidos durante o estudo, o que faço através de um depoimento que visa fornecer subsídios para que novas pesquisas sobre esse tema sejam realizadas. E, mais do que isso, que esse relato sirva também para que professores de luta ou de outras áreas entendam também a etnografia como uma possibilidade de ferramenta de entendimento e ação.

Como ponto de partida, selecionei o trabalho de Peter Woods (1986) para discutir como, teoricamente, posso me apropriar da etnografia para atribuir a ela um “significado prático” (WOODS, 1986, p.16). Para esse autor, a etnografia possibilita ao professor questionar e refletir acerca de seu ofício. Assim, esse olhar permite a relativização do *fazer profissional* que muitas vezes é realizado sem uma visão crítica que dificulta ao educador entender, de forma mais consistente, o espaço em que atua. Sobre isso, discorre:

A razão principal da imperfeição se aplica pela diversidade de fatores que rodeia as situações que o professor enfrenta e que se encontram em constante mudança, de tal modo que para ele é difícil, quando não impossível, conhecê-los em sua totalidade (WOODS, 1986, p. 17).

Diante dessa afirmação, o educador, devido à multiplicidade de características que o circundam, relacionadas às histórias de vida, comportamentos de seus alunos e os diferentes momentos e locais em que leciona, possui uma dificuldade em relação ao entendimento da complexidade de relações que se estabelecem entre aluno e professor. Deste modo, o conhecimento baseado apenas na prática docente limita a compreensão e diminui a possibilidade reflexiva, por se tratar de uma dinâmica complexa em que os elementos que a circundam são estruturados através de diversos aspectos socioculturais. Assim, utilizar apenas o conhecimento prático para executar as tarefas de ensino é diminuir a possibilidade de compreensão desses aspectos.

A partir dessa preocupação com o ensino, o autor aponta semelhanças entre a prática pedagógica e a etnografia, pois seus objetivos se relacionam, na medida em que se preocupam em compreender universos específicos, através de linguagens, costumes e especificidades que determinam relações e ações dos sujeitos pertencentes a determinado grupo. Em síntese, a etnografia “apresenta condições particularmente favoráveis para contribuir para fechar o hiato entre a pesquisa e a prática docente, entre a teoria e a prática” (WOODS, 1986, p. 18). Na mesma página, ao conceituá-la, afirma:

O termo deriva da antropologia e significa “descrição do modo de vida ou grupo de indivíduos”. Se interessa pelo que as pessoas fazem, como se comportam, como interatuam. Se propõe a descobrir suas crenças, valores, perspectivas e motivações e o modo como tudo isso se desenvolve ou muda com o tempo ou de uma situação a outra. Trata de fazer tudo isso de *dentro* do grupo e de dentro da perspectiva do grupo.

Essa maneira de defini-la é compartilhada pelos autores que apresentei no capítulo sobre a metodologia do trabalho. Porém, além de compreender, o autor sugere que a etnografia, inserida no campo pedagógico, se paute por ser utilizada como um método de reflexão e conseqüente modificação do docente, atribuindo a ela um valor prático. De acordo com esse ponto de vista, a etnografia permite ao educador:

Ampliar suas habilidades estratégicas mediante as múltiplas reflexões e estudos da interação professor aluno. Para ele, é fácil advertir como está se operando realmente as desigualdades fora da sala de aula, e como ele mesmo, talvez involuntariamente, contribui para reforçá-las (WOODS, 1986, p. 22-23).

Deste modo, esse instrumento permite compreender o comportamento de seus alunos e refletir sobre a sua atuação no campo de trabalho. De um olhar que visa compreender aspectos simbólicos e especificidades, esse autor propõe que, a partir dessa compreensão, possa-se também intervir nessas relações.

Com esse mesmo olhar teórico, Paull Willis (1991) realizou um estudo etnográfico em uma escola de classe baixa nos Estados Unidos⁶². A partir dos discursos desses jovens, o autor tenta compreender quais aspectos simbólicos permeiam o local e como esse discurso constitui esses indivíduos como trabalhadores e realimentam representações divididas pela sociedade. A partir disso, utiliza a etnografia como uma maneira de entender e modificar de alguma maneira a visão do sujeito. Para ele, “a descrição etnográfica, sem que nem sempre se saiba como, permite que certo grau da atividade, da criatividade e da ação humana presentes no objeto de estudo chegue à análise e à experiência do leitor” (p. 14).

Baseado nesses autores, a partir de agora apresento como se desenvolveu o meu olhar para as modificações ocorridas nas minhas aulas e minhas reflexões enquanto professor no campo de pesquisa. Para tanto, mostrarei as partes dos diários que se destinavam a este fim. Duas perguntas orientarão o desenvolvimento da parte empírica desse capítulo: como percebi

⁶²A esta cidade, o autor atribui o nome fictício *Hammertown*.

que a metodologia aplicada em meu estudo forneceu condições de relativizar a minha percepção sobre as aulas de boxe? Como isso se materializou durante as aulas?

Durante minha trajetória, aprendi uma maneira de dar aula muito próxima ao estilo clássico já apresentado nessa dissertação, ou seja, os alunos estavam ali, como eu, para aprender a lutar boxe, e esta seria a dinâmica que orientaria a minha maneira de atuar. Porém, essa forma de ministrar as atividades traz consigo aspectos que já foram tratados até aqui e que eu, assim como os participantes da pesquisa, naturalizava em meu comportamento. Deste modo, as minhas aulas se caracterizavam por uma dinâmica parecida, sem levar em consideração que existiam ali uma diversidade de apropriações acerca do boxe. As atividades consistiam basicamente em: uma parte de espelho no começo da aula, na segunda parte, eram realizados exercícios nos sacos de pancada, luvas de foco e treinamento de *sparring*⁶³ e, na última parte da atividade, exercícios de abdominais. Para mim, os frequentadores tinham como objetivo aprender uma luta e não percebia que poderiam existir outras representações ou, mais do que isso, uma mistura de significados atribuídos ao boxe. Assim, na maioria das vezes eu procedia de forma não reflexiva, já que participava e me relacionava com estas pessoas fazendo com que essas naturalizações fossem realimentadas e reconstruídas no cotidiano da prática.

Porém, durante o trabalho, vivi um processo de desconstrução de alguns elementos que se mostravam presentes nas minhas atitudes, resultado de uma percepção da heterogeneidade que circundava o local, referente às finalidades e anseios dos frequentadores/interlocutores. Portanto, ao perceber a diversidade do boxe, ou seja, que ali outro boxe era praticado, caracterizado por elementos do *fitness* e da luta e imbricado por questões ligadas ao gênero, comecei a atuar de outra forma como professor e diversificar a minha maneira de atuar. Um exemplo disso foi a primeira vez em que destinei um espaço em meu diário de campo para este tema e assim relatei:

⁶³ Os exercícios de *sparring*, nas minhas aulas, obedeciam à mesma separação acerca do gênero discutida no capítulo 6.

Hoje, pela primeira vez, questionei a minha aula. As naturalizações que tenho feito com os anos de prática (dar a primeira parte da aula até as 21:30 e só depois disso, trabalhar as partes técnicas, coisa que eu aprendi e pratiquei com os anos de experiência) foram questionadas. Trabalhei uma parte de defesa com Luciana, a mesma seqüência que dei para os homens, também coloquei a aluna para fazer dupla com Diego, contrariando um pouco a idéia de que ela estava ali apenas para fazer uma atividade física. E incluí no seu treino algumas parte de defesa. Também foi a primeira vez que pensei em uma temática para a aula, geralmente sigo os padrões que aprendi. Hoje foram treinados os golpes básicos, porque senti que os alunos precisavam disso. Essas mudanças em meu jeito de dar aula são o resultado das minhas leituras de diários de campo que me permitem questionar não apenas as minhas aulas, mas como também ele é ensinado.

Nesse dia, pela primeira vez, tentei, a partir das reflexões, modificar minha maneira de dar aula e construí uma temática para a aula: os golpes básicos. Além disso, realizei movimentos de ataque e defesa para Luciana tendo em vista uma preocupação que percebi na aluna com a luta e optei não dar a ela exercícios que visassem apenas o condicionamento, como fazia anteriormente. Além disso, optei por selecionar duplas mistas, ao sugerir a ela realizar a atividade com outro praticante. Por conseguinte, obtive uma resposta positiva de Luciana, apesar do estranhamento por parte do participante que atuou com ela na realização dos exercícios em dupla, já que, normalmente, não são realizadas atividades com essa formação.

Porém, houve alguns episódios em que não realizei a misturas das duplas acerca da questão do gênero. Contudo, mesmo assim, tive uma preocupação com esse fato e registrei em meu diário:

Mesmo tendo separado Aline do resto da turma, fiz alguns questionamentos na aula de hoje. Eu separei pela capacidade técnica da aluna ser mais baixa ou pelo fato de ela ser mulher e eu estar tão acostumado com a aula dessa maneira? Se a resposta for a última hipótese, tive dificuldade de colocá-la junto com os demais, fato esse que se deve ao meu aprendizado todo ter sido assim: as mulheres treinam separadas dos homens por praticarem um “outro boxe” mais ligado ao exercício físico do que à luta. Mesmo não tendo mudado isso durante a minha aula, a etnografia me permitiu, pelo menos, questionar o porquê estou agindo dessa maneira. Não quero dizer que com a etnografia eu vá mudar toda a maneira de dar aula ou inventar uma nova maneira, simplesmente ela me permite um exercício de questionamento constante sobre o meu fazer profissional que não tinha quando não a praticava.

Nessa passagem, percebo um conflito entre o que aprendi na minha formação como professor e o que estou percebendo pelas leituras dos diários. Durante a aula, sugeri que a aluna realizasse a atividade separada dos homens, não percebendo uma atitude que venho tomando ao longo dos anos. Porém, ao chegar em casa e registrar minhas observações, refleti sobre esse modo de fazer e percebi o quanto as questões de gênero que vinha estudando para realizar a pesquisa estariam naturalizadas em minha forma de agir.

Logo, as dinâmicas de aula foram modificando ao longo do estudo. Não apenas as questões de gênero, como os exemplos citados anteriormente, mas também as problematizações que realizei no capítulo anterior (*fitness* e luta) também foram foco de meus registros. A seguir, duas passagens que materializam esses questionamentos.

Hoje a aula foi estranha para mim. Ao ver que ao aluno estava treinando boxe *por atividade física* e com pouca preocupação com a luta, direcionei a aula para o lado “fitness”, escolhendo equipamentos que cansam mais, fazendo treinamento em circuitos e mesmo nas minhas correções, muito mais direcionadas aos aspectos do físico do que da técnica. E me estranhei dando essa aula. Ainda não estou convencido de que direcionar a minha forma de dar aula, aprendida em tantos anos como praticante e professor de acordo com quem está participando, seja a melhor escolha. Porém, noto que, pela primeira vez, estou tendo essas atitudes e orientando as minhas aulas dessa maneira. Sem o propósito de estabelecer que o uso da etnografia esteja melhorando a minha maneira de dar aula, ela está, sem dúvida, me fazendo questionar comportamentos naturalizados que eu segui durante a minha trajetória como professor e aluno. Sinto uma confusão em relação ao meu fazer pedagógico, que se resume em três questões: estou certo em mudar minha forma de dar aula a partir dos que estão na aula? Ou devo continuar estruturando-as de acordo com minha aprendizagem anterior? O aluno ou o professor devem determinar o andamento da aula? Será a etnografia uma maneira de unir os objetivos dos alunos com a forma do professor ensinar? Ainda sem essas respostas, prossigo meu fazer etnográfico questionando, além dos comportamentos dos alunos da academia, a minha própria eficiência como professor.

Hoje foi um dia em que encaixei o treino, mais uma vez, de acordo com as especificidades e objetivos dos alunos. Fernando e Fabiano são alunos voltados mais para a questão do treinamento de boxe do que para o fitness. A partir disso, voltei a aula para a correção e aprimoramento das partes técnicas dos golpes e movimentações. Não utilizei exercícios em circuitos ou séries com variadas intensidades que são voltadas mais para o aprimoramento das condições internas (condicionamento aeróbio, força e velocidade), mas sim mais voltados para questões externas, no que diz respeito à técnica dos movimentos. O corpo foi mais uma ferramenta segundo a idéia de Wacquant e menos um fim, característica mais ligada ao mercado do fitness. Essas reflexões são sempre resultado das minhas leituras dos diários de campo, onde começo a notar ou refletir que existem alunos voltados mais para um lado do que para outro e começo, pela primeira vez, a flexibilizar minhas aulas de acordo com esses alunos.

No primeiro caso, ao perceber que nessa aula o perfil dos alunos estava mais relacionado ao condicionamento físico e emagrecimento, direcionei as atividades para estes fins⁶⁴. Na segunda passagem, percebi que o foco da aula deveria ser outro: os aspectos de luta; assim, os desenvolvi e, partir disso, realizei exercícios de *sparring* e movimentações que visavam aprimorar esses elementos.

Ao utilizar as entrevistas, também pude compreender alguns aspectos que acarretaram modificações em minhas aulas. Como na conversa com Marcelo, na qual percebi que alguns elementos que eu caracterizava como pertencentes aos significados que ele atribuía ao boxe foram relativizados. relatei no diário de campo o dia em que entrevistei e, posteriormente, ministrei uma aula para esse aluno:

A aula de hoje foi individual. Coincidentemente, eu acabara de entrevistar Marcelo para a minha pesquisa de mestrado, nela pude ouvir sobre seu histórico de vida, de atividade física e seus objetivos com a luta. A partir disso, montei uma aula especificamente com as idéias que me foram passadas durante a entrevista. Diferente do que pensava sobre esse aluno, ele atribui uma importância grande para o condicionamento aeróbico que o boxe proporciona, em razão disso, montei, na primeira parte da aula, um circuito em que o aluno não parou até que perfizessem trinta minutos de aula. Ou seja, nessa parte, utilizei os movimentos do boxe como um meio para que se chegasse ao condicionamento cardiovascular tão citado pelo aluno na entrevista. Além disso, realizei um trabalho com a corda de pular na metade e no fim da aula. Equipamento que o aluno havia me relatado que tinha enorme dificuldade, com o intuito de motivá-lo e trabalhar seus pontos fracos. Ao final, o aluno me relatou: “foi puxado, mas foi bom. Bem o que eu estava precisando.”

A partir da entrevista, percebi alguns pontos que precisavam ser mais bem desenvolvidos por Marcelo: o condicionamento aeróbico que o aluno me relatou ser um importante aspecto acerca de seus objetivos com o boxe e a dificuldade com alguns equipamentos me fizeram direcionar o objetivo da aula. Além disso, como as entrevistas foram feitas no mês de Abril (último mês de produção de dados) e eu já estava mais ambientado com essa maneira de pensar e agir no modo de ensinar, não precisei, nesse caso, de um maior período de reflexão como acontecia nas outras oportunidade em que eu necessitava chegar em casa, ler os diários e desenvolver uma reflexão acerca dos aspectos do andamento das aulas e que seriam materializados nas aulas posteriores. Nesse caso, a

⁶⁴ A discussão *corpo ferramenta* versus *corpo fim* foi realizada no capítulo anterior.

velocidade com que modifiquei o andamento da atividade foi maior, o que representa um aprimoramento no que concerne o esforço de análise que desenvolvi durante a realização da pesquisa.

No total, foram realizados vinte diários de campo com estruturações como estas que apresentei durante o capítulo. Também, durante o período em que foram realizadas as entrevistas, registrava nos meus diários de campo essas sensações e alterações que descrevi. A partir disso, posso concluir que a etnografia me permitiu questionar alguns conceitos nos quais pouco refletia anteriormente. Um exemplo disso foi a temática do gênero que eu estava estudando no momento em que foram feitas as análises que demonstrei anteriormente. Ao perceber essas questões, mesmo sem colocá-las em prática algumas vezes, devido ao uso constante de outras atitudes, tive condições de compreender que outro olhar sobre o lugar onde atuo poderia ser direcionado tendo em vista, além da experiência prática, a reflexão.

Além disso, importante ressaltar que também adotei uma postura de intervenção. As análises que venho descrevendo até aqui me possibilitaram o *uso prático etnográfico*. Desnaturalizando certas questões, empreendi novas dinâmicas, relações e interações com meu campo de pesquisa/atuação profissional, desconstruí alguns conceitos e materializei essas questões durante o desenvolvimento da aula. Assim, em uma primeira desorganização de resposta que se define em saber o que tem que ser feito, e uma subsequente organização de perguntas que se define em saber porque/como estou fazendo, a etnografia possibilitou que eu modificasse minha maneira de olhar o boxe e alterasse alguns costumes enquanto professor.

Mesmo concordando com a importância da vivência prática para o desenvolvimento pedagógico do professor de Educação Física, concluo que a etnografia é uma possibilidade de aliar essa vivência com um olhar científico, mais distanciado, porém sem perder o contato com o campo. Esse elo teórico-prático fez com que, além da visão prática, eu desenvolvesse um olhar reflexivo sobre o campo.

Concordando com os autores citados no começo do presente capítulo, vejo a etnografia como um meio de intervenção pedagógica, podendo ser utilizada também por professores de Educação Física na sua atuação profissional. As observações registradas e refletidas, além de diálogos com os participantes de determinada atividade são um importante meio de compreensão e ação e, mais do que isso, da compreensão da ação, no sentido de mudar as aulas e refletir sobre essas mudanças. A função desse profissional é, também, pensar sobre aquilo que é feito, levando em consideração o espaço em que atua. As fórmulas de aulas

prontas⁶⁵ como as apresentadas pela empresa *body sistem*, em que o professor tem pouca ou nenhuma possibilidade de intervenção, não ajudam em nada a formação de um profissional da área e, mais do que isso, suspendem a oportunidade de entender as dinâmicas que ali se estabelecem. A possibilidade de modificar, refletir e dialogar com os frequentadores é parte fundamental do aprendizado desse sujeito e também da compreensão e reflexão sobre os aspectos locais, relacionados às histórias de vida, objetivos e elementos culturais do espaço em que trabalha são atitudes que devem ser constantes na rotina do educador. A seguir, apresento as conclusões dessa pesquisa.

⁶⁵ Detalhes de como essas aulas são estruturadas estão disponíveis em: http://www.bodysystems.com.br/frm_prin.htm

9 CONCLUSÃO

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cuja as afirmativas mais marcantes são as que tem a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros... (GEERTZ, 1989, p.39, grifos meus).

No capítulo introdutório dessa dissertação, ao me referir a esta parte do estudo, antecipei que eu apresentaria considerações finais (?). Dessa forma foi citado porque havia dúvidas sobre uma finalização para esse texto, tendo em vista o curto período de tempo que disponho para finalizar esse trabalho. Assim, respeitando o prazo proposto pelo programa de Pós Graduação, opto por concluir essa pesquisa e não finalizar, já que outras descrições, análises e teorizações poderiam ser realizadas em razão da quantidade de material empírico obtido. Além disso, acredito que acabar uma pesquisa sobre boxe não é meu objetivo, digo isso levando em consideração a escassez de trabalhos empíricos que se propõem a estudar essa temática. Sendo assim, o intuito é, também, que, a partir de minhas ponderações, outros autores se interessem por estudar essa prática esportiva que é, concordando com Wacquant, na citação que iniciei a pesquisa, tão mitificada e tão pouco estudada.

Porém, ao escrever o último tópico dessa dissertação, não devo apenas resumir o que foi escritos nas páginas que o precederam, mas sim, para que outros olhares se direcionem a esse tipo de abordagem e eu apresente minha visão sobre o que escrevi, preciso concluir algumas questões. Entretanto, essa retomada dos capítulos também se torna importante na medida em que possibilita materializar a síntese do processo que vivi enquanto pesquisador, contudo, é insuficiente porque não exprime o produto ou, resumindo em três perguntas: o que posso dizer sobre o campo? Como os capítulos podem se relacionar? Após todas as análises realizadas, o que posso concluir? O que aprendi? Por essas razões, a parte final do trabalho se apresentará dessa forma: a retomada teórica e as posteriores conclusões.

Ao me propor a realizar uma pesquisa sobre boxe, considerei importante entender, em um primeiro momento, como ele é representado na sociedade atual. Para tanto, procurei elementos representativos que me fornecessem subsídios para constituí-lo. Com esse fim, selecionei alguns filmes e biografias que abordaram essa temática e pude entender quais significados eram demonstrados por esses meios. Porém, faltaria entender como esse esporte é representado nas ciências como a Antropologia e Sociologia do Esporte. Por esse motivo,

dediquei um tópico para esses estudos. Utilizando os textos de Waquant como suporte teórico principal e relacionando-os com outras pesquisas sobre esportes de combate, pude caracterizar alguns elementos que se encontram nos discursos tanto da sociedade em geral quanto nas pesquisas científicas como: prática das classes sociais mais baixas, indivíduos com objetivos de lutar, sem fins estéticos, predominância masculina nas atividades, entre outros fatores que me forneceram um panorama do que estava sendo discutido no campo acadêmico.

Entretanto, segundo a minha experiência como praticante e professor dessa luta, concluí que o boxe que tive contato durante esse período pouco se parecia com o que eu estava estudando: não havia, no local em que eu freqüentava, objetivos competitivos, as aulas eram mistas e as atividades de luta se misturavam com modalidades de *fitness*. A partir disso, procurei entender o esporte sobre uma ótica mais abrangente, que compreendesse esse fenômeno de uma forma diversificada. Então, autores da Antropologia e Sociologia do Esporte me ajudaram a compreender que o boxe poderia ser visto sobre a ótica da sua diversidade, *outro boxe*, que se inseria em academias de ginástica e musculação poderia ser estudado a partir da heterogeneidade do esporte. Portanto, se de um lado observei que o boxe profissional era o foco da maioria dos estudos pesquisados, a luta que tive contato pouco se aproximava dessas representações e era possível, a partir de um olhar científico, compreendê-lo. Essas reflexões resumem o capítulo de problematização desse estudo e, a partir delas, emergiram as questões de pesquisa, que podem ser resumidas em: porque os sujeitos escolhem o boxe entre as modalidades oferecidas pela academia? Como o boxe se insere na vida desses protagonistas? Que relações podem ser feitas com os estudos sobre esportes de combate e os estudos socioculturais?

A partir dessas questões, escolhi a etnografia como metodologia do trabalho. Essa maneira de olhar o campo de pesquisa permite uma compreensão local, sem generalizações, mas com um entendimento em profundidade de um universo específico. Esta definição vai ao encontro do olhar que eu precisava dirigir ao campo a fim de responder às minhas questões de estudo. Comecei por realizar observações sistemáticas nas aulas em que atuava como professor e nas minhas participações como aluno de boxe, no horário da noite. Além disso, participei de outro horário, do meio-dia, também como aluno. Todas essas observações foram anotadas em um diário de campo, onde registrava as minhas impressões, as relações que fazia com os trabalhos científicos e minhas sensações na relação campo/pesquisador. Ao todo, foram realizadas cinquenta observações, totalizando cento e cinquenta páginas de registros.

A partir da leitura dos diários, fui selecionando elementos que forneceram subsídios para estruturar as entrevistas. Esta foi a segunda ferramenta metodológica. A partir desta

relação de perguntas, foram selecionadas dez pessoas de diversos perfis (preocupação com a luta, objetivos estéticos, homens, mulheres, alunos iniciantes e avançados, professor) que ajudariam a responder as questões que formariam o corpo do trabalho. Deste modo, foram realizadas dez entrevistas, que totalizaram aproximadamente oito horas de gravação.

A partir da escolha metodológica e do material empírico obtido através das observações e conversas com os praticantes, iniciei a apresentação e discussão dos dados, que obedeceu a uma ordem de apresentação que iniciou pela descrição do campo (linguagens, hierarquias, distribuição espacial). A partir da apresentação dessas impressões, pude compreender como os diferentes climas se estabeleciam naquele local. Pude perceber que a sala de musculação apresenta uma distribuição em relação ao gênero, com homens praticando exercícios com halteres e pesos livres e mulheres utilizando, na maioria das vezes, exercícios nos equipamentos de membros inferiores e esteiras.

No que se refere à sala em que são realizadas as modalidades, incluindo o boxe, percebi que há, entre essas modalidades, um conflito de interesses acerca da utilização do espaço. As modalidades se relacionam, dividindo (e competindo) com/por um local em que a colocação dos equipamentos e sua subsequente retirada após o término das atividades, refletem uma disputa simbólica naquele local. Além disso, procurei explicar quais são os golpes, exercícios básicos e equipamentos utilizados nas aulas para que o leitor entendesse como o boxe é praticado. Do mesmo modo, procurei constituir uma descrição mais aprofundada relatando quais são os significados envolvidos nesses elementos.

A estruturação básica de uma aula de boxe *da academia* constituiu a segunda parte do capítulo descritivo. Procurei explicá-la também em relação às representações presentes. Ao perceber que o boxe *da academia*, apesar de não haver uma divisão nas indumentárias dos frequentadores (faixas, cores de uniforme, etc.), possui uma hierarquia simbólica que é demonstrada em diálogos, discursos e fatos ocorridos durante os treinos, pude compreender também como se desenvolviam as dinâmicas de treino (posicionamento à frente do espelho, escolhas de parceiros de treino e *sparring*). Percebi, então, que a aula de boxe era dividida, normalmente, em três partes básicas: exercícios na frente do espelho, aquecimento e atividades em dupla. Por ser realizada em pares, a última parte da aula chamou-me atenção e pude refletir sobre as causas das duplas serem separadas, na maioria das vezes, da mesma maneira: mulheres sempre treinavam juntas e os homens eram divididos por seu nível técnico ou tempo de prática, e pude questionar: porque as mulheres treinam juntas, independente do nível técnico?

Essa foi a pergunta que motivou a escrita da primeira categoria do trabalho, o gênero, intitulada: como elas fazem? O que eles esperam? A partir dessas questões, procurei, em um primeiro momento, entender como o gênero poderia ser classificado teoricamente e, após isso, relacioná-lo com os meus dados empíricos. Pude perceber então que o *ser homem* e o *ser mulher* são uma construção social, dependente do tempo histórico e contexto social. A partir disso, desconstruí a explicação que comumente é relatada por professores e alunos sobre a separação das mulheres nas aulas e que remete a uma diferença biológica entre os sexos. A partir desse conceito, naturalmente, eles deveriam treinar separados, pois a diferença na constituição muscular acarretaria uma desigualdade na mistura dessas duplas.

Meus resultados foram no sentido de que essa diferenciação é feita a partir de uma percepção construída socialmente de que as mulheres estariam ali para ganhar condicionamento, emagrecer e fariam um boxe diferente dos homens, mais direcionado à atividade física. Entretanto, no discurso das mulheres, apesar de cuidados com o corpo aparecerem relacionados às suas finalidades, o objetivo de aprender uma luta e a preferência por atividades que simulassem o confronto também fez parte do repertório de interesses acerca da luta. Apesar disso, observei durante as aulas que às mulheres é direcionado um lugar diferente dos homens, relacionado ao emagrecimento e condicionamento que o boxe proporciona, pois “homem luta, mulher treina”.

O surgimento dos discursos sobre características ligadas às academias de ginástica e musculação levaram-me a tentar compreender o campo em que estava pesquisando de outra maneira. Tentei, então, entender o que os alunos que estavam ali objetivavam com os treinamentos: aula de *fitness* ou treino de boxe? Essa foi a pergunta que possibilitou a construção desse capítulo que se pautou, em um primeiro momento, em entender como os trabalhos sobre academias de ginástica e musculação e os estudos sobre boxe tradicional poderiam se relacionar com os dados que obtive e, a seguir, dialogar as falas, fatos e discursos com a discussão do esporte a partir do ponto de vista sociocultural. A partir das relações com a construção social do corpo, pude perceber que existia, entre o boxe tradicional e o *fitness*, uma diferença na forma com este é reapropriado. Assim, pude concluir que nas academias de ginástica e musculação o corpo é um fim, ou seja, os indivíduos que ali estão se preocupam com a saúde e estética. No sentido contrário dessa afirmação, os lutadores estudados nas pesquisas sobre esse tema significam o corpo de forma que este produza as técnicas de luta aprendidas nos treinamentos. O corpo-lutador é uma ferramenta ou um meio.

Estabelecidas essas diferenças, concluí que meus dados não poderiam ser inseridos nas lutas ou no *fitness* em razão da mistura desses elementos estarem presentes nos discursos e

nos fatos registrados. Assim, sob o ponto de vista teórico, procurei entender o boxe *da academia* inserido na discussão sociocultural do esporte. Pude concluir que o local que estudei se relacionava com uma visão heterogênea do esporte, onde a importância do contexto, do histórico de vida e de atividades físicas dos interlocutores formava a dinâmica que orientava essa prática. Além disso, ao relacionar o boxe *da academia* com o conceito de esportivização proposto por Elias e Dunning, concluí que, no meu *locus* de pesquisa, o boxe é reapropriado de forma desesportivizada, caracterizado pela ausência de competição, a flexibilização de regras e o objetivo, em alguns casos, de não aprender o boxe como uma luta.

Porém, ainda faltava discutir como posso, teoricamente, responder à pergunta título do capítulo. Para tanto, recorri ao estudo realizado por Canclini para entender essa mescla de culturas entre o boxe tradicional e o *fitness*. Concluí que não se pode relacionar dicotomicamente o boxe *da academia* com o treino de boxe nem com a ginástica de academia. O que encontrei foi um meio *híbrido*, que traz consigo elementos das duas práticas, todavia, além disso, apresenta especificidades relacionadas àquele universo cultural.

Feitas essas descrições e análises, o meu objetivo com o último capítulo foi dissertar sobre a minha relação com o campo de pesquisa, mais especificamente, compreender como a prática etnográfica me possibilitou mudar a minha forma de ministrar as aulas. Antes disso, na impossibilidade de utilizar os autores que me apoiaram na descrição dos aspectos metodológicos do trabalho, selecionei trabalhos que se voltam em entender a etnografia como uma ferramenta pedagógica capaz de, pelas reflexões proporcionadas pelos registros de campo, provocar mudanças na maneira de atuar do professor.

Concordando com esses autores e ao separar uma parte dos meus diários para registrar essas mudanças, percebi que a minha pesquisa estava possibilitando que houvesse alterações na minha maneira de atuar. Comecei por perceber que havia no local uma diversidade de apropriações acerca do boxe. A partir disso, questões como a separação de duplas mistas, o direcionamento das aulas para o condicionamento físico através de treinamento em circuitos e exercícios que se direcionavam mais a este fim foram sendo introduzidos quando os frequentadores assim objetivavam. Por outro lado, quando entendia que os alunos que ali estavam visavam a luta, procedia de maneira diferente, inserindo exercícios mais técnicos como *sparring* e luva de foco e, além disso, cobrando dos alunos aspectos relacionados à técnica de luta. Posso concluir que a etnografia me proporcionou uma maneira diferente de olhar para o campo: a partir de sua diversidade e, também, essa percepção foi materializada em minha maneira de atuar.

A trajetória descrita até aqui me levou a relacionar alguns aspectos entre as discussões. Esse processo científico produziu um novo olhar sobre as representações do boxe, a participação das mulheres e as academias de *fitness*. Uma das conclusões que cheguei é que as representações desse esporte ainda permeiam o imaginário da maioria das pessoas. Digo isso pelo relato de meus interlocutores e por observações dentro e fora da academia. A conotação de brutalidade, agressividade e violência tão difundida pelos meios de comunicação mitifica o esporte e o olhar do senso comum se baseia apenas nessas representações.

Não que as práticas agressivas, de contato físico e, algumas vezes, violentas, não sejam legítimas, pois também possuem uma lógica própria, que deve ser entendida *por dentro*. O que critico é a análise *a priori* que muitas vezes é feita sobre o boxe e sobre seus participantes, e que causa uma série de preconceitos e opiniões descontextualizadas, que levam em consideração apenas o que é retratado nos filmes, documentários e na mídia. Considerar os praticantes de boxe seres violentos apenas por escolherem o boxe como prática, mesmo que profissional, é, mais uma vez, desconsiderar a multiplicidade de fatores que podem estar envolvidos nessa escolha, como: história de vida, cultura, necessidades e a rede de significados que permeia o sujeito na sua relação com a sociedade.

Por outro lado, defender a idéia de que o boxe inserido nas academias de *fitness* é uma reprodução em miniatura do boxe tradicional ou inferir que o boxe *da academia* não é boxe, mas sim uma ginástica, também é enxergar apenas superficialmente esse fenômeno. O entendimento deve recair sobre a sua complexidade de características advindas dos sujeitos, dos contextos e da cultura na qual está inserido. A compreensão aprofundada e reflexiva deve levar em conta todos esses elementos e não apenas atribuir juízos de valor referentes á idéias pré-concebidas e, muitas vezes, levianas, pois geram preconceitos e atribuem a seus praticantes rótulos que não têm relação com a escolha da prática esportiva

Pelos resultados dessa pesquisa, posso entender que rotular não somente o boxe, mas mesmo um pequeno espaço onde se ele é praticado, como a academia, é diminuir a capacidade de compreensão, pois ali encontrei homens que se preocupam com a estética, mulheres que visam à formação de luta para aplicar como uma possibilidade de autodefesa em uma sociedade em que a violência faz parte cada vez mais do cotidiano. Além disso, essas características interagem, se relacionam, co-habitam, somam e dividem o mesmo espaço.

A partir desse ponto de vista, proponho ao leitor refletir sobre a análise que faço de uma pergunta que muitas vezes é feita sobre a minha pesquisa: o boxe *da academia* é boxe? A minha resposta a essa questão trás consigo uma reflexão acerca do fenômeno esportivo, que é resultado da percepção que tive ao realizar esse estudo. A partir disso, a minha resposta é:

sim, é boxe, o boxe *da academia*. Logo, o que questiono não é a resposta a essa pergunta, mas a própria pergunta. Acredito que questionar apenas se é ou não boxe é diminuir a compreensão do termo. O boxe, como prática em si, descontextualiza, não serve como definição em uma sociedade em que uma multiplicidade de fatores orienta o comportamento dos indivíduos e suas relações com as diferentes esferas sociais. O esporte não pode fugir dessa concepção. Portanto, a análise deve ser feita através desse olhar, existe uma variedade de boxes nos mais diversificados espaços: o boxe *de competição*, boxe *para luta*, boxe *da academia*, boxe *profissional* e outros. Todos são boxes porque usam luvas, não se pode bater da cintura para baixo, os golpes ensinados e as esquivas são semelhantes, essas características dão a eles universalidades. Porém, é o complemento desse substantivo que permite a compreensão aprofundada.

Não vejo outra maneira de entender essa complexidade que não seja pelo princípio de desnaturalizar, questionar, relativizar e desmembrar relações e significados que passam despercebidos ao primeiro olhar. Portanto, para finalizar esse estudo, não posso fazer considerações finais, pois meu maior objetivo é iniciar discussões e abrir precedentes para novas reflexões a partir dele, mas posso concluir que essa temática carece de novas formas de entendimento.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 445-465, jul./dez., 2003.
- ALMEIDA, F. Q.; MORAES, C. E. A.; OLIVEIRA, S. T. Tornando-se lutador (a): a forja identitária entre praticantes de Mixed Martial Arts (MMA) em academias de Vila Velha (ES). In: *Fazendo Gênero*, 8, 2005 Florianópolis. **Anais...**
- ALMEIDA, M. N.; BARTHOLO, T. L.; SOARES, A. J.; Uma roda de rua: notas etnográficas da roda de capoeira de Caxias. **Rev. Port. Cien. Desp.** Porto, v. 7, n. 1, p. 124-133, 2003.
- ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e gênero. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 17, p. 127-147, 2002.
- BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papiрус, 1986.
- COLUCCI, V.L. Impulsão para a escrita: o que Freud nos ensina sobre fazer uma tese. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A.M.N. (orgs.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- COSTA, V. L. M.; TUBINO, M. J. G. Esportes praticados na areia da praia: representações simbólicas do espaço lúdico. **Artus – Revista de Educação Física e Desporto**. São Paulo, v. 18, n. 1, p. 27-37, 1998.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 115, p. 139-154, Mar., 2002.
- DURKHEIN, È. **Vida e obra**: os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- ELIAS, N.; DUNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985.
- FARIA, C.P. **Corpos no Ringue**: encontros de discursos e práticas, representações e imagens na experiência da participação em um “projeto social” entre jovens moradores da Maré (RJ). 175 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2005.
- FARIAS, R. D. C.; GOELLNER, S. V. A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição. **Rev. Bra. Educ. Fís. Esp.** São Paulo, v. 21, n. 2, p. 143-55, abr./jun., 2007.
- FERRETI, M. A. C.; KNIJNIK; J. D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, jan./abr., 2007.

FIGUEIRA, M.L.M.; GOELLNER, S.V. A promoção do estilo atlético na revista *capricho* e a produção de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 87-99, 2005.

FLORES, J. E. **A luta além dos ringues**: a emocionante trajetória de Muhammad Ali. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2001.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Caxambu, n. 10, p. 58-78, jan./abr., 1999.

GASTALDO, E. L. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, O. F. (org.). **Corpo e significado**: ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001. p. 203-221.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, mai./ago., 2007.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.** São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-51, abr./jun., 2005.

_____. O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2., 2007, Recife. **Anais...** Recife: CBCE, 2007. On-line. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/cd/resumos/096.pdf>. Acessado em: 15 de janeiro de 2010.

GOELLNER, S. V.; FRAGA BRANCO, A. B. Antinoüs e Sandwina: encontros e desencontros na educação dos corpos brasileiros. **Movimento**. Porto Alegre, v.9, n. 3, p.59-82, set./dez. de 2003.

GOLDEMBERG, M.; RAMOS, M.S. A civilização das formas: o corpo como um valor. In: GOLDEMBERG, M. (org.). **Nu e Vestido**: dez Antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOMES, I.M.; PICH, S.; VAZ, A.F. Sobre algumas vicissitudes da noção de saúde na sociedade de consumidores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n.3, p. 137-151, 2006.

GUTTMANN, A. **From ritual to Record**: the nature of modern sports. Columbia University Press. New York, 1978.

HANSEN, R. VAZ, A.F. Treino, culto e embelezamento do corpo: Um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v.26, n.1, p. 135-152, setembro, 2004.

HERZLICH, C. A problemática das representações sociais e sua utilidade no campo da doença. **Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, supl., p. 57-70, 2005.

JODELET, D. Les representaciones sociales regard sur connaissance ordinary. **Scienses Humanies**, Paris, n. 27, 1993.

- LAHIRE, B. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- LIMA, P. B. B.; VOTRE, S. J.; Representação de gênero para praticantes de Muai Thai do Rio de Janeiro. In: Fazendo Gênero, 8, 2005 Florianópolis. **Anais...**
- LIMA, R.R. **Edifícios de apartamento**: um tempo de modernidade no espaço privado. Estudo da radial Independência/24 de Outubro – Porto Alegre – nos anos 50. 336 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2005.
- LOPES LOURO, G. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez., 2000.
- MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação ou de como os Baloma de Kiriwana podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, R. (org.). **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MAILER, N. **A luta**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MALYSSE, S. Em busca dos (H) alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da cultura carioca. In: GOLDEMBERG, M. (org.). **Nu e Vestido**: dez Antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- MALINOWSKI, B. K., **Argonautas do Pacífico Sul**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MARIANTE NETO, F. P., **Muhammad Ali, um outsider na sociedade americana?** 40 f. Monografia (Conclusão de Curso) – Licenciatura em Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- _____. Esportes de combate: um panorama sociocultural. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 14, 1. sem., 2009.
- MARQUSEE, M. Sport and stereotype: from role model to Muhammad Ali. **Race & Class**. v. 36, n. 4, 1995.
- MATA, D. Hacia una especialización en antropología de campo: la etnografía del deporte. **Apunts: Educación física y deportes**. Barcelona, n. 63, p. 6-14, 2001.
- MEYER ESTERMANN, D; SOARES, R. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: **Corpo, Gênero e sexualidades**, Porto Alegre: Mediação, 2004.
- MELO, V. A.; VAZ, A. F. Cinema, corpo e boxe: notas para pensar a relação boxe e sociedade. **Temas e Matizes**. Rio de Janeiro, n. 7, 1. sem., 2005.
- MELO, V. Esporte e cinema: diálogos – as primeiras imagens brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 21-37, jan., 2005.

_____. **Esporte, imagem, cinema: diálogos.** Relatório de Pesquisa. Pós-Doutorado em Estudos Culturais. Programa Avançado de Cultura Contemporânea, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. Rocky Balboa 6: último suspiro do velho herói norte-americano? **Revista de História do Esporte.** Resenha., v. 1, n. 1, jun., 2008.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: TRIVINÕS, A. N. S.; MOLINA NETO, V. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MOTA, F. M. Sonoro silêncio: por uma história etnográfica do aborto. **Estudos Feministas,** Florianópolis, n.16, v.2, p. 681-689, mai./ago., 2008.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas.** Florianópolis, v. 8., n. 2, p. 9-41, 2000.

NUNES, C. R. F. O espetáculo do ringue: o esporte e a potencialização de eficientes corporais. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (orgs.). **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 55-72.

_____. **Corpos na arena: um olhar etnográfico sobre a prática das artes marciais mistas.** 251 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. **Revista de Antropologia - USP.** São Paulo, v. 39, n. 1, p. 17-36, 1996.

PADIGLIONE, V. Diversidad y pluralidade en el escenario deportivo. **Apunts: Educación física y deportes.** Barcelona, n. 41, p. 30-35, 1995.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza. In: SANT'ANNA, D. B. **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

PROST, A.; VINCENT, G. (orgs.). **História da vida privada.** v. 5. Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 94-113.

REMNICK, D. **O rei do mundo: Muhammad Ali e a ascensão de um herói americano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES; J.C. **O tabu do corpo.** Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986.

SAUTCHUK, C.E. A medida da gordura: o interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana.** Rio de Janeiro, v. 13, n.1, p. 181-205, 2007.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SILVEIRA, R. da. **Esporte, homossexualidade e amizade: estudo etnográfico sobre o associativismo do futsal feminino.** 156 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-

Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidade esportiva em espaços urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

TRAJETÓRIA ACADÊMICA E PENSAMENTO SOCIOLÓGICO. Entrevista com Bernard Lahire. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 2, p. 315-321, mai./ago., 2004.

TRUZ, R. A.; NUNES, A. V. A evolução dos esportes de combate no currículo do Curso de Educação Física da UFRGS. **Movimento**. Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 179-204, jan./fev., 2007.

THOMAZINI, S.; MORAES, C.; ALMEIDA, F. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts (MMA). **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 3, 2008.

VAGO, T.M.; O esporte “na escola” e o esporte “da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permente: um diálogo com Walter Bracht. **Movimento**. Porto Alegre, a. 3, n. 5, 1996/2.

VICTORA, C. G.; KNAUTH, D. S.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002.

WACQUANT, L. Os três corpos do lutador. In: LINS, D. A. (org.). **Dominação masculina revisitada**. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. Whores, slaves and stallions: languages of exploitation and accommodation among boxers. **Body and Society**. v. 7, n. 2-3, p. 181-194, 2001.

_____. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. A Zona. In: BOURDIEU, P. **A miséria do mundo** (org.). Petrópolis, Vozes: 2003.

_____. Un traficante de carne en acción: pasión, poder y lucro en la economía del boxeo profesional. In: LACHAUD, J. M.; NEVEUX, O. (orgs.). **Cuerpos dominados, cuerpos en ruptura**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.

WINKIN, Y. Descer ao campo. In: _____. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papyrus, 1998. p. 129-145.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Porto Alegre: Artmed, 1991.

WOODS, P. **La escuela por dentro**: la etnografía en la investigación educativa. Buenos Aires: Paidós, 1986.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Porto Alegre, ____ de _____ de 200__.

Você está sendo convidada (o) a participar de uma pesquisa com o seguinte título: “Da academia de boxe ao boxe da academia: um estudo etnográfico. Assim, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de aceitar, com a sua assinatura, participar deste estudo. Você receberá, se assim o desejar, uma cópia deste termo, para que possa questionar quaisquer dúvidas que possam surgir.

Objetivos do Estudo:

- Compreender o universo do boxe praticado nas academias de Porto Alegre.
- Publicar os resultados da pesquisa em revistas e congressos relacionados com as áreas de conhecimento afins ao objeto de pesquisa.

Procedimentos:

- Participar de uma ou mais entrevistas, previamente agendadas, a serem realizadas num local combinado. Essa entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação das informações coletadas.

Riscos e Benefícios do Estudo:

- 1) Sua adesão como colaborador (a) com este estudo não oferece nenhum risco à sua saúde, tampouco submeterá você a situações constrangedoras.
- 2) Você receberá cópia da sua entrevista para confirmar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes de o texto ser transformado em fonte da pesquisa.
- 3) Este estudo poderá contribuir no entendimento científico das representações envolvidas no boxe em academias.

Confidencialidade:

Todas as informações coletadas preservarão a sua identidade e ficarão protegidas de utilizações não-autorizadas.

Voluntariedade:

Sua recusa em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se esse for o seu desejo.

Novas informações:

A qualquer momento, você poderá pedir esclarecimentos sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com o pesquisador.

Contatos e Questões:**Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul****Flávio Py Mariante Neto***E-mail:* flaviomariante@hotmail.com

Fones: (51) 32259634 – 99549981

Apêndice B - Roteiro de entrevistas

1. Nome:
2. Idade:
3. Escolaridade:
4. Profissão:
5. Fale de seu histórico de atividade física.
6. Há quanto tempo pratica boxe? Como começou?
7. Porque boxe e não outra luta?
8. Porque escolheu essa academia?
9. Como chegaste? Como se deu a sua entrada?
10. Faz outras atividades além do boxe dentro ou fora da academia?
11. Por quais motivos escolheu o boxe entre todas as atividades oferecidas pela academia?
12. O que as pessoas do seu convívio (amigos, família, namorado (a)) pensam de sua prática?
13. O que você acha da participação das mulheres nas aulas?
14. Você costuma assistir a filmes e lutas de boxe? Que relação tem esse boxe com o que você pratica?
15. Como você vê a violência no boxe?
16. Que parte do treino você prefere? Por quê?